



Projeto

POVOS

Território, Identidade e Tradição

TERRITÓRIOS DO

SUL DE

AN
GRA
DOS
REIS

Filho da terra

Filho agradeço por você nascer, desde de pequenino sou eu que vou te dar de comer.

Filho terá muita fartura porque tudo quiser é só plantar para se alimentar será uma doçura.

Filho antes de você nascer já existia esse conflito com muito egoísmo, o nome disso é capitalismo.

Filho não se iluda com carro e mansão o dinheiro que eles querem te dar muito mal vai dar para comprar o seu pão.

Filho eles falam que são meus donos, criam casas de veraneio, empresas, condomínios forjam documentos para dizer que estão com o domínio.

Filho cuidado com essa gente, eles matam derrepente.

Filho eles estão vindo ali, vejo jagunços armados até os dentes, vindo expulsar esse povo contente.

Filho este povo sempre cuidou de mim, respeita cada ciclo como se eu fosse um jasmim.

Filho já é tarde, ele esta ali, veio de uma forma covarde não quer respeitar nada aqui.

Filho a mãe te acaricia, para você seguir a sua travessia.

Filho você sabe que sou a mãe terra, agradeço a toda essa gente que luta por um dia melhor e contente.

Saiba que um dia vou te acariciar mas os covardes, a terra não há de perdoar.

Choro a perda de um filho imponente que morreu inocente na guerra por paz.

Existe muito sangue derramado aqui, a justiça divina há de vir, porque a dos homens existe falhas mas nada disso nos cala.

Penso no dia em que vão tirar as cercas e os povos serão livres com certeza.

Sem agrotóxicos na plantação será um dia de muita emoção.

Meus filhos agradeço por toda luta pois, eu sei como retribuir, agradeço por essas pessoas que apesar da idade luta pela felicidade e um dia vão conseguir.

Fabiana Ramos

Territórios tradicionais do Sul de Angra dos Reis

Executante



Empreendedor



Órgão Licenciador



A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros



OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS
ANGRA • PARATY • UBATUBA



COORDENAÇÃO NACIONAL DE COMUNIDADES TRADICIONAIS CAIÇARAS



FICHA TÉCNICA

Realização:

Associação Comunitária Indígena do Bracuí - ACIBRA

Associação dos Remanescente de Quilombo Santa Rita do Bracuí - ARQUISABRA

Associação dos Moradores da Gamboa e Praia do Recife

Associação dos Barqueiros do Frade

Associação dos Moradores e Amigos da Vila Histórica de Mambucaba

Associação de Pescadores Amadores da Praia Vermelha - APAR-PRAVER

Associação dos Moradores da Praia Vermelha - AMORPRAVER

Validadores | Movimentos Nacionais:

Julio Garcia Karai,
Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)

Marcela Cananea, Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC)

Neimar Lourenço Nascimento dos Santos
Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

Coordenação de Gestão Territorializada:

Fabiana Miranda

Coordenação de Campo:

Rodrigo Pennutt da Cruz

Pesquisadores de Campo:

Fabiana Ramos, Júlio Garcia Karai, Gabriel Martins Nogueira, Guilherme Oliveira Lara Rosa

Textos:

Rodrigo Pennutt da Cruz, Anna Maria Andrade, Cristiano Lafeté, Fabiana Miranda, Gabriela Muruá, Santiago Bernardes

Revisão Técnica:

Helena Tavares, Athos Vieira, Anna Maria Andrade, Cristiano Lafeté, Rodrigo Pennutt da Cruz

Mapas:

Guilherme Oliveira Lara Rosa, Janaina Cassiano dos Santos, João Oswaldo Cruz, Nicholas Saraiva,

Fotos:

Mauriceia Pimenta Tani, Janaina Cassiana dos Santos, Eduardo di Napoli, Felipe Scapino, Marina Duarte de Souza.

Projeto Gráfico e Editoração de Imagens:

Eduardo di Napoli, Tiê Passos

Diagramação:

Leticia B Dias

Ilustrações e infográficos:

Tiê Passos

Transcrição de Entrevistas:

Thaís Ferreira Rodrigues, Rodrigo Pennutt da Cruz

Tradução e transcrição em Guarani:

Júlio Garcia Karai

OTSS - EXPEDIENTE FIOCRUZ:

Coordenação Geral:

Edmundo Gallo (Fiocruz), Vagner do Nascimento (Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba)

Coordenação de Gestão Territorializada:

Fabiana Miranda

Colegiado de Coordenação Estratégica:

Edmundo Gallo, Vagner do Nascimento, Fabiana Miranda, Marcela Cananea, Julio Garcia Karai, Indira Alves França, Sidélia Silva, Leonardo Freitas, Ana Maria Correia, Mauro Gomes, Vinícius Carvalho.

Coordenação de Campo / Povos:

Rodrigo Pennutt da Cruz, Anna Maria Andrade, Cristiano Lafeté

Pesquisadores de Campo (FCT) / Povos:

Ana Carolina Santana Barbosa, Fabiana Ramos, Gabriel Nogueira, Julio Garcia Karai, Ivanildes Kerexu Pereira, Jardson dos Santos, Luisa Vilas Boas Cardoso, Raquel Albino, Santiago Bernardes, Robson Fernandes

Assessoria Jurídica:

Thatiana Lourival

EM MEMÓRIA:

Jaxuka Mirim (Josiane Aquiles Garcia) – Aldeia Sapukai – 21/8/2006-16/5/2023; Jorge Martins da Silva "Seu Guaxe" - Quilombo Santa Rita do Bracuí

ISBN nº 978-65-87063-35-5

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

P964p Projeto Povos: Território, identidade e tradição. Territórios do Sul de Angra dos Reis / Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina. Fórum de Comunidades Tradicionais. Fundação Oswaldo Cruz. — Rio de Janeiro : Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, 2023. 265 p. : il. color. ; fotos ; mapas

ISBN:

1. Povos Indígenas. 2. Quilombolas. 3. Caiçaras. 4. Saneamento. 5. Educação. 6. Licenciamento Ambiental. 7. Política Pública. 8. Segurança Alimentar. 9. Pré-Sal. 10. Petróleo. I. Título.

CDD – 23.ed. – 980.41

TERRITÓRIOS

SUL DE

AN GRA DOS REIS

ÍNDICE

Projeto Povos	08
Entendendo o Pré-Sal	10
Como estes mapas são feitos	14
Como usar esses mapas a favor da comunidade	16
Territórios Sul de Angra dos Reis	18
Introdução	24
Aldeia Sapukai	38
Quilombo Santa Rita do Bracuí.....	74
Praia do Recife.....	126
Frade.....	148
Vila Histórica de Mambucaba.....	192
Praia Vermelha.....	240
Mapas	
Microterritório Sul de Angra dos Reis	20
Maritório Sul de Angra dos Reis	22
Aldeia Sapukai	70
Quilombo Santa Rita do Bracuí.....	124
Praia do Recife.....	146
Frade.....	190
Vila Histórica de Mambucaba.....	238
Praia Vermelha.....	264

**Pela primeira vez,
nós por nós mesmos.**

**Nós, os povos tradicionais
de Angra dos Reis, Paraty
e Ubatuba, dizendo
quantos somos, como
vivemos e o que buscamos
para a plena realização
dos nossos direitos.**



Projeto Povos: Território, Identidade e Tradição

Conheça a mais abrangente iniciativa de cartografia social já realizada na Bocaina. Protagonizada pelas próprias comunidades, a caracterização envolve territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP)

Qual é exatamente o território tradicionalmente ocupado pelos quilombolas? Quais são as condições de saneamento dos indígenas? E quais são os desafios dos caiçaras em relação ao acesso à educação? Estas são apenas algumas das informações que serão reveladas pelo Projeto Povos, iniciativa que vai colocar de vez, no mapa do Brasil, os territórios de 98 comunidades e localidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

Reivindicação histórica do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, para a produção de petróleo e gás pela Petrobras na Bacia de Santos. Quem executa é o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre o FCT e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Participam também a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Comissão Guarani Yvyrupá (CGY) e a Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC), que completam o conselho do projeto com a missão de garantir que todos os direitos das comunidades sejam respeitados.

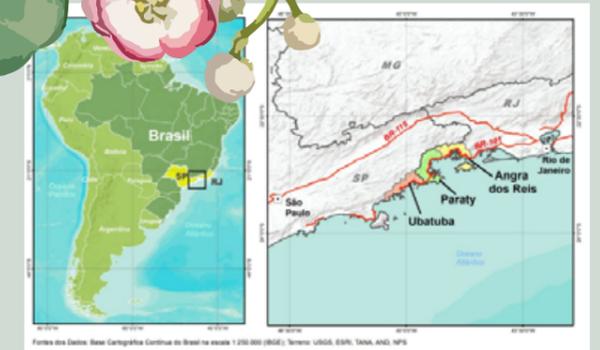
O Projeto Povos utiliza metodologias de cartografia social que permitem às comunidades desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de leis que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras, entre outros.

Caracterização de 98 territórios tradicionais ocorre até 2023

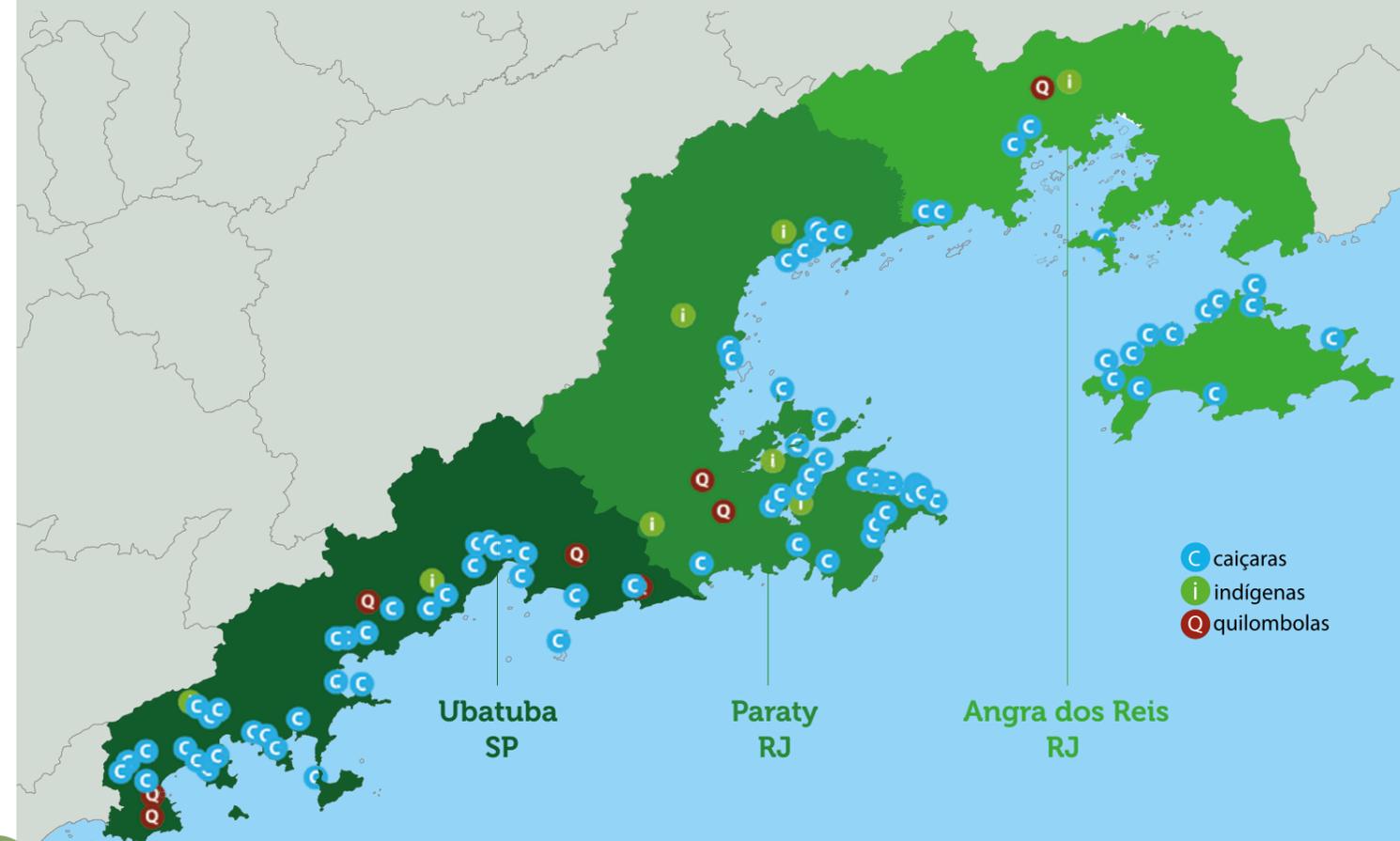
Além de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roças, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes. Aliás, são as comunidades que decidem o que querem caracterizar. No Projeto Povos, nenhuma informação é tornada pública sem a prévia autorização das comunidades envolvidas e das representações nacionais dos povos e comunidades tradicionais (Conaq, CGY e CNCTC).

Onde o Projeto Povos ocorre?

O Projeto Povos ocorre nos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba. Para sua realização, foram definidos 10 agrupamentos de territórios que reúnem laços culturais, ambientais e territoriais comuns. É o caso, por exemplo, do agrupamento de territórios tradicionais do Carapitanga, que partilham a mesma Sub-Bacia Hidrográfica em Paraty (RJ).



Uma observação importante é que esta organização em agrupamentos de territórios – ou microterritórios – não quer dizer que as comunidades caracterizadas não tenham fortes e profundos laços com outras comunidades. Ou seja, essa divisão apenas ajuda a organizar os trabalhos de campo do projeto.



Entendendo o Pré-Sal

O Projeto Povos é resultado de uma condicionante do licenciamento ambiental federal para a exploração de petróleo e gás na camada do Pré-Sal na Bacia de Santos. Mas você sabe o que isso tem a ver com as comunidades tradicionais?

Para que um grande empreendimento possa ser construído, ele precisa antes receber uma licença ambiental que é concedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para receber essa licença, quem constrói o empreendimento tem que cumprir também uma série de condições para mitigar ou compensar seus impactos sociais e ambientais.

O Projeto Povos é uma destas condições, e foi exigido da Petrobras pelo Ibama para que as comunidades tradicionais da Bocaina possam entender e se manifestar sobre potenciais impactos da exploração de petróleo na Bacia de Santos sobre seus territórios. Outro objetivo é disponibilizar mais informações sobre as comunidades para que suas reivindicações possam ser levadas em conta pelo Ibama quando houver algum novo pedido de licença para grandes empreendimentos na região.

O óleo do Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas ultraprofundas embaixo do mar

O que é o petróleo?

O petróleo é um recurso natural muito importante na produção de energia em todos os países do mundo. Além de ser combustível utilizado nos veículos de transporte – carro, ônibus, caminhão, avião – ele também está presente no plástico que compõe muitos dos equipamentos eletrônicos (como celulares, computadores) e eletrodomésticos, além de ser muito utilizado em embalagens. Tem petróleo também em cosméticos (como batons), pasta de dente e até em roupa.

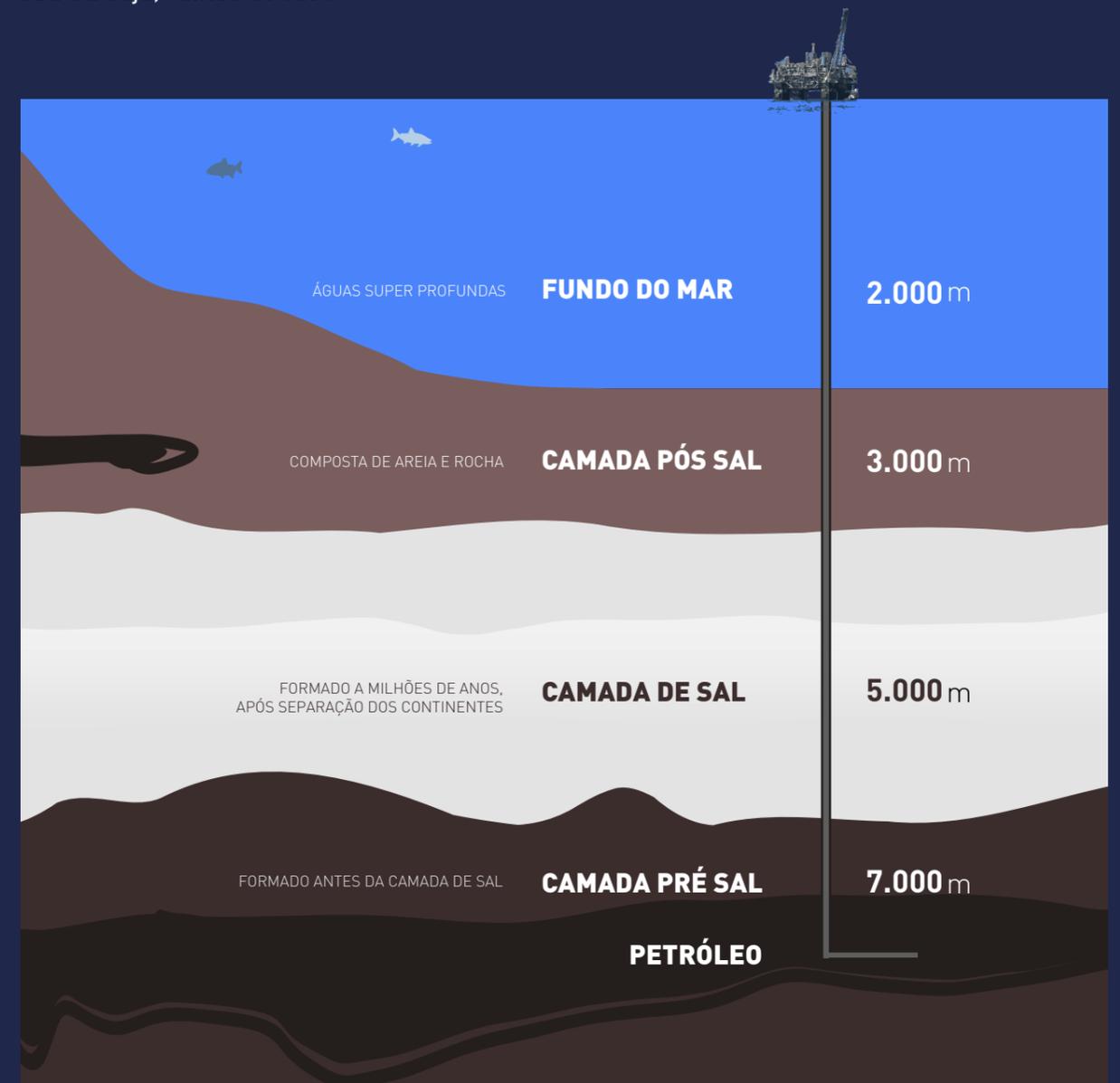
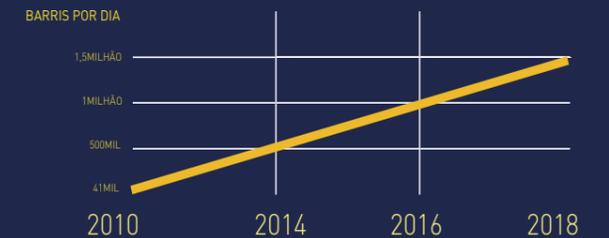
1984
PÓS-SAL
4.108
POÇOS
500 MIL
BARRIS POR DIA

2018
PRÉ-SAL
77 POÇOS
1,5 MILHÃO
BARRIS POR DIA

O que é o Pré-sal?

O Brasil não era considerado um país importante na produção mundial de petróleo até a descoberta do Pré-sal, em 2007. Pré-sal é um tipo de subsolo marinho, em camadas profundas embaixo do mar, de onde é extraído o petróleo. Como se vê na ilustração abaixo, esse petróleo está localizado em um agrupamento de rochas localizadas em águas ultra profundas em baixo de uma camada de sal, por isso Pré-sal. Ou seja, “antes do sal”.

Produção média de petróleo no Pré Sal



Onde fica o Pré-sal?

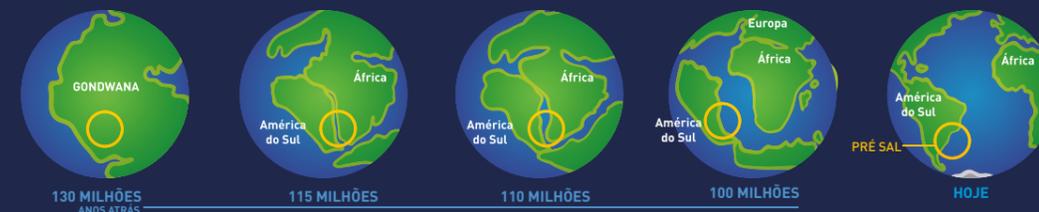


A área de influência do Pré-sal mede cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura e está entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, passando, também, por territórios tradicionais localizados no litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro.

O volume produzido por poço no Pré-sal da Bacia de Santos, onde estão essas populações, está muito acima da média da indústria de óleo e gás. Dos dez poços com maior produção no Brasil, nove estão localizados nessa área.

O que tem no Pré-sal?

Para se ter uma noção do que significa a descoberta do Pré-sal, é possível que o Brasil duplique sua produção de petróleo em aproximadamente 10 anos. Entre 2006 e 2007, as reservas do país somavam cerca de 14 bilhões de barris de petróleo. Com essa descoberta, é possível que as reservas atinjam entre 50 a 80 bilhões de barris. Cada barril de petróleo tem o volume aproximado de 158,98 litros.

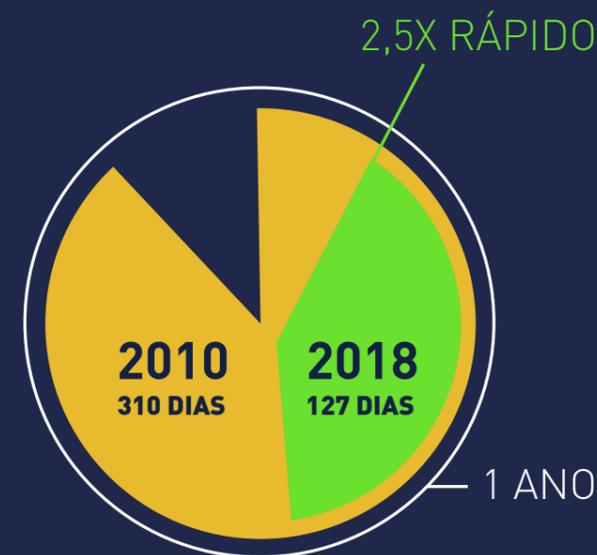


O que isso significa para as comunidades?

É tão grande a estrutura necessária para a exploração do petróleo no mar que faz com que o Pré-sal seja definido como um Megaempreendimento, já que ele altera a dinâmica social, econômica, cultural e ambiental das cidades litorâneas onde ficam as reservas do Pré-sal.

Isso significa dizer que, além do risco de vazamentos, a estrutura do Pré-sal gera como consequências alterações no território marinho como, por exemplo, o aumento do número de grandes embarcações, mudanças no comportamento de cardumes e ampliação de portos para atender a demanda de transporte.

Tempo médio de construção de poços marítimos



E, também, alterações terrestres tais como o aumento do número de pessoas vindas de fora, que chegam para trabalhar na exploração de petróleo sem que haja, por vezes, uma melhoria equivalente na infraestrutura local como mais hospitais e escolas.

Como o licenciamento do Pré-sal funciona?

Megaempreendimentos como o Pré-sal precisam cumprir dois procedimentos legais para poderem se instalar em uma região. O primeiro é a Avaliação de Impactos Ambientais e o segundo é o Processo de Licenciamento Ambiental. A partir daí é feito o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que ajudam o Ibama a decidir se dá ou não a licença.

Depois, é necessário realizar audiências públicas para ouvir o que a população e o poder público têm a dizer sobre o empreendimento. No território da Bocaina, essas audiências aconteceram nas Etapas 1, 2 e 3 do Pré-sal. Sim, já estamos no processo da Etapa 4 desse empreendimento.

Esses procedimentos têm como objetivo avaliar os impactos causados pelo Pré-sal e propor condicionantes e compensações que amenizem ou compensem os impactos ambientais e sociais causados pela sua instalação.

Como estes mapas são feitos?

Com a participação de pesquisadores indígenas, caiçaras e quilombolas, o Projeto Povos mapeia só o que as comunidades querem caracterizar. Conheça, passo a passo, como se dá essa construção coletiva.

1) Chegança

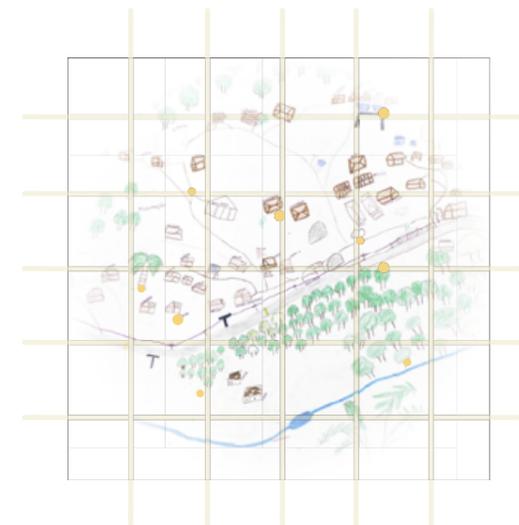
Realizada com a participação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a “chegança” é o passo inicial da caracterização. Ela envolve lideranças e articuladores locais para esclarecer dúvidas sobre o projeto e para garantir que os mapas sejam construídos por muitas mãos.

2) Mapa Falado

Nessa atividade, a comunidade é convidada a fazer um desenho livre, em um papel em branco, representando seu território. Neste desenho, o território e seus elementos vão surgindo a partir do exercício da memória e da definição, pela própria comunidade, do que ela quer e acha importante que seja caracterizado.



Ícones dos mapas do Projeto POVOS



3) Localizando o território no mapa

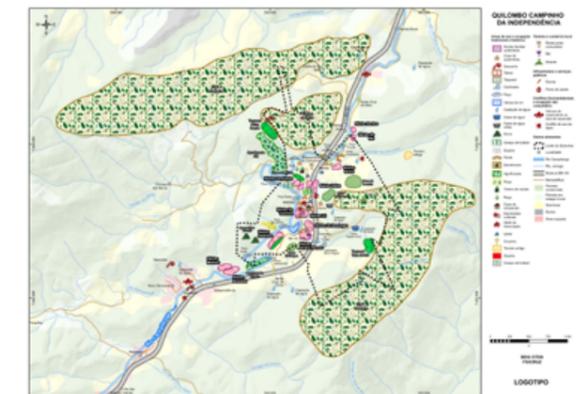
A etapa seguinte consiste na transposição do mapa falado para uma foto de satélite, localizando os elementos do desenho em uma base georeferenciada. Nesta etapa, o objetivo principal é garantir que os participantes consigam dimensionar seu território em um mapa e visualizar demais delimitações territoriais já estabelecidas por órgãos governamentais, como Unidades de Conservação e demarcações já realizadas.

4) Refletindo o Território

Depois, é hora de apresentar à comunidade a primeira versão do mapa final e validar com os participantes cada dado coletado. Um momento, também, para corrigir eventuais erros e acrescentar informações importantes que não tenham aparecido nas etapas anteriores.

5) Nosso mapa

A última etapa se divide em dois momentos. O primeiro consiste em revisitar o material produzido durante toda a caracterização e validar coletivamente o mapa final. Em sequência, a comunidade define quais informações quer que se tornem públicas e quais prefere que sejam de uso restrito da comunidade.



6) Ganhando o mundo

Percorrido esse caminho, o material segue para impressão e é devolvido para as comunidades. Também validadas pelas comunidades e suas representações nacionais, as publicações finais são distribuídas para bibliotecas e órgãos de governo e da sociedade civil cuja atribuição seja zelar pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais da Bocaina.



Como usar estes mapas a favor das comunidades

Os mapas construídos pelas comunidades são instrumentos de promoção de direitos. Entenda algumas formas de como podem ser utilizados para a defesa dos territórios tradicionais

Garantia de territórios:

O projeto não assegura que haverá titulação, demarcação ou regularização fundiária de territórios tradicionais. Mas irá contribuir para que as reivindicações das comunidades cheguem aos órgãos competentes responsáveis por fazer isso.

Acesso a políticas públicas:

O projeto também não construirá infraestruturas nas comunidades, mas vai contribuir para levar ao conhecimento dos governos e órgãos públicos qual é a situação de cada comunidade em relação a serviços e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento, trabalho e renda, entre outras decididas pelas próprias comunidades.

Fortalecimento da educação diferenciada

Esta publicação e os mapas gerados pela cartografia social podem ser usados nas escolas pelos professores para aproximar os conteúdos curriculares à realidade vivida pelos estudantes em suas comunidades.

Qualificação de licenciamento ambiental:

Outra conquista importante é que estes dados passarão a ser consultados pelo Ibama quando houver uma nova solicitação de licença ambiental para grandes empreendimentos que possam impactar as comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

Segurança alimentar e nutricional:

O projeto permitirá às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as espécies agrícolas manejadas por elas e também por suas comunidades vizinhas. Isso fortalece o conhecimento do território e facilita possíveis trocas de sementes e de técnicas de plantio.

Práticas de saúde:

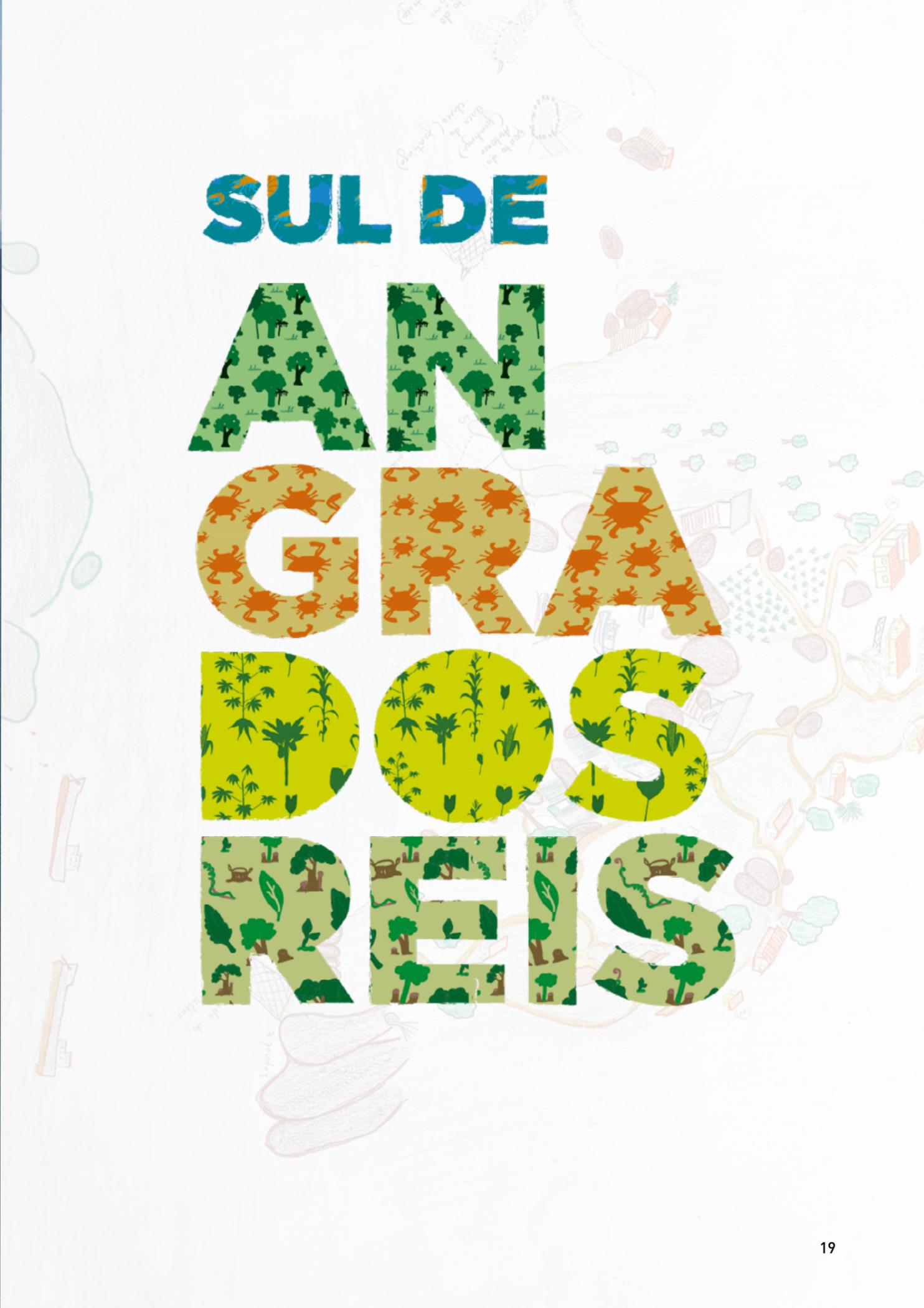
O projeto permitirá também às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as práticas de cuidado corporal e espiritual utilizadas por ela e por comunidades vizinhas. Isso também facilita possíveis trocas de sementes e de conhecimentos em relação a procedimentos de cura e prevenção a partir das plantas medicinais.

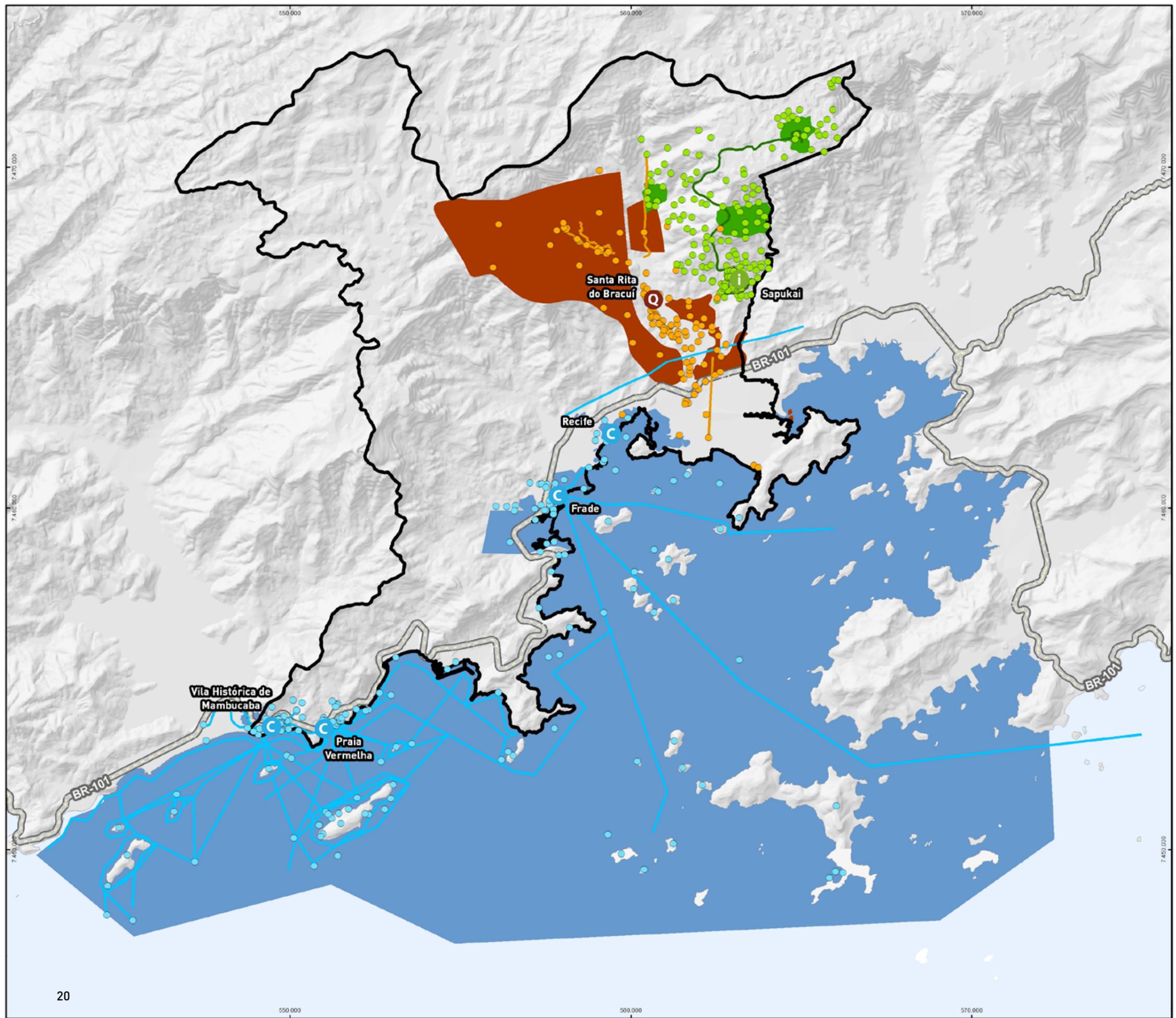
Fortalecimento do FCT:

O mapa feito pela comunidade contribuirá também para fortalecer as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais nas áreas de Turismo de Base Comunitária, Educação Diferenciada, Saneamento Ecológico, Economia Solidária e Agroecologia e a combater todas as formas de racismo e violência contra as comunidades.



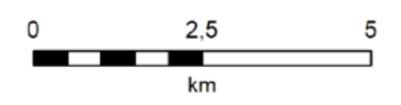
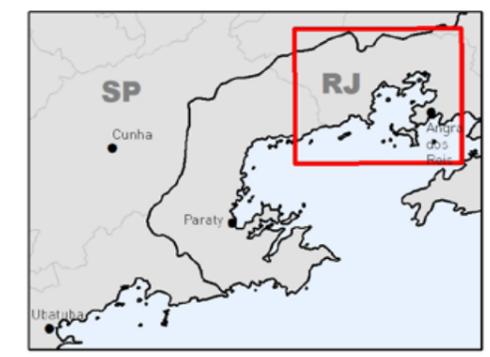
Vista aérea da Baía da Ilha Grande. Ao fundo, a presença de um grande empreendimento instalado no território





TERRITÓRIOS TRADICIONAIS NO MICROTERRITÓRIO SUL DE ANGRA DOS REIS

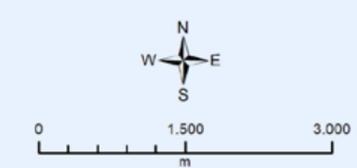
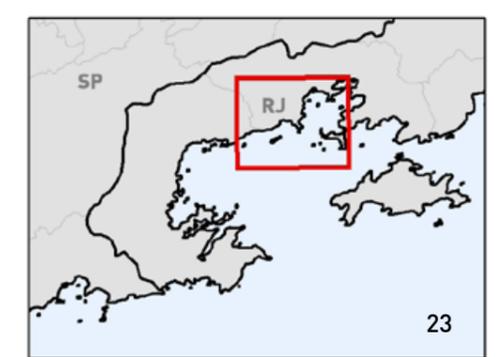
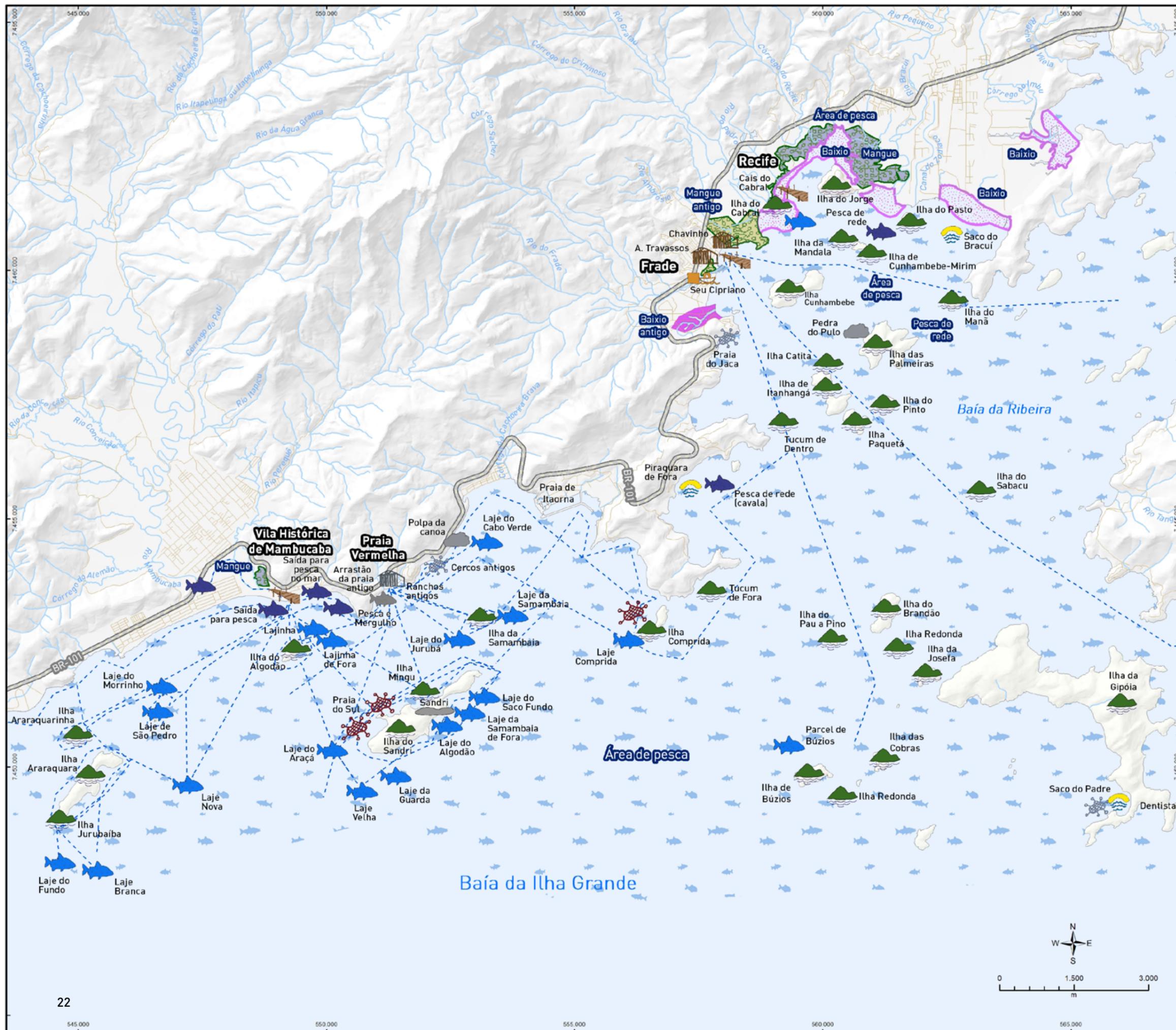
- Comunidade tradicional**
- C Caiçara
 - i Indígena
 - Q Quilombola
 - Limite Microterritório Sul de Angra
 - Rodovia BR-101
- Locais de ocupação e uso tradicional**
- Caiçara
 - Indígena
 - Quilombola
- Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio**
- Caiçara
 - Indígena
 - Quilombola
- Territórios e áreas de uso tradicional**
- Caiçara
 - Indígena
 - Quilombola



TERRITÓRIO MARINHO DO MICROTERRITÓRIO SUL DE ANGRA

Locais, recursos alvo e técnicas de pesca

- Porto
- Cais
- Cerco antigo; Cerco de pesca antigo
- Cerco de pesca
- Costeira
- Pedra
- Ilha
- Lajes e parciais
- Pesca artesanal
- Pesca artesanal antiga
- Rancho de pesca
- Rancho de pesca antigo
- Saco
- Rotas de pesca e de turismo
- Baixio
- Baixio antigo
- Mangue
- Mangue antigo
- Área de pesca artesanal
- Rio
- Rodovia
- Outras Estradas; Ruas



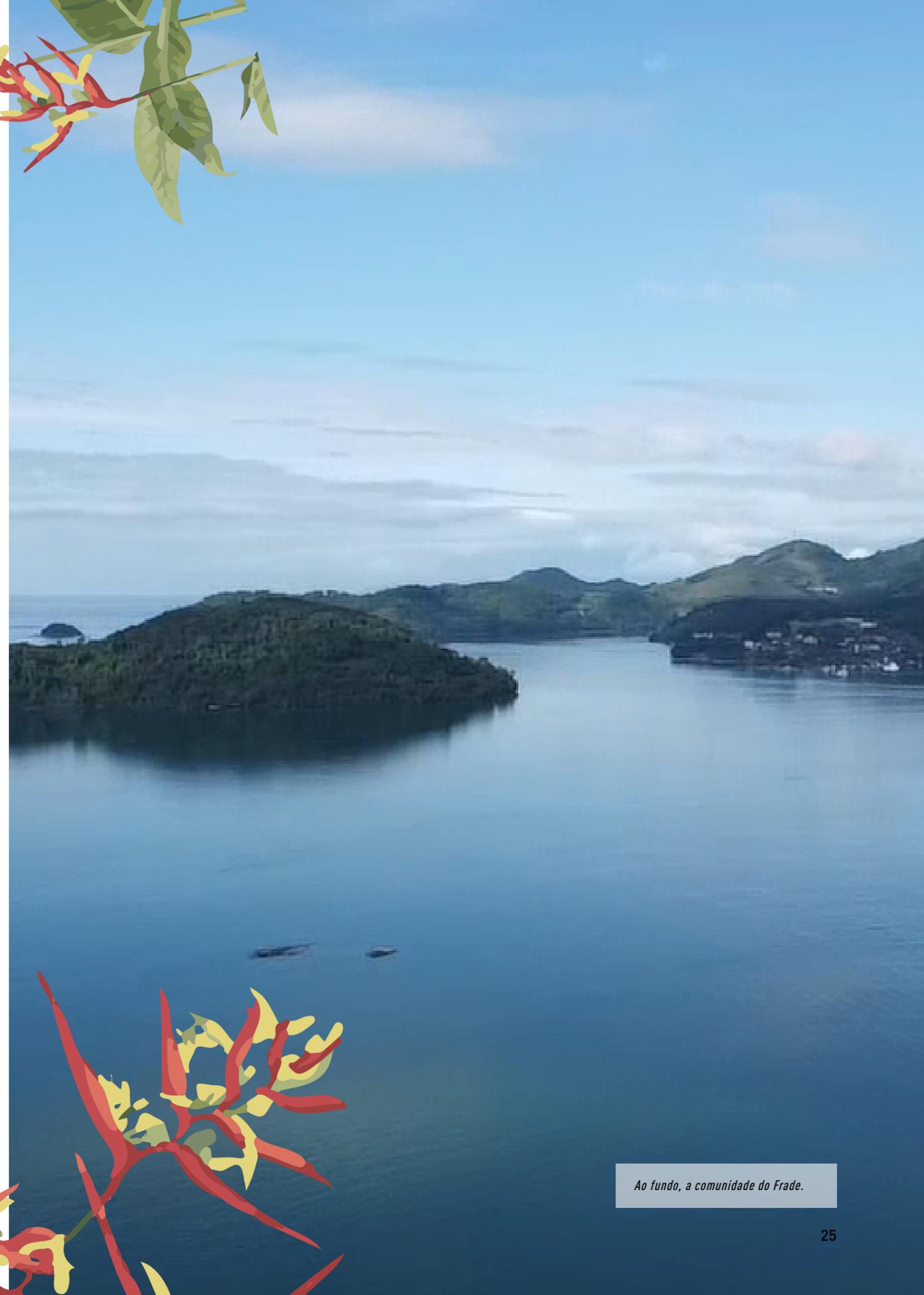
Sul de Angra dos Reis

As comunidades do sul de Angra dos Reis estão localizadas entre a Serra da Bocaina e a Baía da Ilha Grande. Nas encostas, também conhecidas como sertão, há a presença de densa mata atlântica com morros, picos e rios que formam a paisagem da região. Na parte costeira, o território marinho é formado por inúmeras ilhas, lajes, praias, baixios e mangues que complementam toda a beleza natural da região.

Os modos de vida dos povos e comunidades tradicionais que habitam essa região desde, pelo menos, o século XIX, contribuem para a preservação ambiental ao manterem a pesca, a roça e o extrativismo de forma a não agredir os recursos naturais.

Há 4 unidades de conservação na região, sendo três federais: Estação Ecológica Tamoios (ESEC), Parque Nacional da Bocaina e Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA), todas sob gestão do ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e um, o Parque Estadual Cunhambebe, sob tutela estadual e gestão do Inea - Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro.

- Estação Ecológica Tamoios - Criada em janeiro de 1990, pelo Decreto nº 98.863, tendo por objetivo atender o Decreto nº 84.973, de 29 de julho de 1980, que dispõe sobre a localização de estações ecológicas e usinas nucleares. Localizada nos municípios de Angra dos Reis e Paraty (RJ), abrange ilhotas, ilhas, lajes e rochedos situados nas baías da Ribeira e Ilha Grande.
- Parque Nacional da Bocaina - criado pelo Decreto Federal nº 68.172, de 04 de fevereiro de 1971. Inicialmente com área de 134 mil hectares, um ano depois foi reduzida para 104 mil hectares. Abrange os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo 60% de toda área localizada na parte fluminense.



Ao fundo, a comunidade do Frade.

- Área de Proteção Ambiental de Tamoios - Criada pelo Decreto Estadual nº 9.452, de 5 de dezembro de 1986, tendo por objetivos a proteção ambiental natural de paisagens e dos sistemas geo-hídricos da região. Possui área total de 22.530,17 hectares e está localizada no município de Angra dos Reis.
- Parque Estadual Cunhambebe - Criado pelo Decreto Estadual nº 41.358, de 13 de julho de 2008, nos municípios de Angra dos Reis, Mangaratiba, Rio Claro e Itaguaí, tem por objetivos assegurar a preservação dos remanescentes da Mata Atlântica da porção fluminense da Serra do Mar.

As unidades de conservação possuem diferentes níveis de restrições, o que resulta em distintos impactos aos usos dos territórios tradicionais. A ESEC Tamoios, por exemplo, está sobreposta às comunidades Vila Histórica de Mambucaba, Praia Vermelha e Frade, mas exerce influência no modo de vida do Quilombo Santa Rita do Bracuí e Praia do Recife. O Parque Nacional da Bocaina, devido à sua extensão, se sobrepõe a todas as comunidades que estão inseridas no processo de cartografia social. Já a APA Tamoios abrange as áreas caiçaras e quilombolas, enquanto que o Parque Estadual Cunhambebe se insere em trecho do território da Aldeia Sapukai.

As comunidades do Sul de Angra dos Reis

Dentre as comunidades tradicionais que participaram do processo de cartografia social do Projeto Povos, o Frade é a comunidade que mais sofre com o processo de urbanização ocorrido na região. Atualmente, de acordo com dados do Censo 2010, mais de 11 mil pessoas residem no local. Esse aumento populacional, a partir da década de 1970, representa as alterações ocorridas pelos grandes empreendimentos que se instalaram na região e também pelo intenso processo de especulação imobiliária com construções de condomínios e hotéis que descaracterizaram praticamente todo o território tradicional da comunidade.

Embora em proporção diferente, processo semelhante tem ocorrido nas demais comunidades. No Quilombo Santa Rita do Bracuí, em meio a inúmeras construções de casas e sítios de famílias oriundas de outras localidades. É tão intensa a entrada de novos moradores, que é comum ouvir entre os comunitários a seguinte frase: “se a casa tem muro é porque não é da comunidade”. A observação revela, para além do objeto concreto e visível representado pelo muro, um atravessamento simbólico sobre as antigas relações sociais e espaciais pelo território. Assim como ocorre no Frade, os grandes empreendimentos, que se materializam e se repetem na construção de condomínios, afetam diretamente o modo de vida e o território tradicional

devido à especulação imobiliária decorrente. Um caso emblemático foi a construção do Condomínio do Bracuí, próximo à BR-101, em que por volta dos anos 1980, inúmeras famílias foram expulsas do território, com o uso de força física e moral, para permitir a realização do empreendimento.

Na Vila Histórica de Mambucaba, as famílias caiçaras têm sido fortemente impactadas pelo turismo desordenado desde a década de 1980. Além de inúmeras casas construídas por veranistas e, no passado, com a instalação de um camping na praia, a comunidade também lida com o crescimento descontrolado fora de seu território. De acordo com os comunitários, o grande aumento populacional de um bairro próximo à comunidade, o Perequê, tem afetado diretamente o território e o modo de vida tradicionais. Isso porque a rede de esgoto desse bairro despeja seus detritos no Rio Mambucaba, utilizado há gerações por todos da Vila Histórica de Mambucaba, onde residem apenas 706 pessoas, segundo Censo de 2010.

Dentre as comunidades caracterizadas no Sul de Angra dos Reis, a TI Sapukai está localizada na área mais distante, ainda assim, os Guarani Mbya têm sofrido diversas pressões que afetam suas vidas. Segundo relatos, é constante a entrada do juruá¹ em seu território, principalmente devido às construções no entorno da aldeia e também às invasões em suas matas para a prática de caça ilegal.

¹ Modo como os Guarani se referem aos não indígenas.



Xondaros constroem o mapa falado da Aldeia Sapukai

Além disso, os grandes empreendimentos impactam diretamente o dia a dia da população, estimada em cerca de 400 habitantes², principalmente por conta do sentimento de medo. Como exemplo, citamos a não permanência de muitas famílias no território, que ao chegarem nos anos 1980, descobriram que estavam próximas à Usina Nuclear.

Na comunidade Praia Vermelha, onde residem, de acordo com levantamento organizado pelos próprios moradores, 132 pessoas, a entrada de grandes empreendimentos na região tem resultado em proibições ao uso do território marinho para a realização de pescas. Esses impeditivos da prática tradicional aumentam a saída de jovens que, por falta de expectativas, migram para outras regiões em busca de emprego.

A praia do Recife é a menor comunidade caracterizada, tendo 16 famílias em seu território. Dos ataques constantes que sofrem por conta das transformações ocorridas nos últimos anos, a destruição do manguezal do entorno do território é o que afeta em maior proporção o modo de vida tradicional. Essa destruição é ocasionada, principalmente, pela especulação imobiliária. Outro impacto sentido pelas famílias caiçaras tem sido a diminuição massiva de mariscos nos baixios da comunidade. Como a mariscagem sempre foi uma das principais fontes de renda, muitos comunitários precisaram encontrar outras ocupações para garantirem o sustento familiar.

² Essa não é uma contagem exata, pois na cultura Guarani Mbya as famílias estão em constante mudança dentro do território tradicional.

Em relação aos serviços públicos, oferta de educação nas comunidades se distribui da seguinte forma: o Frade conta com 4 escolas públicas, que atendem o pré-escolar, ensino fundamental e ensino médio. No Quilombo Santa Rita do Bracuí as crianças estudam no Colégio Municipal Áurea Pires da Gama, que oferece os ensinamentos do segundo segmento até o nono ano. Além disso, foi criado na comunidade o projeto Luz da Educação, em que oferece reforço de alfabetização para as crianças. A partir do ensino médio os estudantes

vão, majoritariamente, para o Frade. Na Vila Histórica de Mambucaba tem um colégio municipal, o Inácio During, com atendimento até o ensino fundamental. As crianças da comunidade, quando entram no ensino médio, vão estudar em escolas do Perequê. A Aldeia Sapukai tem em seu território o Colégio Indígena Estadual Karai Kuery Renda, com ensino fundamental. Para o ensino médio, muitos jovens indígenas não continuam seus estudos. Já a Praia Vermelha e a Praia do Recife não possuem escolas em seus territórios. Assim, utilizam escolas no entorno, como Bracuí, Frade e Praia Brava (Vila Operária).

Para os serviços de saúde, Frade, Quilombo Santa Rita do Bracuí, Aldeia Sapukai e Vila Histórica de Mambucaba contam com postos de saúde em suas comunidades. Praia Vermelha e Praia do Recife não possuem postos em seus territórios e precisam utilizar unidades localizadas em outras localidades.

Destacamos aqui o saneamento básico, extremamente precário em todas as comunidades, além do fornecimento de água potável, esgotamento sanitário e coleta de lixo que não atendem as demandas das populações tradicionais.



Praia Vermelha

O território tradicional do Sul de Angra dos Reis

As comunidades tradicionais que estão inseridas na cartografia social são assim denominadas pois são formadas por pessoas que partilham uma mesma história, com relações de parentesco, vizinhança, trocas, saberes e memória, além do sentimento de pertencimento. Já por território, a compreensão ocorre pela relação entre as comunidades e os locais em que habitam com os seus usos e modos de vida.

Para melhor entendimento do território tradicional da região Sul de Angra

dos Reis, torna-se necessária a compreensão das relações existentes entre as comunidades. Estas possuem proximidades no modo de vida, relações de parentesco e usos dos espaços comuns, como o marinho e o florestal, além de manifestações culturais.

O levantamento genealógico realizado ao longo das atividades do Projeto Povos mostra que algumas das famílias dos atuais moradores estão na região desde o século XIX. O caso mais emblemático dessa ocupação histórica ocorre no Quilombo Santa Rita do Bracuí, no qual os descendentes mantêm viva na memória a trajetória de seus antepassados desde o período da escravidão, época em que toda a região era dominada por grandes fazendeiros.

Desse período, a tradição jongueira ainda é preservada em algumas comunidades como a Vila Histórica de Mambucaba e o Quilombo Santa Rita do Bracuí contribuindo para a permanência e renovação cultural. No Frade, por outro lado, a prática foi interrompida, segundo relatos, em meados da década de 1970.

As relações de parentesco ocorrem entre as comunidades caiçaras e o quilombo. Comunitários da Praia do Recife, por exemplo, possuem parentesco com moradores de Santa Rita do Bracuí e do Frade. O mesmo ocorre entre as famílias da Praia Vermelha e da Vila Histórica de Mambucaba.

Às relações de parentesco e compadrio que atravessam os territórios aqui descritos também se somam a partilha de saberes e práticas tradicionais devido ao uso do território comum, como o uso das matas, do mar e do sertão, regiões nas quais desenvolveram manejo sustentável para a construção de casas, manutenção das roças, coleta de ervas medicinais, pesca, entre outros.

O vasto território marinho, inclusive, é utilizado tradicionalmente pelas famílias como fonte de subsistência e renda.

Durante todo o trabalho de cartografia social junto às comunidades, o mar, com suas ilhas, praias e lajes, sempre recebeu destaque pelos comunitários devido à sua importância para a manutenção no modo de vida fortemente conectado com as comunidades da região através da partilha de histórias e território comum.

Na segunda metade do século XX, mais precisamente a partir das décadas de 1960-70, grandes transformações começaram a impactar o modo de vida nas comunidades tradicionais da região. A construção da BR-101, que corta todas as comunidades que participam da cartografia social, dividiu ao meio esse território deixando, de um lado, a área costeira e, do outro, o sertão. Se, por um lado, a construção da rodovia permitiu maior acesso das famílias tradicionais a serviços públicos como educação e saúde, por outro, gerou também grandes impactos como a ocupação desenfreada do território, a entrada de pessoas oriundas de outras regiões além de massiva especulação imobiliária que, segundo um quilombola, “trouxe a famigerada cerca” rompendo com a lógica espacial tradicional das comunidades. Além desses impactos, a construção da BR-101 também está fortemente relacionada com o aumento do desmatamento e deslocamento de terra, o que alterou toda a paisagem e vem ocasionando inúmeros deslizamentos ao longo dos anos.



Vista aérea do Cais do Cabral



Jussara Adriano de Souza em evento realizado no Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022. Ao fundo, painel com retratos de griots da comunidade.

Outra grande alteração no modo de vida tradicional foi a instalação da Usina Nuclear na Praia de Itaorna. Tal empreendimento trouxe consequências drásticas para todas as comunidades que foram obrigadas a conviverem com o perigo e o sentimento de medo por estarem próximas de uma instalação nuclear. Os inúmeros impeditivos para a realização da pesca e para a abertura das roças devido às instalações de torres de energia que cortam toda a região também afetam o modo de vida das comunidades.

É nesse contexto de grandes alterações que os Guarani Mbya retomam, entre os 1970 e 1980, o seu território tradicional e passam, em conjunto com os quilombolas e caiçaras, a compartilhar os sentimentos de estarem inseridos em uma região com fortes ataques às comunidades e também no enfrentamento dessas atrocidades para a manutenção das identidades tradicionais.

No capítulo a seguir serão apresentados, com base no trabalho de cartografia social realizado pelo Projeto Povos no ano de 2022, o processo histórico das comunidades, os modos de vida, suas relações com o território e as formas de organização para a manutenção dos saberes e práticas tradicionais.

Resumo das ações do Projeto POVOS nos territórios do Sul de Angra dos Reis

+de **70** comunitários
participando ativamente

428 elementos mapeados
na cartografia social

36 entrevistas realizadas

24 oficinas
de caracterização

6 mapas falados

15 mapas de satélite

12 atividades de
mobilização e campo



TERRITÓRIOS

**SUL DE
AN
GRA
DOS
REIS**

Resultados
por território
tradicional



Rio Morto (Quilombo Santa Rita do Bracuí)

ALDEIA SAPUKAI (Grito de Socorro)

“ Sapukai não é aquele nome simples. A gente, pelos antigos caciques, por exemplo, o João da Silva, ele escolheu Aldeia Sapukai porque está bem perto da Usina, bem perto dela, a nuclear, dos grandes empreendimentos, da rodovia. Então, a aldeia Sapukai significa aldeia do socorro, porque Sapukai é grito de socorro. Então, nesse sentido, foi batizada de Aldeia Sapukai”.

Karai Xiju (Julio Garcia), 39 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

TEMPOS E ESPAÇOS

Localizada em Angra dos Reis (RJ), na região conhecida como Bracuí, Distrito de Cunhambebe, a Aldeia Sapukai é uma Terra Indígena (TI) tradicionalmente ocupada por povos Guarani Mbya. Possui área regularizada de 2.116 hectares que faz divisa com o Quilombo Santa Rita do Bracuí.

Ao todo vivem 93 famílias Guarani Mbya na Aldeia Sapukai, com cerca de 400 indígenas. Esses números se alternam com grande frequência devido a transitoriedade dos indígenas por todo seu território tradicional de direito.

“ Estávamos discutindo esse pensamento do juruá... Dos antigos, primeiro contato da nossa história, na época da invasão dos portugueses, a história não fala do povo, mas a gente sabe como foi esse primeiro contato litorâneo nesse Brasil que hoje chamamos. Quando os portugueses chegaram na costeira, yvyrupa (território), nós, o povo Guarani, sempre ia para o mato. E depois da ocupação mesmo, o povo Guarani se distanciou mesmo da costa para o Sul, Paraguai, Argentina, Bolívia, para refúgio para não ser capturado. Tem um historiador do nosso povo Guarani que fala que a gente está retornando, uns 30, 50 [anos] atrás estamos retornando. Nosso povo Guarani quando luta pela demarcação, não é para demarcar para aquele cacique, para aquela pessoa, mas para demarcar para aquilo, para o nosso povo. Se eu quiser morar em Paraty, São Paulo, com o povo guarani, eu posso ficar. É nesse sentido... Esse é o nosso modelo de organização, o guarani é assim mesmo, de se locomover entre os territórios”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos,
Aldeia Sapukai, 2022



A ocupação do território tradicional, como descrita por Karai Xiju (Júlio Garcia), ajuda a compreender a formação da Terra Indígena Sapukai e também os caminhos feitos por Verá Mirim (Seu João da Silva), o primeiro cacique da Aldeia e seus familiares. Seu João nasceu no Rio Grande do Sul e ainda muito jovem passou a ser reconhecido como uma importante liderança.

“ A história do meu pai é assim: foi lá no Sul, na época da ditadura, era chamado de capitão naquela época. Não era cacique, os indígenas chamavam de capitão. Não sei se em alguma parte do Brasil continua assim. Meu pai era muito religioso, desde os 18 anos que já fazia parte da religião, tinha opy grande. [...]”

Meu pai era capitão, depois virou cacique e assim por diante. Em 1981 saímos de lá, minha mãe queria sair de lá... No costume Guarani é assim: a aldeia quando desenvolvia alguma coisa a não ser cultura Guarani. Minha mãe não estudava, era mais de opy, e ela achava que a Aldeia de Limeira estava sendo influenciada por juruá de fora. Naquela época meu pai fez um projeto grande para sair um colégio. Minha mãe não gostou e disse ‘vamos embora daqui’, porque as coisas do não índio estavam passando. Quando chegava essa coisa de luz elétrica, tecnologia, minha mãe não gostava. Ela quem conduziu essa caminhada toda”.

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos, Aldeia Sapukai, 2022

Na Aldeia Limeira, em Chapecó, Seu João e sua esposa Ará Mirim (Santina Ortega) constituíram família. Anos depois realizaram uma nova mudança, agora para a Aldeia Pindoty, na Ilha da Cotinga - Rio Paranaguá. Por lá ficaram por cerca de três anos e depois, na década de 1980, chegaram em Angra dos Reis.

“ Aquele caminhar que fizemos de Chapecó para Curitiba e moramos três anos na Ilha de Paranaguá. Quando saímos da Aldeia era uma família só, viemos sete pessoas. Na ilha era Ilha da Cotinga. Da Cotinga a gente veio para cá. Teve um grande movimento preparativo, aquele movimento de 1988, não só para os índios mas para o Brasil. O pessoal já fazia o movimento em São Paulo. Meu pai foi e conheceu o Aparício que já morava aqui. Eles se encontraram, encontrou com o pessoal daqui da região. Como Aparício falou que também era Silva, meu pai dizia que eram primos, dizia que encontrou o primo. Só que o Aparício convidou meu pai para vir para cá. Naquela época estava em processo de demarcação e o governo alegava que não podia demarcar porque era uma família só. Eles resolveram vir para cá. Vieram dois ônibus. No início, viemos 8 pessoas só. Já no Paranaguá o pessoal já vinha atrás do meu pai, era um grupo grande. E na ilha não tinha água, não tinha para sobreviver.”

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos, Aldeia Sapukai, 2022



Kuaray (Zeferino Mmario)



Yva (Idelina)

Outras famílias também chegaram em Angra dos Reis por intermédio de Seu João da Silva, muitos decidiram migrar, pois na Ilha da Cotinha passavam por alguns problemas, como a falta de recursos naturais, em especial água potável:

“Cheguei aqui em 1987. Naqueles tempos tudo mato. Depois de quando cheguei aqui, o pessoal do Rio de Janeiro deu comida, arroz, feijão. E fizemos roça também aqui. Agora está tudo limpo. Eu morava no centro, viemos do Paranaguá. Primeiro morávamos em Santa Catarina, em Chapecó e viemos para cá. O nosso cacique, João da Silva, ele que veio. Disse que tinha área para demarcar. Mas demorou muito para demarcar, mas agora está tudo certo”.

Verá Mirim (José), 80 anos, Aldeia Sapukai, 2022

“Viemos de Santa Catarina, Chapecó, cheguei com 5 anos. Cheguei junto com o cacique João da Silva. Moramos aqui tem muito tempo, quase 30 anos. Nunca mais saí daqui”.

Verá Poty (Paulo Benite), 40 anos, Aldeia Sapukai, 2022



José Verá Mirim

“O pai do Algemiro, estava junto com ele, sou casado com a prima dele. Viemos três casais. Só três nesse primeiro na Ilha do Paranaguá. O meu cacique tinha se encontrado aqui com os meus parentes que já moravam aqui, um tal de Aparício. Eles se encontraram lá com o pessoal daqui, numa reunião de lideranças que eles fizeram. O Aparício falou que estava aqui sozinho, porque a família se extraviou, ele estava sozinho. Se quiserem morar lá, vocês vão. Eu vim para cá e viemos... Primeiro a aldeia era do Aparício. Ele estava morando só com a família dele. Primeiro moravam lá embaixo e depois vieram subindo até o centro. Nós viemos muito, dois ônibus”.

Kuaray (Zeferino Mariano), 93 anos, Aldeia Sapukai, 2022



Nesse primeiro momento em que chegaram, se estabeleceram próximo à BR-101, mas devido à grande movimentação existente no local, principalmente de veículos, migraram até a área em que hoje estão concentrados. Ao se fixarem na nova área, deram início ao processo de demarcação da Terra Indígena:

“ O processo de demarcação demorou muito. Eu me lembro que o meu pai dizia que iam demarcar. Uma vez eu até acompanhei, era o governador Moreira Franco. Estava o meu pai e Luis Eusébio daqui da aldeia. No gabinete do governador, o governador falou assim: “você são de onde?”. Inteligentemente, os caciques responderam: “viemos de Santa Catarina, mas essa região era tupinambá, mas os tupinambás eram nossos amigos...”. Porque na política eles queriam dizer que não somos daqui. Demorou, até que a Funai mandou um antropólogo aqui para fazer o laudo. Só que no laudo ele disse: quem está morando aqui não é mais índio, está usando bota. Meu pai contrariou e veio outro. Mesmo assim, tiraram foto da gente sem camisa para mostrar que era índio.

“ A demarcação sai, estava em processo. Nisso, uma ONG que tinha aqui no Brasil, fizeram um movimento chamado autodemarcação. O pessoal se reuniu, muita gente, vieram os parentes da Argentina para ajudar. O governo aceitou a nossa autodemarcação. Esse processo todo foi mais político”.

Karai Mirin (Algemirol da Silva), 60 anos,
Aldeia Sapukai, 2022



Karai Xiju (Julio Garcia)

Muitas das famílias que chegaram com o Seu João no território não permaneceram, pois, quando conheceram a região, ficaram impactadas com a Usina Nuclear, o que gerou medo e desconfiança.

“ Eles tinham muito medo. O pessoal não sabia, chegaram tranquilos aqui e a usina dá medo. Até hoje a usina dá medo”.

Karai Mirin (Algemirol da Silva), 60 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

Com o falecimento de Seu João, há cerca de 7 anos, Karai Tataendy (Domingos Venite) se tornou cacique, porém faleceu em 2020. Em seguida, Karai (Aldo Fernandes) ocupou tal posto até o início do ano de 2023. Hoje, Karai Mirin (Algemirol da Silva) é o novo Cacique da Aldeia Sapukai e o vice é Karai Tataendy (Gonçalino da Silva).

O papel de liderança, entre os Guarani Mbya, é importante não apenas desde o ponto de vista político, mas também cultural e até mesmo psicológico, sendo a oralidade fundamental para o modo de vida e muito valorizada entre os indígenas (Nhanderekó) da TI Sapukai. A língua Guarani é falada por todos dentro da aldeia, desde o mais jovem até o mais idoso, o que representa um sentimento de muito orgulho e integração social:

“ Na cultura guarani é assim, meu pai foi um excelente psicólogo, eu chamaria de psicólogo. Quando a gente se sentia mal, algumas coisas a gente consegue fazer na aldeia. Meu pai curava só falando. Era cerimônia só falando”.

Karai Mirin (Algemirol da Silva), 60 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

“ A educação Guarani era através da história, toda a história. Na época tinha um contador de história, se fosse hoje seria uma aula. O contador dizia para a gente levar alguma coisa para ele contar a história. Eu levava uma batata, uma coisa assim. Imagina, naquela época não tinha luz, não tinha nada e ele ficava contando a noite para a gente. Era a história, era como se a gente estivesse vendo a história. Essa era a educação guarani, era história para criança, história para adulto, história para emocionar, história para rir, era muita coisa. Hoje quando acaba a luz aqui, eu conto a história para eles. Eu peço para fazerem um café bom e eu fico contando a história”.

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

Ao pensar sobre a língua Guarani e sua importância, Karai Mirin (Algemiro da Silva), que atualmente cursa mestrado no Museu Nacional-UFRJ, também nos conta as transformações que a língua sofre devido à entrada do juruaá. E a língua, por ser viva, está em constante transformação sendo influenciada por elementos que vêm de fora. Como exemplo, cita a chegada do telefone fixo e como esse objeto foi “traduzido” para o Guarani.

“ No mestrado eu vou apresentar a língua guarani. Existe na gramaticalidade neologismo, que a língua guarani sempre está influenciada. O guarani vai criando o neologismo para não se perder. Por exemplo, antes de existir celular existia o telefone fixo, que em guarani era “onde desce a informação”.

“ A língua guarani vai reproduzindo e isso é bom, vai criando as palavras. Isso é legal, porque a língua é viva, vai criando novas palavras”.

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos,
Aldeia Sapukai, 2022



Verá Mirim (Jeferson)



Professor Karai Mirin durante aula na escola da Aldeia Sapukai





NÚCLEOS FAMILIARES

Na Aldeia Sapukai, cada núcleo familiar é composto por casas (Oo), espaço aberto (Okaregua), roças (Kokue) e casa de reza (Opy). Nesses espaços abertos, os moradores mantêm as criações de animais, o plantio de ervas medicinais e árvores como a juçara.

NÚCLEO

Núcleo Escola

Núcleo Gonçalves

Núcleo Posto

Núcleo Centro

Núcleo Lúcia dos Santos

Núcleo João Fernandes

Núcleo Domingos

Karai Mirin (Algemiro da Silva) nos explica como são formados os núcleos familiares e também os casamentos:

“ Os irmãos não estão morando juntos, onde mora o Júlio tem minha irmã para lá. Ela criou outro núcleo porque sabia que as filhas iam casar e precisava de espaço. Quando a gente casa é só com Guarani Mbya. A mulher que cria o núcleo. Quando casa, pode ir até lá em Rio Grande do Sul, quem vai é o homem, mas fica na aldeia da esposa.”

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos, Aldeia Sapukai, 2022

LUGARES DA COMUNIDADE

TIPO	DESCRIÇÃO
Animais selvagens	Akuxi (área de caça)
	Eira (arara)
	Jaixa (paca)
	Jakupe Jacu
	Ka'i (macaco)
	Kaguare (tamanduá)
	Karaguata
	Kui'i (porco espinho)
	M'boi (cobra)
	Pindo'i (palmeira)
Extrativismo	Takai (taquara)
	Tatu
	Tukã (tucano)
	Xivi (onça)
Conflitos	Yvyra mba'emo ragarã (madeira para confecção de artesanato de bichinho)
	Inhambú (bambu)
	extração de mel
	Caçadores e coletores
	Invasão de não indígenas

Famílias	Núcleo Escola
	Núcleo Gonçalves
	Núcleo Posto
	Núcleo Centro
	Núcleo Campo
	Núcleo Lúcia dos Santos
Localidades	Núcleo João
	Banheiro
	Yy Ryapu (rios)
	Outaty (campo de futebol)
	Centro da aldeia
	Cozinha comunitária
	Opy (casa de reza)
	Entradas
	Sede da Associação
	Yvykua Renda (cemitério)
Serviços públicos	Yy Ryru Guaxu (caixa d'água)
	Tembiapo Ro (casa de artesanato)
	Viveiro de mudas
	Açude
	Roças
	Galinheiro
	Agrofloresta
	Escola
	Posto de saúde

ROÇA, CAÇA E EXTRATIVISMO

A agricultura, a caça e o extrativismo têm importância fundamental no modo de vida Guarani Mbya. Toda a base da alimentação vem dos plantios que se realizam ao longo do ano. Devido às intensas mudanças climáticas e também à qualidade do solo, muitas plantas que tradicionalmente são cultivadas na aldeia não conseguem mais se desenvolver, como o milho e a mandioca.

Quando chegaram no território da Aldeia Sapukai, logo começaram uma série de plantios, mas com o tempo perceberam o quanto seria difícil manter as roças nas novas condições:

“ Na época que chegou, plantava muita coisa. Essa mudança de tempo muda o nosso modo mesmo... A natureza mesmo vem mudando e hoje em dia quando a gente planta não dá mais aquelas frutas, como milho e feijão. A gente tenta plantar, mas quando cresce já morre os milhos e o feijão. O tempo muda o nosso tempo, o nosso sistema todo muda”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

“ Nós queremos plantar milho, feijão, abóbora, mas a terra não ajudou. Consegui um pouquinho de batata. A terra aqui está fraca, não é boa. Plantamos milho, mas depois secou tudo. Essa época (setembro) é boa para batata doce. Aqui, o milho quase não dá, nem feijão. Agora, banana dá. A primeira planta... mandioca dá muito, a primeira planta dá, mas depois da segunda não dá não. Nasceu e não cresce mais. Aí tem que plantar em outro lugar. Aqui é a mandioca boa, a mandioca brava nós não planta. A primeira planta da mandioca é boa, em setembro e outubro. Demora 4, 5, 6 meses por ai para ficar boa”.

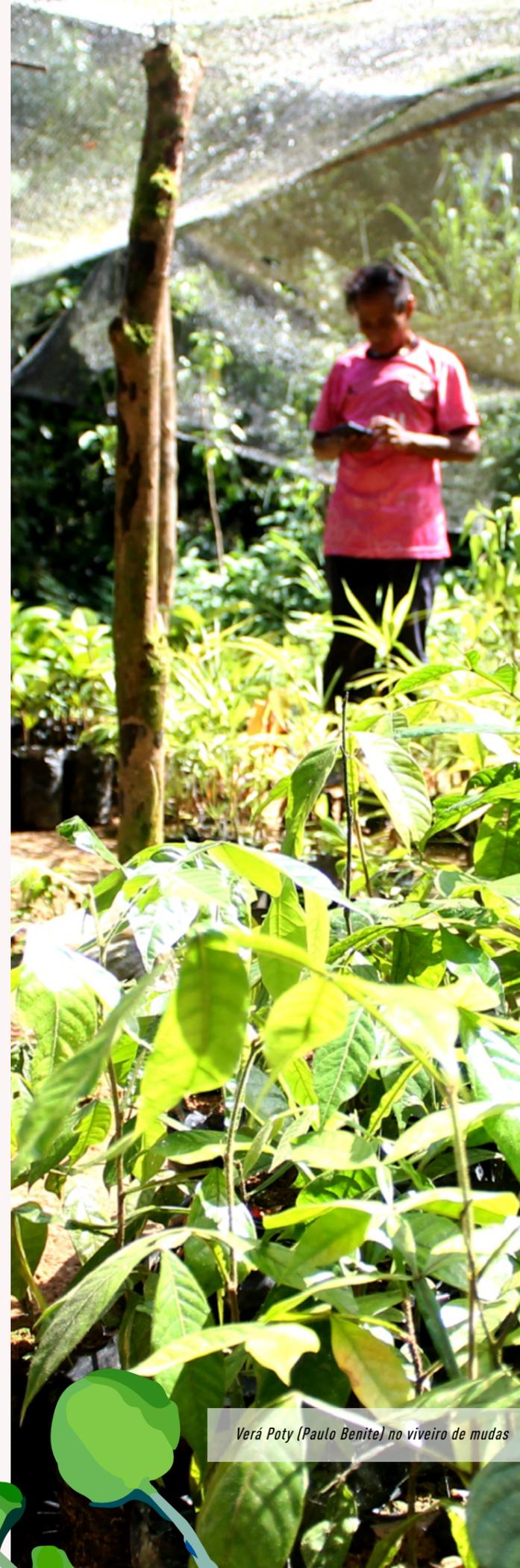
Verá Mirim (José), 80 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

A realização dos plantios, marcadas por cerimônias, ocorrem no Ara pyau, que pode ser compreendido como ano novo, tempo novo, quando ocorrem as chuvas e o calor. É o melhor momento para as plantações. Para as colheitas, também marcadas por grandes cerimônias, ocorre no tempo Ara ymã, com a chegada do frio, do recolhimento e do descanso. Esses dois tempos marcam o modo de vida Guarani Mbya.

O cultivo de aipim, mandioca, batata doce, banana e também da juçara, árvore que demora até 10 anos para estar pronta para a colheita, além de proverem a subsistência, contribuem também para a renda da comunidade.

“ Aqui tem aipim, plantação de palmito de juçara. Ninguém faz farinha na aldeia, a mandioca é cozida. O palmito também é para a venda, mas deu uma diminuída na venda e no valor. Antigamente a gente vendia por R\$20,00, mas hoje em dia vale R\$15,00, R\$10,00”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos,
Aldeia Sapukai, 2022



Verá Poty (Paulo Benite) no viveiro de mudas

“ Batata doce, mandioca, banana e só. Tem palmito. Fui tudo eu que plantei mesmo, sozinho. Demorou muito tempo. Quando cheguei plantei oito pés de palmito e agora já tem... já dá para a criançada comer. Um pé de palmito demora 10 anos para poder comer. Palmito pode plantar em qualquer hora”.

Verá Mirim (José), 80 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

A extração de modo sustentável é base da relação entre os Guarani Mbya e a natureza (Kaaguy). A madeira, por exemplo, retiram para a confecção do artesanato, para o uso como lenha e para construção de casas. Também realizam o plantio de muitas árvores que são utilizadas, como o palmito juçara, o açaí, a guaricanga, que é utilizada nos telhados das casas, além de árvores frutíferas. Paulo Benite, que mantém um viveiro próximo ao posto de saúde, explica como realiza o plantio das sementes e o destino das mudas:

“ Muda de palmito juçara, açaí e guaricanga, que usamos para fazer casa, a palha. Guaritanga a gente planta e vende também. A Funai compra para ajudar. A Jussara tem que trazer sementes, eu tenho algumas aqui. Essa semente eu pego aqui, a época boa é o tempo frio. O calor está matando. Ela demora seis meses para ficar um tamanho assim, tem que molhar, tem que cuidar. A terra aqui é boa para plantar palmito.

Verá Poty (Paulo Benite), 40 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

“ Jambo tem perto da minha casa e eu tiro a semente. Época boa é desse ano, nessa época (setembro e outubro). Ela demora uns cinco meses para a muda plantar na terra. O açai demora para ficar desse tamanho, mas assim já está bom para plantar. O açai usamos para fazer muda, vendemos, comemos também. Para dar fruta, demora até cinco anos. A juçara leva dez anos. Guaricana, usada para fazer casa. Essa planta diferente, porque assim, se tocar tem que plantar, porque se não plantar ela morre, mas eu não sei porque isso. Ela é de semente também. Ela demora seis anos para ficar nesse tamanho. Para ficar grande demora dez anos. Ela gosta de sombra, todas essas gostam. Para a casa corta a folha e amarra para fazer casa. Ainda usa muito, mas agora já acabou perto, antes era mais”.

Verá Poty (Paulo Benite), 40 anos, Aldeia Sapukai, 2022

Assim como na agricultura, a caça também sofre diretamente os impactos das mudanças climáticas e, nesse caso específico, a entrada de caçadores juruá nas matas da aldeia. A prática era mantida com certa constância na época em que chegaram, mas hoje, devido a essas mudanças e também ao receio de encontrarem pessoas armadas pelas trilhas, poucas são as incursões para as caçadas:

“ Caçar hoje quase não tem, não existe. Às vezes tem tatu, gambá. Mas veado, não tem mais. Quando eu era pequeno lá em Chapecó tinha porco do mato, anta... mas depois foi acabando mesmo”.

Verá Mirim (José), 80 anos, Aldeia Sapukai, 2022

CRIAÇÃO	CAÇA
Galinha caipira	Paca
Pato	Tatu
Ganso	Cotia
Peru	Macuco
Galinha d'angola	Porco do mato
	Quati
	Saracura
	Gambá
	Capivara

PLANTAÇÕES NA ALDEIA SAPUKAI (GRITO DE SOCORRO)

Mandioca	Juçara
Milho	Açai
Feijão	Pitanga
Batata doce	Goiaba
Inhame	Jambo
Cana de açúcar	Laranja
Banana	Limão
Côco	Manga
Jambo	



Xondaros realizam coleta de madeira para realização de artesanato

CELEBRAÇÕES

As celebrações ocupam um papel central na vida Guarani Mbya e estão relacionadas com Ara pyau e Ara ymã. Abaixo estão listados alguns dos principais eventos e as respectivas descrições por parte dos comunitários:

• NHEMONGARAI (BATISMO DO NOME)

“ O batismo é uma cerimônia coletiva. Meu pai fazia isso, mas hoje aqui não faz mais não. Agora para fazer o batismo tem que ir para São Paulo, na aldeia chamada Amba Porã, que fica perto de Miracatu. Lá tem uma senhora bem antiga ainda, que dá o nome Guarani”.

“ Quando nasce tem que receber primeiro o nome em Guarani, senão o corpo não se forma. Na cosmovisão do Guarani é assim. Claro que a ciência de lá diz que casamos, nos relacionamos e as pessoas nascem. Na ciência Guarani, dizemos que se relacionam com Deus. Se o Deus mandar para nascer, ele nasce. Mas depois que nasce, a criança é frágil fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Então precisa receber nome em Guarani. O nome não é criado na terra... Por isso essa parte o Guarani faz. O nome é dado no batismo. Assim que a criança começar a ouvir a primeira palavra tem que dar o nome. É um conhecimento bem bacana”.

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• NHEMONGARAI (PLANTIOS E COLHEITAS)

“ Batismo das sementes não tem essa prática aqui, inclusive estou escrevendo sobre isso. Está em desuso, assim como a língua. O mesmo para o milho, tinha o batismo do plantio, depois a cerimônia de colheita. Tudo era cerimônia. Para tirar o milho para comer, era uma cerimônia. Como não tem plantação, não tem cerimônia. Porque a terra não está boa para o plantio. Inclusive, a cerimônia do batismo influencia a cerimônia de batismo do milho. O batismo tem que acompanhar alguma coisa, como o pão, podemos chamar de pão. Tem trabalho religioso que dura uma semana. O que eu estou trabalhando agora na dissertação é que as palavras que eram utilizadas nas cerimônias estão em desuso, porque como não tem a cerimônia, não se usa mais. As palavras das cerimônias a gente não fala no dia a dia”.

Karai Mirin (Algemiro da Silva), 60 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• JEROKEY (DANÇAS DOS XONDAROS E XONDARIAS) E MBORAI (CÂNTICOS)

Os xondaros/xondarias são guerreiros e guerreiras guardiãs da cultura Guarani Mbya e a dança relacionada pode ser entendida como um exercício físico e espiritual além de técnica de luta.

Os cânticos, considerados sagrados, são muito praticados entre os indígenas. Há o Coral Guarani Tenonderã que também realiza apresentações até fora da aldeia.



Ara Jera (Genira) realiza artesanatos



Casa de reza

• CASA DE REZA

“ Aqui na aldeia tem cinco casas de reza, nós temos oito núcleos familiares aqui dentro. De oito núcleos familiares temos cinco casas de reza pequenas por núcleo. Às vezes a gente fala que está tudo esquecido, mas no fundo existe ainda aquela sementinha que está nascendo, tentando crescer, tentando renascer. Essas coisas que eu estou falando são do grupo atual. Por exemplo, aqui é o espaço que eu dirijo, toda noite as crianças, poucas crianças, mais são os jovens que vem, eu sento aqui e falo para que eles não pensem que essa casa é minha, é nossa casa, deles também. Então aqui no nosso núcleo temos três meninos que vem, adolescentes, era para eles estarem na internet, assistindo televisão, mas quando chega a noite eles sentam aqui e pegam os instrumentos e tocam, eu convido para eles fazerem a reza também, falo para levantarem e fazerem a reza. Eu vejo que no fundo está nascendo, está voltando, eu acho que é isso”.

Xunu Mirim (Lucas Benite), 47 anos, Aldeia Sapukai, 2022



NHANHA GAREKO (PRÁTICAS DO CUIDADO)

As práticas do cuidado e cura são fundamentais para o modo de vida Guarani Mbya, em que carregam todo o conhecimento ancestral.

• NHANHA GAREKO (DOENÇA ESPIRITUAL) E BAEAXYRE (DOENÇA DO CORPO)

“ No meu entender, nós indígenas, temos duas doenças. Têm a doença espiritual e têm a doença normal, diga-se assim, tem talvez alguma quebra, aí vai atendendo com a saúde de fora. Se alguém tiver problemas de rins, então vai ao médico, mas tem outros que não, que dói de um dia para o outro doeu, então, assim mesmo, tem a doença espiritual que também precisa resolver”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• POÃ REKO KAAUYREGÚA (CONHECIMENTO DAS ERVAS MEDICINAIS)

“ Se for assim de repente, os mais velhos sabem como cuidar. Se não é preciso levar para a cidade, eles cuidam, fazem benzimento. Os mais velhos fazem nas crianças e adultos. A maioria, a minha família, quase não levo no hospital. Eu sei um pouco de remédio do mato, se não sei reclamo para os meus parentes que sabem. Aqui a gente pega nas matas, mas alguns plantam por aqui”.

Kuaray (Zeferino Mariano) Mariano, 93 anos, Aldeia Sapukai, 2022

“ Aqui tem muita virose, diarreia, vômito, problema de respiração, gripe. Às vezes a gente procura o posto, quando é coisa, eles mesmo sabem fazer os chás, coisa natural. Diarreia mesmo a Genira faz remédio”.

Para Mirim (Lúcia Borges da Silva), 45 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICO

Há, na Aldeia, um posto de Estratégia de Saúde da Família (ESF) chamado Cacique Domingos Venite. Entre os funcionários, os agentes de saúde são indígenas e realizam o acompanhamento das famílias e o agendamento de consultas, quando necessárias. Este posto de saúde é resultado de muita luta das lideranças Guarani, pois no passado, quando necessitavam utilizar os serviços de saúde, tinham que ir até a unidade do Bracuí.

“ Então, a gente tem dentro do posto os trabalhadores que são agentes de saúde indígena e tem uma equipe técnica de saúde que é de fora, em termos médicos que vem duas vezes por semana e temos a saúde bucal que também atende duas vezes por semana. Mas não adianta ter equipe de saúde se falta muita coisa dentro do trabalho... Remédio, esse tipo de coisa, até dentro do saneamento mesmo, tem a equipe de saneamento indígena que envolve a saúde da água, mas se eles não tiverem equipamento ou material adequado para eles trabalharem, eles não trabalham”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• COVID

A pandemia de Covid-19 representou e ainda representa um desafio ao povo Guarani Mbya, pois afetou diretamente suas tradicionais práticas culturais criando barreiras para as formas ancestrais de relações. Por outro lado, os muitos casos registrados forçaram que alguns deixassem a aldeia e buscassem atendimento nas unidades de saúde do município de Angra dos Reis.



Para (Marta da Silva) durante campanha de vacinação da Covid-19

“ Antes da pandemia, tinha vários outros núcleos familiares que vinham tomar chimarrão aqui com a gente, almoçava. E, a partir do momento que não pode ir, a equipe médica mesmo orientava a gente a não ir, não compartilhar nosso objeto, nossa comida com outras pessoas, daí, culturalmente, impactou, porque, eu mesmo, não quero mais dar minhas coisas para alguém, com essa orientação a gente foi se acostumando”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022

“ Eu mesma fiquei internada com covid um tempo. O tratamento foi bom. Aqui acho que todo mundo pegou. Eu fiquei assustada com a covid. Minha sogra disse que antigamente quando tinha muito contato, morria mais gente.

Para Mirim (Lúcia Borges da Silva), 45 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• CONFLITO COM O CONHECIMENTO JURUA

“ Eu sempre avalio a forma de atendimento em questão da saúde indígena. Primeiro, a saúde da mulher. A saúde da mulher envolve todo esse processo de gravidez e atendimento da mulher e, nesse sentido do atendimento, por exemplo, gravidez da mulher, ela vai ao médico e o médico fala que é gravidez de risco, então tudo é esse processo que envolve a questão do atendimento à saúde da mulher indígena, ela é boa e causa muito impacto também. Até porque, esses médicos que atendem mulher grávida, dá medo, assim, “ah, vai ter que fazer cesariana, você tem que ir ao médico fazer o parto, vai ter que ser na cidade”. Então, todo esse medo que ele dá para essas mulheres, essa é uma das questões da saúde que conflitam com o conhecimento nosso, a parteira tradicional fala “não, o neném está bom, o neném está bem, só esperar o tempo certo para nascer”, então, todo esse processo de conflito de conhecimento mesmo, tem o conhecimento do médico que estudou e tem o conhecimento tradicional que não estudou, mas estudou também, então, esse modelo de conflito de conhecimento”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022



ECONOMIA SOLIDÁRIA: GERAÇÃO DE RENDA E TRABALHO

A economia na Aldeia Sapukai está fortemente, mas não exclusivamente, atrelada ao modo tradicional de vida Guarani Mbya. Os recursos naturais são utilizados para a confecção de artesanatos como em formato de bichinhos e colares, o plantio da juçara oferece excedente para a comercialização e o turismo de base comunitária - TBC, que tem como roteiro pontos importantes da comunidade, permite a geração de renda para aqueles que trabalham como guias. Outras fontes de renda podem ser identificadas na contratação de indígenas em atividades ligadas ao serviço público e a participação em programas sociais do Governo Federal que ajudam a complementar orçamentos familiares.

“Nosso aqui, primeiro de renda, é artesanato, mas nosso artesanato foi desvalorizado, o valor caiu muito. Antigamente era sessenta, setenta reais, hoje em dia você vende por quarenta, do valor de setenta, tem que vender por quarenta, de dez reais, você tem que vender por cinco, tudo é assim. Daí, a fonte de renda de artesanato mesmo e algumas pessoas são professores, tem a equipe de saúde indígena, são assalariados, mas não tem aquele salário bom, mas tem o seu por mês de garantia. Então, por exemplo, aqui tem minha sogra que é aposentada e as outras só fazendo seu artesanato e a renda mensal é de Bolsa Família”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

• TEMBIAPO (ARTESANATO)

O artesanato é amplamente realizado pelas famílias na TI Sapukai que utilizam sementes de Pau Brasil para a elaboração de mbo'y (colares) e poapyregua (pulseiras) que são vendidas aos turistas que chegam à aldeia e também em eventos que participam. Quando não encontram essas sementes, compram algumas de fora além de miçangas. As hajaka (cestas) são realizadas com taquara e tingem as palhas com anilina. Entre os produtos de artesanato, é muito forte a produção de bichinhos, feitos de madeira Yvyra mba'emo ragarã:

“As mulheres todos os dias produzem o artesanato, a nossa cultura mesmo. Eu faço cestinho, colar de semente, pulseira. O cesto é feito de taquara. Mas quem vai buscar são os homens, eles pegam a taquara. Eles trazem aqui, corta, limpa e depois vai fazendo assim... A gente usa tinta anilina e fica dessa cor. A gente produz para vender quando vem turista, tem evento. Aqui é muito difícil sair nesse núcleo, mas tem família que tem carro e vende em Angra. Aí às vezes quando tem evento a gente vende.”

Para Mirim (Lúcia Borges da Silva), 45 anos,
Aldeia Sapukai, 2022



Alinda Ara Mirim

• PALMITO JUÇARA E MANDIOCA

Em relação à agricultura, atualmente conseguem vender pelo Bracuí a produção de juçara. A mandioca, quando conseguem uma produção em quantidade, também levam para comercializar. Muitas vezes essa comercialização é feita a base da troca, em que recebem como pagamento alimentos que não são produzidos na aldeia, como trigo e arroz.

“Eu vendo palmito, tenho projeto de palmito. Hoje, depois de dez anos, a gente está colhendo o palmito. Os meninos que plantaram, hoje eles tiram o palmito plantado, vê se está sol e vai lá rapidinho e corta onde ele plantou”.

Xunu Mirim (Lucas Benite), 47 anos,
Aldeia Sapukai, 2022

• TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

O TBC tem roteiros indicados pela Rede Nhadareko, núcleo de turismo de base comunitária do Fórum de Comunidades Tradicionais, em que são apresentados aos turistas a mata, o centro da aldeia, as roças e algumas ervas medicinais. Também há a exposição do artesanato de colares e bichinhos além da comercialização de alguns alimentos como o tipá, pão feito com trigo, água e sal.



• OUTRAS ATIVIDADES

“ Eu trabalhava como agente de saúde, tem 17 anos e eu parei de trabalhar. Eu também acompanhei a Alzira nos partos, ela é parteira”.

Para Mirim (Lúcia Borges da Silva), 45 anos, Aldeia Sapukai, 2022

“ Os professores indígenas aqui da aldeia mesmo é somente escolha, escolha das comunidades, não tem concurso. Mas eles não são como professores dentro do sistema do estado, eles são somente bolsistas, não é conhecido como professor.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022

• A IMPORTÂNCIA DA GERAÇÃO DE RENDA

“ Aqui a maioria, todo mundo é assim, o ser humano, a gente vive do dinheiro, índio, negro, qualquer pessoa. Mas não é discutido dentro da comunidade a economia Guarani. Como é? Não é falado, não é discutido a economia Guarani, a economia indígena. Eu falo pro meu filho que se eu fizesse conta de manhã, sete, oito horas, quanto a gente gasta aqui? Café, leite, pão, trigo, a gente faz o tipá, aquele bolo, a gente sempre usa trigo de manhã. Aqui na minha família a gente usa dois quilos de trigo por dia, de manhã só. Ali na minha sogra são três quilos de manhã.

Aqui, um frango, quase não chega em mim, tem que ser um frango e meio. Se a gente fizer a conta, o dinheiro rola, está assim, mas ninguém fala. Então eu falo pro meu filho, às vezes eu converso com adolescente, tem que estudar, mas tem que aprender a gerar renda, porque a gente depende muito”.

Xunu Mirim (Lucas Benite), 47 anos, Aldeia Sapukai, 2022

“ Todas as alimentações, maioria, vem de fora. A partir do momento que a gente vende o artesanato, a renda é toda para a alimentação, mas está sendo difícil. Isso afeta diretamente a renda familiar. A aldeia como todo é afetada diretamente com essa baixa da renda, da venda do artesanato. Hoje em dia a gente só vive mesmo pela articulação dos amigos, de doações de alimentos, de cestas básicas. E assim vai indo de todo esse processo de manejo de fora, que impacta as aldeias indígenas”.

Karai Xiju (Júlio Garcia), 39 anos, Aldeia Sapukai, 2022



Xunu Mirim (Lucas Benite) durante a coleta de madeira para a realização de artesanato

ASSOCIATIVISMO COMUNITÁRIO E BANDEIRAS DE LUTA

A Aldeia Sapukai é representada pela Associação Comunitária Indígena Bracuí - ACIBRA e mantém relações com: Fórum de Comunidades Tradicionais - FCT, Comissão Guarani Yvyrupa, Universidade Federal Fluminense, Instituto Nacional do Patrimônio Histórico, EMATER, Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, entre outros parceiros.

CONFLITOS

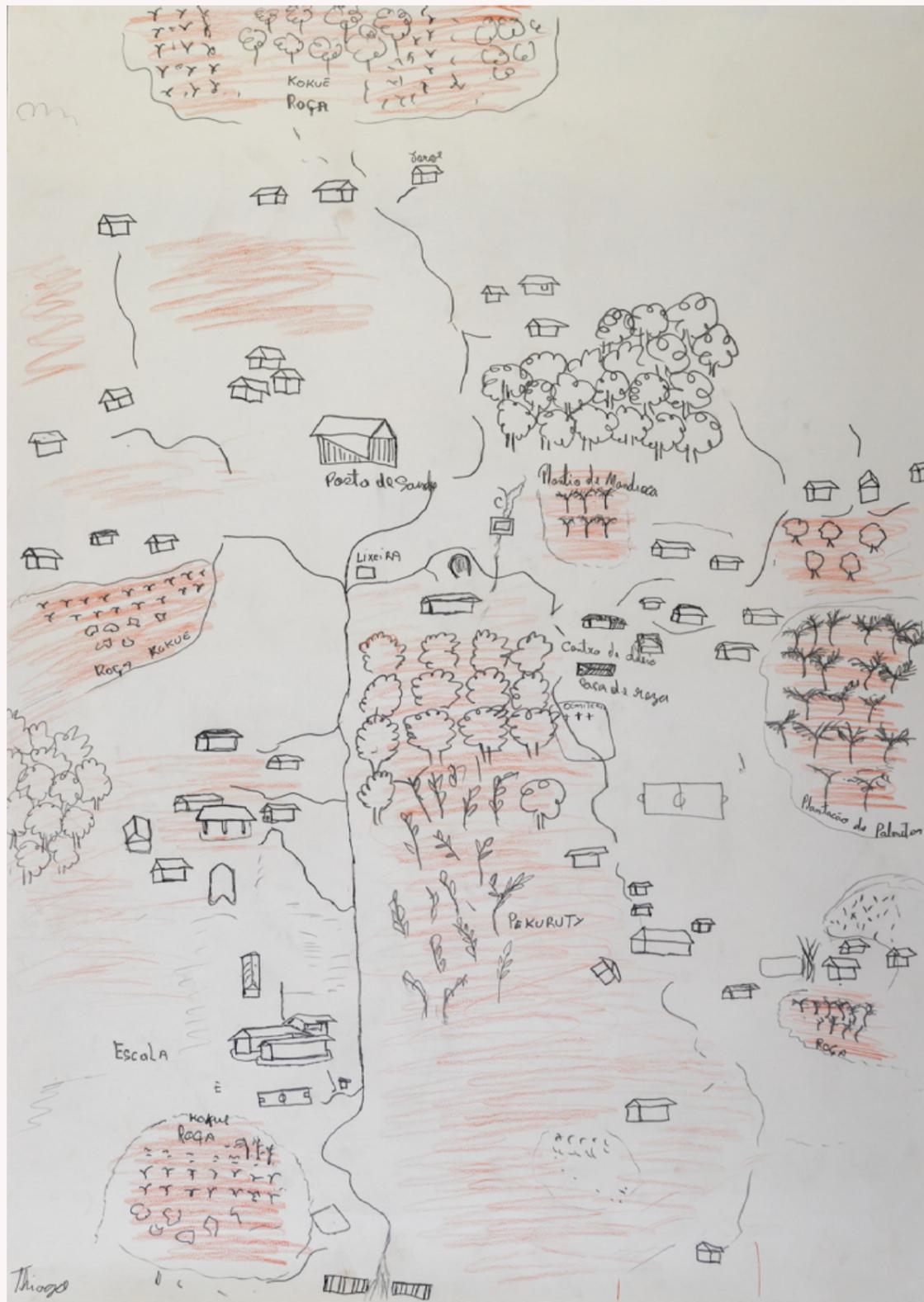
Abaixo listamos alguns dos principais conflitos enfrentados pela comunidade atualmente e suas descrições.



Mapa falado dos núcleos familiares da Aldeia Sapukai

CONFLITOS	DESCRIÇÃO
Território (especulação imobiliária e grilagem de terra)	Ocupação do território tradicional com condomínios, hotéis, pousadas e clubes
	Esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental
	Falta de fiscalização ambiental
	Poluição no rio Bracuí
Território e recursos naturais	Assoreamento dos rios
	Falta de saneamento básico
	Entrada de caçadores/caça ilegal
	Entrada de madeireiros
	Grandes empreendimentos, principalmente a Usina Eletronuclear e a Hidrelétrica
	BR-101
Infraestrutura	Segurança pública
	Falta de saneamento básico
	Iluminação pública
	Manutenção na estrada
	Escola pública que não abre diálogo com a Aldeia
	Transporte público não adequado para levarem os artesanatos para outros lugares

MAPAS FALADOS



Comunidade Indígena Tekoa Sapukai (TI Guarani de Bracuí)

Áreas de uso e ocupação tradicional

- Yyy añ (local de observação)
- Yy Ryapu (Cachoeira)
- Xivi (Onça)
- Agrofloresta
- Joapygua (Núcleo familiar)
- Extrativismo
- Agrofloresta
- Mbaety (Roça)
- Mbaety (Roça) em posio

Turismo e comércio local

- Takwa'i (Taquaral)
- Padaria

Infraestrutura e serviços públicos

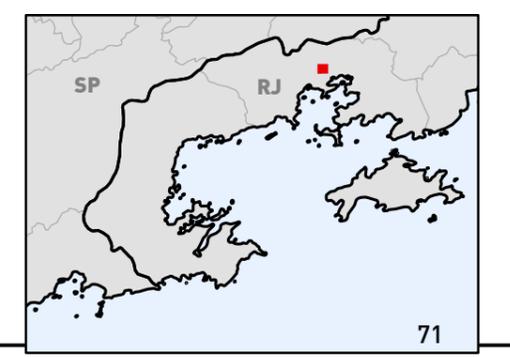
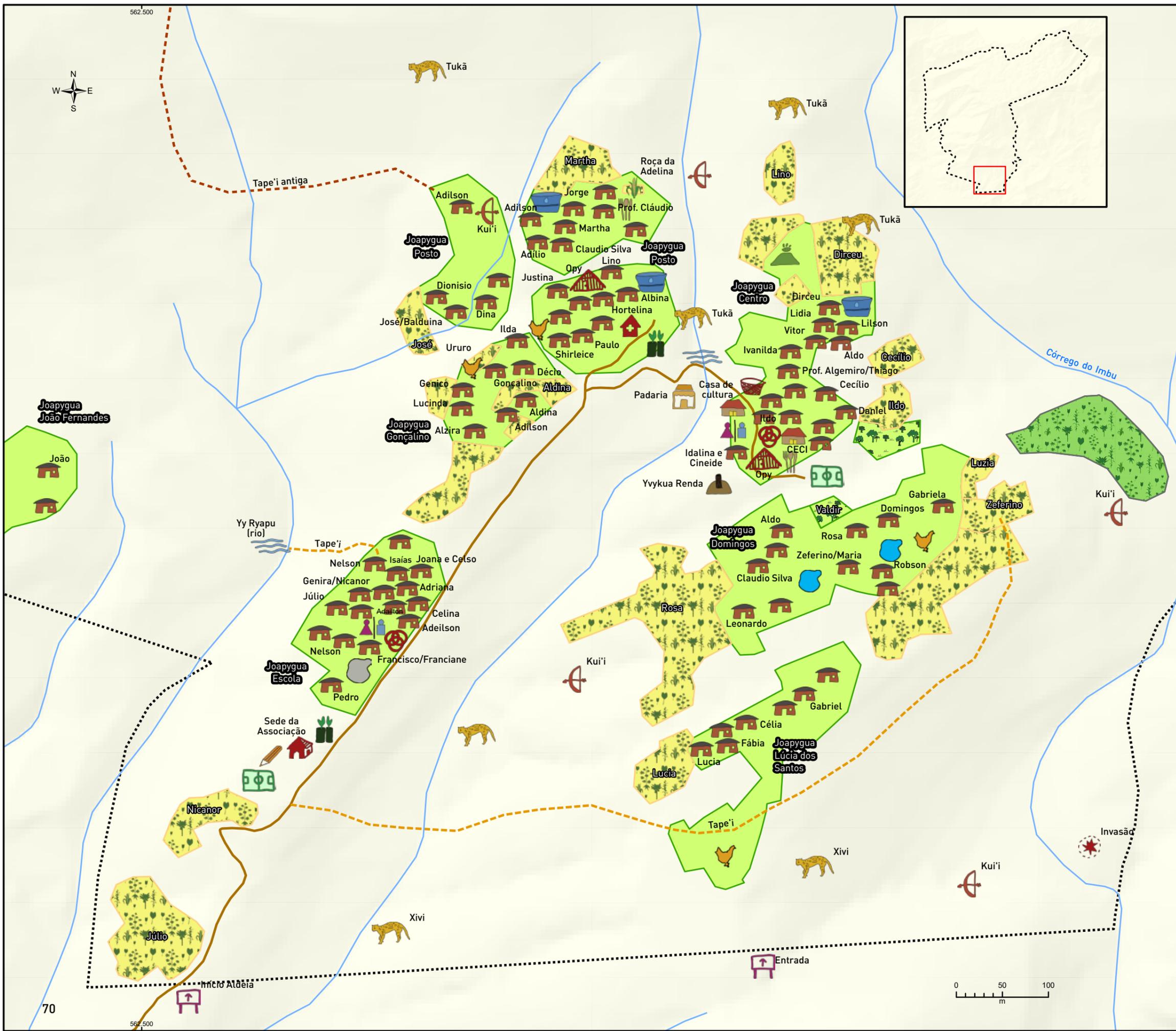
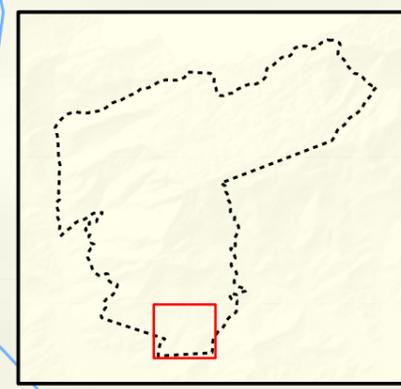
- Marika Jakaxa (Caça)
- Tanque de peixe
- Tanque de peixe antigo
- Yyrya Ky Ty (Viveiro)
- Ururo (Galinheiro)
- Mbaety (Roça)
- Oo (Casa)
- Opy (Casa de Reza)
- Yvykua Renda (Cemitério)
- Sede da Associação
- Espaço de convivência
- Centro cultural
- Temiapiro Ro (Casa de artesanato)
- Jakaruraty (Cozinha comunitária)
- Ougaty (Campo de futebol)
- Início Aldeia
- Nhembo'e Haty (Escola)
- Yy Ryru Guaxu (Caixa d'água)
- Katy (Banheiro comunitário)
- Nhepoano Haty (Posto de saúde)

Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

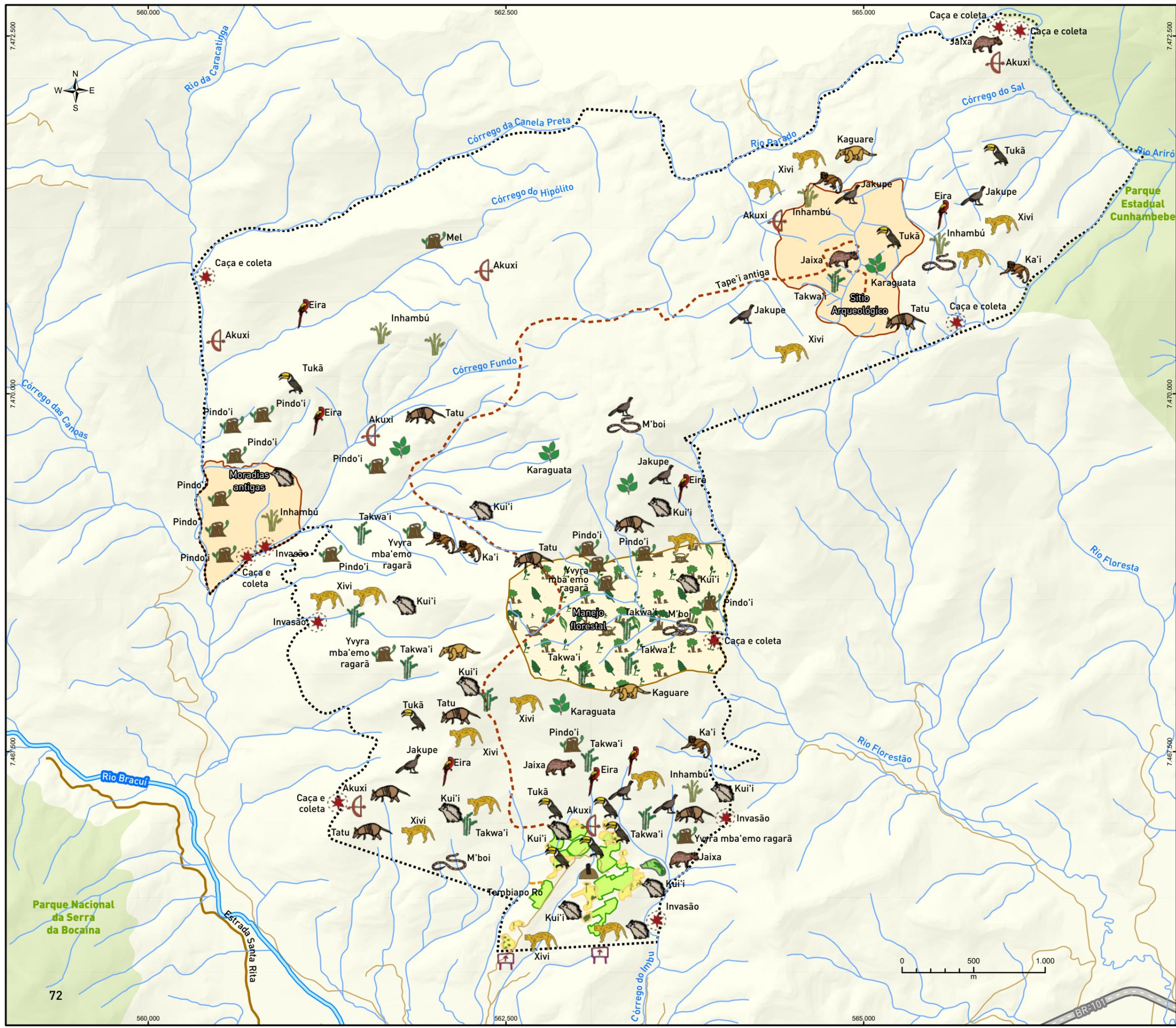
- Conflito de território

Outros elementos

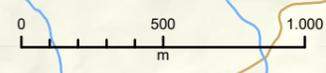
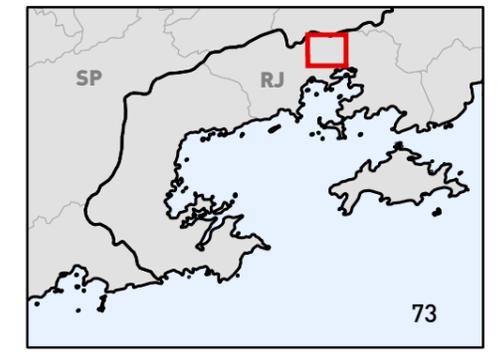
- Limite da Terra Indígena
- Tape'i (Trilha)
- Tape'i (Trilha) antiga
- Yyākā (Rio)
- Estradas; Ruas



Comunidade Indígena Tekoa Sapukai (TI Guarani de Bracuí)



- Áreas de uso e ocupação tradicional**
- Akuxi (Caça)
 - Extrativismo
 - Inhambú (Bambuzal)
 - Takwa'i (Taquara)
 - Eira (arara)
 - Jaixa (paca)
 - Jakupe (jacú)
 - Ka'i (macaco)
 - Kaguare (tamanduá)
 - Karaguata (bromélia)
 - Kui'i (porco-espinho)
 - M'boi (cobra)
 - Tatu
 - Tukã (tucano)
 - Xivi (onça)
- Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária**
- Conflito de território
 - Unidade de Conservação
- Outros elementos**
- Limite da Terra Indígena
 - Tape'i (trilha)
 - Tape'i (trilha) antiga
 - Yyākã (rio)
 - Yyākã (rio) Bracuí
 - Rodovia
 - Estrada Santa Rita
 - Outras Estradas; Ruas
- Ícones de ocupação e uso:**
- Início da Aldeia
 - Yvykua Renda (Cemitério)
 - Joapygua (núcleo familiar)
 - Aldeia antiga
 - Extrativismo
 - Agrofloresta
 - Mbaety (roça)
 - Mbaety (roça) em pouso



QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUI

“ A liberdade não ficou do nosso jeito,
Deram a nossa liberdade e não deram
os nossos direitos. É por isso que o Brasil
está cheio de preconceito”

Ponto de Jongo de Seu Manoel Moraes

TEMPOS E ESPAÇOS

O Quilombo Santa Rita do Bracuí tem sua história diretamente marcada pela relação com um dos principais comerciantes de escravizados do século XIX e ainda hoje lembrado por alguns quilombolas, o Comendador Joaquim José de Souza Breves, também conhecido como “o Rei do Café”.

Após a Lei Feijó, em 1831, que tornou o comércio negreiro ilegal, a família Souza Breves utilizou suas vastas e inóspitas terras ao sul da província do Rio de Janeiro para desembarcar africanos clandestinamente abastecendo não apenas seus engenhos, mas também o Vale do Paraíba e as imensas plantações de café que demandavam crescente mão de obra. As fazendas da Marambaia (Mangaratiba) e do Bracuí possuíam, além de engenhos e moendas para produção de cachaça, portos para o desembarque e barracões para quarentena e “engorda” dos africanos recém chegados antes de serem distribuídos pela região. A participação nas três frentes econômicas altamente rentáveis, aguardente, tráfico negreiro e café, permitiu à família Souza Breves acumular riqueza e dominar a região por quase todo o século XIX. Diversas famílias que hoje vivem no Quilombo Santa Rita do Bracuí são descendentes diretos dos africanos traficados e mantidos cativos na região.¹

3 Para mais informações, ver: LOURENÇO, Thiago Campos Pessoa. **O império dos Souza Breves nos oitocentos:**

A importância histórica do quilombo, sua permanência familiar e comunitária, é, portanto, significativa não apenas para a região, como também para o estado do Rio de Janeiro e para o Brasil. Parte dessa história hoje sobrevive através da memória oral que circula entre seus moradores e também pelos locais históricos que testemunharam a resistência no território tradicional, ainda que alguns destes não estejam mais acessíveis aos quilombolas. Essa resistência, iniciada no século XIX perdura até os dias de hoje.

A história de dona Joana de Azevedo dos Santos, falecida em 2015, aos 100 anos, ilustra as lutas enfrentadas pela comunidade e os laços de permanência ao longo do século XX, conforme nos conta um de seus filhos, José Maria dos Santos. Nascida na então Fazenda do Bracuí, em 1915, Dona Joana era filha de Martins Leandro de Azevedo, encarregado da fazenda onde chegou ainda no século XIX para trabalhar na construção do Engenho.

política e escravidão na trajetória dos Comendadores José e Joaquim Breves. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1367.pdf>

“ O pai da minha mãe era Martins Leandro de Azevedo. Era casado, mas não me pergunta o nome da minha avó, porque eu não sei. Minha mãe falava muito pouco da minha avó, eu não lembro, não tem como lembrar. Pela história, eles vieram da Itália pra cá. Eles vieram para cá para tomar conta da fazenda, da Santa Rita, essa fazenda do Bracuí. Essa fazenda que nós estamos no quilombo”.

José Maria dos Santos, 69 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



José Maria dos Santos, filho mais novo de Dona Joana de Azevedo dos Santos

Ainda muito jovem, dona Joana casou-se com José Domingos dos Santos, filho de Leonel Domingos dos Santos e Maria da Conceição, integrantes de uma das mais antigas famílias do Quilombo, a família Domingos dos Santos. Dessa união tiveram cinco filhos, Vera, falecida em 2007; Fernando, irmão gêmeo de Vera, hoje com 79 anos; Carlinhos, com 73; Cléia, 72 anos; e o caçula, José Maria. Os filhos do casal cresceram ouvindo as histórias contadas pela mãe sobre o sofrimento dos antepassados, chegando até mesmo ao tempo do Breves.

“ A história que a minha mãe contava era que ele fez a capela e o cemitério pro povo do Bracuí, como uma herança pro povo do Bracuí e a primeira pessoa enterrada foi uma escrava dele. Não fazia catacumba não, era cercado assim de pedra em cima, depois que começaram a fazer catacumba, mas antes não tinha”.

José Maria dos Santos, 69 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

A vida de Dona Joana foi marcada por muita luta e, devido a isso, é lembrada até hoje pelo seu espírito aguerrido, segundo seu filho, “porque ela puxou muito do tempo da escravidão”. Quando jovem, além de criar os filhos e netos, exercia atividades na agricultura mantendo as roças para a subsistência e o plantio de banana junto com toda a família para a comercialização. Desse tempo, seu filho José Maria lembra com carinho e diz ter sido “a melhor época da vida”:

“ Fui criado na roça. Aqui era bom para mim, era divertido. Roçar banana, o pior que tinha era puxar banana nesse rio aí. Era subir de canoa até lá no campo do Damião lá em cima, pro lado da Marilda. A gente ia lá em cima buscar banana, subir o rio de canoa, pegava a banana lá, descia, botava lá perto na boca do mar, na saída. No dia que o barco vinha a gente embarcava e colocava no barco para vender as bananas”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Para falar a verdade, não sei quando comecei a trabalhar na roça, não posso dizer tantos anos, porque eu, praticamente, fui nascido e criado na roça. A gente começava a cuidar de porco quando era criança, tomar conta de porco que a gente criava muito porco, criação de porco, galinha, começava nossa lida cedo, quando não era trabalhando, você ficava no local tomando conta para os bichos não comerem. Durante o dia a gente tinha que fazer isso quando era criança, era nosso trabalho até começar a pegar idade para trabalhar, acho que doze, treze anos, já estava na lida”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Dona Joana Azevedo dos Santos, uma das principais lideranças do Quilombo Santa Rita do Bracuí

O estilo de vida tradicional passou a ser ameaçado a partir da década de 1970, por conta do intenso processo de especulação imobiliária, principalmente devido à abertura da BR-101 que facilitou o acesso à região e deu início à chegada dos grandes empreendimentos. Parte do terreno que havia sido herdado de seu pai, após anos de disputa, foi ocupado por uma construtora que forçou os moradores a venderem algumas de suas posses. Nesse mesmo período, ela e mais algumas lideranças se organizaram em conjunto com a Comissão Pastoral da Terra - CPT e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angra dos Reis - STR-Angra, para a defesa de seus direitos e do território tradicional.

“ É porque tinha o Rio Morto, eles queriam comprar e meu pai não quis vender, minha mãe morria, mas não vendia a terra dela. Aí tinha esse Rio Morto lá e eles aterraram o Rio Morto e entraram com a máquina já derrubando. Então eles invadiram aqui, depois que estava invadido e já tinha feito um rombo no meio, tinha derrubado muito pé de banana, tinha uns pés de cafés que eles tinham derrubado também, não teve como os velhos não venderem.”

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Esse breve relato da história de vida de dona Joana de Azevedo Santos permite observar como a preservação da memória social e a luta pelo território foram fundamentais para a formação da identidade quilombola em Santa Rita do Bracuí. A lembrança viva dessa “mulher guerreira”, como descreveu uma jovem quilombola, inspira a continuidade da luta pelas novas gerações em busca da manutenção daquilo que Dona Joana e demais comunitários lutaram para preservar ao longo de gerações.



O QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ

• LOCALIZAÇÃO

O Quilombo Santa Rita do Bracuí está localizado no Distrito de Cunhambebe, no município de Angra dos Reis (RJ). Seu território tradicional abrange desde a faixa costeira e se estende pelo percurso do Rio Bracuí até a divisa com o estado de São Paulo.

• OCUPAÇÃO QUILOMBOLA E SUA HISTÓRIA

“ Existia aqui um dono de escravo com o nome de José de Souza Breves, antes da sua morte, ele conseguiu organizar com as autoridades, e fez essa doação para todos os escravos dele. E nós estamos aqui e somos descendentes de escravos”¹

Manoel Moraes, Quilombo de Santa Rita do Bracuí, fevereiro de 2007

A história do Quilombo Santa Rita do Bracuí tem como marco temporal a chegada de africanos ao longo do século XIX para trabalharem como cativos nas terras da família Souza Breves que se estendia da Marambaia ao Bracuí.

Desse período, os quilombolas recordam histórias contadas pelos antepassados, como a chegada de navios tumbeiros oriundos da África. A história do Brigue Americano – Camargo, que naufragou na costa próxima ao Bracuí, é um caso emblemático.

“ A Fazenda Bracuí era uma fazenda estratégica, porque perto do mar, os negros chegavam todos por aqui. Isso quando ainda podia fazer esse tráfego. Mas depois, ele continuou sendo traficante de pessoas. Tanto que o Brigue de Camargo era dele. Nós precisamos encontrar esse documento, porque ele foi preso aqui em Angra por conta do naufrágio, em 1852. O capitão do navio, Gordon, foi preso em Santos vestido de mulher para não ser reconhecido. Como ele era americano, voltou para o país dele e lá foi morto por conta desse crime, porque ele era um pirata. E na nossa história oral contam que o navio tinha um tampão no fundo e tiraram e o navio foi a pique. Mas no jornal da época saiu dizendo que ele colocou fogo no navio... Mas o navio foi a pique de qualquer forma e algumas pessoas conseguiram escapar e nadaram até a Ilha do Jorge, ela inclusive está dentro do testamento do Breves”.

Marilda de Souza Francisco, 59 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Igreja de Santa Rita do Bracuí

Também são lembradas as histórias das ruínas e edificações construídas nesse período como os altares construídos em homenagens a Santa Rita e São José. Mais tarde foram construídas pelo povo as capelas, as quais, segundo os relatos, têm esses nomes por conta dos patriarcas da família Breves: José e Rita.

“ Por que eles botaram Santa Rita? Porque Rita era a mulher do Breves, esposa do Breves. Então ele fez a Igreja Santa Rita pelo nome da mulher dele e São José ele fez pelo nome dele, ficou um olhando para o outro, a Igreja de Santa Rita olha pra lá, que é a frente, e a Igreja de São José olha para cá também. Agora, são históricas, a igreja de São José está precisando de uma reforma, mas,

infelizmente, ninguém se manifesta para fazer essa reforma. Já foi até assaltada uns anos atrás, então os bens da igreja foram retirados, alguma coisa, minha mãe que contava, tinha uma santa que tinha ouro dentro. Aí os ladrões quebraram o braço da santa para poder tirar os bens e depois parece que o padre, não sei se foi aqui do centro da cidade, convenceu a tirar o resto dos valores e levar lá para o convento”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Também desse período é a fundação do cemitério, o qual, durante muitos anos, foi utilizado apenas pelas famílias descendentes dos escravizados da Fazenda Bracuí.

¹ Trecho de entrevista realizada por Hebe Mattos, Marta Abreu, Miriam Alves de Souza e Patrícia Brandão Couto, para elaboração do “Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-Cultural do Quilombo Santa Rita do Bracuí”, 2009. Disponível em: [https://kn.org.br/atlasquilombola/uploads/arquivo/Relatorio\(3\).pdf](https://kn.org.br/atlasquilombola/uploads/arquivo/Relatorio(3).pdf). Acesso em 10 de jul. de 2022.

“ O cemitério é histórico, o muro foi feito pelos escravos, aquilo é uma obra que não pode ser desmanchada. A parte da frente do cemitério, foi falado pelos antigos, que o Breves fez para o povo do lugar e que não era para ser enterrado gente de fora, era só o povo do lugar”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”,
84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Por volta de 1877, o Comendador Joaquim José de Souza Breves redigiu inventário de suas posses no qual concedia, para seus “agregados gratuitos”, as terras da Fazenda Santa Rita do Bracuí. Esse documento, recuperado por lideranças quilombolas com o apoio de advogados da Pastoral da Terra e do Sindicato Rural de Angra dos Reis foi fundamental para a manutenção da comunidade diante da disputa fundiária e serviu de base no processo de reconhecimento, enquanto comunidade quilombola, junto à Fundação Cultural Palmares (FCP) e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

“ Essa história do testamento foi assim, na ditadura a gente não tinha muitos direitos, quem chegava aqui já dizia que podia pegar tudo. Nessa briga com o Bracuí a gente já tinha perdido várias vezes na justiça. Quando foi uma reunião na Igreja São José, nesse dia a gente ia assinar o papel para sair na parte de baixo para a construção do condomínio. Nisso, outras pessoas já tinham vendido suas terras e foram morar nesses morros lá no centro de Angra. Mas quando chega esse dia da reunião para assinar os documentos de quem não quis sair e ficou no fogo cruzado, o Benedito Seixas lembrou que o pai dele contava que José de Souza Breves deixou isso aqui em testamento para esse povo. Quando o advogado do Sindicato ouviu a palavra testamento, ele logo disse: “não, ninguém vai assinar nada porque a gente precisa encontrar esse testamento”. Depois

disso, acharam o testamento em Pirai e nisso eles, o pessoal do condomínio, só conseguiram pegar aquela parte de baixo. Aqui pra cima eles não pegaram por conta desse testamento.

Não foi fácil pegar o testamento porque o Breves tinha terreno em vários estados. Então o testamento poderia estar em qualquer lugar. Então a Pastoral da Terra fez uma corrente, através das igrejas, para encontrar o testamento. Depois que encontraram o testamento, a dificuldade foi ir lá pegar o testamento porque ninguém tinha dinheiro.”

Marilda de Souza Francisco, 59 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Igreja de São José e Cemitério do Quilombo Santa Rita do Bracuí



AMEAÇAS AO TERRITÓRIO E FORMAS DE ENFRENTAMENTO

“Esse testamento, hoje em dia, quase não vale mais nada para o reconhecimento. Fomos reconhecidos em 1999. Depois, em 2011 teve que ter uma certidão. Agora sim, nasceu e fomos registrados. Agora, se quiser ter o título da terra precisa de outro documento. Desde que preto não podia ter terra, em 1850, vou te contar, tem que ter muita luta e peito pra gente conseguir terra. Isso porque não queriam dar terra para os negros, mas italianos e japoneses já chegaram com suas terras.

Até hoje a gente ainda não pode ter terra, porque muitos chegam aqui e ficam perguntando como a gente pode morar nessa área aqui, tão boa...”

Marilda de Souza Francisco, 59 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Atualmente a Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Santa Rita do Bracuí tem o reconhecimento, junto a Fundação Cultural Palmares, como “certificada”, pelo Nº do Processo 01420.000103/1999-87, Portaria Nº 211/2011, publicado no Diário Oficial da União (DOU) na data 22/12/2011, tendo Processo no Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) 54180.000971/2006-10.

Entretanto, até a etapa de reconhecimento enquanto remanescentes de quilombo pelo poder público, houve uma série de conflitos, que perduram até hoje, para o cumprimento de um direito estabelecido por dispositivos legais.

No dia 26 de julho de 2023, em um evento organizado pela comunidade no espaço aié Elontuloju, foi realizada a cerimônia de pré-titulação do quilombo, e que receberam a documentação para o processo de titulação. Essa conquista foi fruto de muita luta dos quilombolas de Santa Rita do Bracuí.

• ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Um dos conflitos que reconfigurou o território tradicional da comunidade quilombola refere-se à especulação imobiliária iniciada com a entrada de grileiros na região que se diziam legítimos herdeiros das terras deixadas por Breves em seu inventário.

A reivindicação de posse da terra, tendo na prática sido configurada como grilagem, ocorreu de forma bruta, muitas vezes com o uso da força física e também pela coerção moral. Um dos casos mais emblemáticos, ocorrido entre as décadas de 1970 e 1980, foi o momento em que capangas incendiaram algumas casas na região conhecida como Girassol (próximo à BR-101). Durante esse conflito, muitas famílias, por medo, cederam às pressões e migraram para outras localidades de Angra dos Reis.

“Lá embaixo eles diziam que tinham que expulsar as pessoas porque eles não tinham direito a nada e diziam que o terreno já era do condomínio. Então eles incendiaram a casa, destruíram roças. Tinha uma senhora chamada Maria da Lapa que ela morreu de tristeza por conta disso tudo. Na verdade ela morreu de depressão porque incendiaram a casa dela, passaram trator na roça dela e a família dela teve que sair da terra. Muitos vendo isso tiveram que sair porque tinham medo”.

Marilda de Souza Francisco, 59 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Durante a construção do Condomínio do Bracuí, novas agressões foram feitas pelos grileiros. Em um desses episódios afetou diretamente a família da griot Joana de Azevedo dos Santos que teve parte de suas terras invadida de forma criminosa. Quem nos conta esse período é o seu filho, José Maria dos Santos:

“Porque todo mundo já tinha vendido, só faltava nós que não queríamos vender. A mãe estava viva ainda, nós fomos os últimos, ficamos como se fosse uma ilha no meio.... Quando eu cheguei lá, já tinha uma estrada no meio do bananal, derrubaram os pés de cafés todos, os pés de laranja, tudo no chão, os pés de tangerina, de laranja china e os três pés de café, fora a banana. O mais precioso estava no chão que era o café, o único jeito era vender”.

José Maria dos Santos, 69 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



“ Para a construção do canal que tem lá embaixo no condomínio, eles tiravam as pedras do rio daqui, nisso que acabou com tudo, os peixes daqui... Como nessa época era ditadura, os policiais entravam nas casas. Uma vez entraram na casa do meu pai dizendo que ele tinha um arsenal. Eles reviraram a casa toda do meu pai e encontraram uma garrucha debaixo do colchão”.

Marilda de Souza Francisco, 59 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Com a intensificação da grilagem em favor dos empreendimentos que viriam a se estabelecer na região, os comunitários se viram obrigados a defender seu território. Nesse momento se destaca a atuação forte de diversas lideranças, como da própria dona Joana, mas também de Seu Manoel Moraes, José Adriano, Maria Francisco Azevedo, entre outros. A CPT, liderada na região pelo Frei Jorge, que nos anos 1970 realizou trabalho de base com as famílias quilombolas prestou auxílio aos esforços assim como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angra dos Reis, do qual Seu Manoel Moraes era um dos fundadores.

“ Ela lutou muito pelas pastorais da terra junto com o Manoel Moraes, a Teresa também lutou muito, brigaram muito por essa terra aqui até que o administrador veio aqui pra colocar a gente pra fora. Ela disse que correu atrás dele com uma foice, ela era brava. Se ele não corresse, estava frito. Esse administrador era da Fazenda Santa Rita.”

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Neide Azevedo da Silva

“ Olha, a luta foi muito grande, começou tudo, eu lembro, o Frei Jorge, desde que eu tinha meus três, quatro anos, ele sempre reunia, ele vinha na casa do meu pai, ele vinha nas casas. Toda quinta tinha reunião lá na Igreja de São José e ele falava isso quando foi na época que estava vindo a Rio-Santos e ele sempre falava “está vindo a Rio-Santos, vai vir o progresso, vai ter as coisas boas, mas vai vir a especulação imobiliária, aí vocês vão sofrer muito”. Eu cresci, não esqueço disso nunca, que ia haver muita coisa boa, mas muita coisa ruim. Foi na época que começou a incendiar as casas lá embaixo, pessoal saía e fugia com medo e ia embora. Na época que veio, aí depois veio a Usina, a Usina veio depois do condomínio do Bracuí”.

“ A estrada, o condomínio e depois a Usina, depois foi vindo tudo, os grandes condomínios e tiravam, vinham, vinham com tudo. Teve muita luta e ele, o Frei Jorge, o Vital, junto com essas pessoas que estão aí, ainda tem mais...A tia Maria lá em cima, tinha muito mais pessoas, tinha o finado Diniz, o finado Otacílio, teve tudo, passando por tudo isso. E foi muita luta mesmo, contra essa Bracuí então, foi muita luta”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

• BR-101

“ Era o bananal do meu pai isso aqui, tudo onde eu estou morando era dele e a estrada passou no meio da propriedade. Eu não sei se meu pai recebeu isso aqui. Na época o meu pai dizia “A Rio-Santos passou e a banana prata não gosta de água e agora não tem escoamento, porque Rio-Santos tampou”. A gente não sabia de nada, a Rio-Santos passou e tampou as duas valas que eram o escoamento das águas”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Levou a água, o escoamento, tampou aqui e levou pra lá, levou tudo pra lá, você não passa ali e vê uma água? Então, uma pra lá e outra pra cá e água que corria direto morreu, tampou. Foi um azar para nós, eu acho que a gente ainda tinha que brigar por meio desse termo aí. Era o caminho da água. Hoje as águas ficam todas empossadas aí, aqui na frente da Rio-Santos no tempo deles ficou uma bacia de água aqui na frente da minha casa, a gente tem medo da enchente, porque a água bate lá, não tem como ela vir, ela descer, ela vem e vai entrar dentro de casa, já entrou. A água já entrou aqui. E as criações, como fica? Eu já perdi porco na enchente”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022





• USINA NUCLEAR

“ A Usina, quando eles vieram, todo mundo tinha muito medo, mas aí veio e instalou aí, eles falaram que ia ter médico para as famílias que moravam aqui que na época não era tanta gente, era só a gente mesmo que era remanescente daqui e chegou lá a gente não tinha direito a nada, não podia consultar, eles não fizeram escola, eles não fizeram nada, só vieram, implantaram a Usina ali”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Nunca consultaram a gente sobre a construção da usina, não tinha consulta nenhuma com a gente não. Trouxeram, colocaram e pronto. Depois começou o movimento ecológico, aí foram ampliando o hospital, aí atendia o pessoal, mas a gente que era rural, que tinha o sindicato rural, a gente tinha até uma carteirinha do sindicato. Aí, quem era o FUNRURAL, quer dizer, eram as pessoas lavradoras, a gente não tinha direito a consulta médica”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Ah, eu acho tanta coisa, a questão da água, do meio ambiente, acho o principal impacto, mesmo eles falando que não, que é tratada, mas não dá para acreditar, a gente tira aqui por essa rede, as torres embaixo da rede, não dá para plantar as coisas. Nascer até que nasce, mas não dá a coisa boa, não desenvolve. Isso embaixo da rede”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

• PRECONCEITO

Essas intensas disputas fizeram surgir, entre os quilombolas, o sentimento de perdas da sua história e do seu território tradicional que não se refere apenas ao espaço geográfico, mas também ao valor existencial, familiar e afetivo. Essas violências podem ser configuradas como preconceito que marcam toda uma vida de luta coletiva.

“ Aí veio vindo as crianças, os filhos de caseiro, gente lá do condomínio, começou a vir para estudar na Áurea Pires, foi quando eles aumentaram a Áurea Pires, deixou de ser escola municipal do Bracuí e virou Áurea Pires, foi quando começou a vir as crianças, os filhos de gente de dentro do condomínio. Nossa, precisa ver como a gente sofria, como a gente era humilhado por aquelas crianças. Preconceito daquelas crianças. Ah, xingava, falava que a gente não tinha que estudar, que a gente tinha era que carregar banana”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

• ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Como forma de resistência aos inúmeros ataques que a comunidade sofre, principalmente na manutenção do território tradicional, no ano de 2005 foi criada pelos quilombolas a Associação dos Remanescentes de Quilombo de Santa Rita do Bracuí - ARQUISABRA.

A associação, que conta com a participação de griots e jovens lideranças, sempre busca novas articulações com movimentos sociais, jongueiros, outros quilombos não só do Rio de Janeiro mas também de outros estados, além de instituições públicas. Como parceiros, destacam: Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro - ACQUILERJ, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - CONAQ, Quilombo do Campinho, Vila Histórica de Mambucaba, Fórum



Dona Olga

de Comunidades Tradicionais - FCT, Movimento Negro Ylá Dudu, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST, Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Comissão Pastoral da Terra - CPT, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angra dos Reis - STR Angra dos Reis, Centro Federal de Educação Tecnológica Angra dos Reis - CEFET, Universidade Federal Fluminense - UFF, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Aldeia Sapukai e outros.

Dona Marilda de Souza Francisco, importante liderança do quilombo, nos conta como os jovens iniciaram a participação política na comunidade com a formação de um grupo chamado JUBRACRIS - Jovens Unidos do Bracuí em Cristo:

“ Desde criança eu participava de grupo e tudo. E a Pastoral da Terra ensinava que a igreja era luta, era missão. Então tudo que era para brigar pela terra, pelos vizinhos, a gente estava lá. Fizemos muita coisa lá na Igreja São José. Nós jovens construímos um salão para a gente se reunir. O nosso grupo de jovens era JUBRACRIS – Jovens Unidos do Bracuí em Cristo. Nessa época tinha muita reunião de jovens aqui na cidade, ali no Convento do Carmo e tinha muita formação. O Frei Jorge sempre na frente organizando. Nessa época era ditadura. A gente ia pela luta na terra. O Frei Jorge dizia assim: ‘você jovens e crianças não têm voz, mas vocês têm presença’. Então a gente chegava nisso tudo. Uma vez teve uma reunião da Bracuí, que o condomínio queria pegar tudo aqui para cima e o Frei Jorge chamando a gente para participar. E o pessoal da Bracuí não gostou. Mas a gente foi para já ir aprendendo, ouvindo as coisas”.

Marilda de Souza Francisco, 59 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Em 2022, como forma de combater as ilegalidades enfrentadas pelas comunidades tradicionais, não apenas em Angra dos Reis mas também em outros municípios do Rio de Janeiro, foi organizada a Romaria da Terra que ocorreu em Santa Rita do Bracuí com procissão que percorreu parte do território durante a qual foram apresentadas reflexões acerca do não reconhecimento de direitos que os afetam constantemente.

Dentre as formas de organização mantidas no Quilombo, uma outra que se destaca é a Educação Diferenciada, bandeira esta defendida também pelo Fórum de Comunidades Tradicionais - FCT. Trata-se de eventos e oficinas organizados pelas lideranças de Santa Rita do Bracuí na escola local, Escola Municipal Áurea Pires da Gama, com o intuito de promover a importância da defesa do território e construir a identidade quilombola valorizando as origens, as manifestações culturais e religiosas e os modos de viver na terra.

O impacto da Educação Diferenciada, porém, não se restringe à educação básica. O acesso a universidades públicas tem se tornado possível para jovens do quilombo com o apoio de bolsas e programas sociais, formação inacessível às gerações anteriores. Encontramos exemplo significativo na monografia da quilombola Fabiana Ramos, defendida no curso de Licenciatura em Educação no Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ:

Fabiana Ramos, jovem liderança do quilombola

Fachada da Escola Quilombola, localizada na entrada do Quilombo Santa Rita do Bracuí



Fomos excluídos da sociedade e os nossos direitos nos foram negados. Isso porque a elite racista que dominava nos negou e a educação. Um povo negro sofrido tendo que trabalhar, sem ter o direito a ler e a escrever, dentre outros direitos que nos foram negados. [...] Escrevo um breve resumo do que foi o processo de exclusão para um povo que luta até hoje para que seus direitos sejam respeitados. A maioria dos jovens não consegue terminar o ensino médio: param de estudar para trabalhar e sustentar sua família. Os poucos que conseguem chegar ao nível superior dependem, muitas vezes, de alguma ajuda de custo para poder se manter no nível superior. Falo por experiência própria, pois só consegui me manter dentro de uma universidade através de uma bolsa e pelo acesso através do Pronex, fruto de lutas dos movimentos sociais. As políticas de incentivo para que o aluno negro permaneça na universidade ainda são muito fracas. (Ramos, 2013: 20) ¹

¹ RAMOS, Fabiana. Quilombo Santa Rita do Bracuí: diálogo de saberes e sua relação com a escola Áurea Pires da Gama. Monografia, Licenciatura em Educação no Campo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

Por essas vivências de lutas, de trocas com outras comunidades e participações em movimentos sociais ligados ao campo, os quilombolas de Santa Rita do Bracuí têm vivenciado e construído politicamente aquilo que escreveu Paulo Freire: “O mundo não é. O mundo está sendo”.



LUGARES DA COMUNIDADE

TIPO	DESCRIÇÃO	TIPO	DESCRIÇÃO
Rio	Rio do Saco	Ilha	lote do Rio Bracuí
	Rio Caracatinga	Morro	Morro da Fazenda
	Rio Bracuí		Morro da Estação
	Rio Bonito		Morro da Fortaleza
	Rio Bonitinho	Trilha	Trilha da Marilda
	Rio Pequeno		Picada da Peroba
Cachoeira	Rio da Paulina	Local de acesso	Ponte Pequena
	Cachoeira da Corda		Ponte do Burro
Poço	Cachoeira da Fazenda		Ponte do lote
	Poço do Batista		Estrada Santa Rita
Laje	Laje Seca		Porteira da Cava
	Laje D'Água		Rua Nossa Senhora Aparecida
			Rua Santa Clara

Antiga sede da Associação



Local histórico	Capela e Cemitério São José	Núcleo familiar	Núcleo dos Seixas
	Ponto de Troca		Núcleo da Olga
	Casa de estuque		Núcleo Seu Zé Adriano
	Ruínas do Engenho		Núcleo de Vó Helena
	Capela Santa Rita do Bracuí		Núcleo Moraes
	Primeira escola		Núcleo Rosa Alves
	Antiga casa de seu Salvador		Núcleo Vitorino
Religioso	Casa de farinha do Seu Zé Adriano	Núcleo Maria Alice de Souza	Núcleo Ramos Rita
	Centro de Permacultura e Religioso (Aiê Eletuloju)		Núcleo Rodolfo
Local de uso comunitário	Assembléia de Deus	Núcleo Daniel Azevedo	Núcleo Francisco Azevedo
	Campo de futebol comunitário do Seu Zé Adriano		Bar do Gache
	Campo de futebol dos Seixas		Bar da Flavia
Serviço Público	Antiga sede da associação comunitária e futura escola quilombola	Comércio	Bar de Dona Conceição
	Galpão comunitário		
	Escola Municipal Áurea Pires da Gama		
	Estação de Bombeamento da SAAE		
	Reservatório da SAAE		



Tita, Rita, Neide, Roberto e Madá



Luciana e, ao fundo, Yasmim

PRODUÇÃO DA ROÇA E CRIAÇÕES

“Antigamente aqui não existia a famigerada cerca, não existia. Aqui, antigamente, era banana, a economia aqui, pode-se dizer assim, era banana. Tanto que tinha banana nesse mundaréu de mato aí, era tudo banana, então, o pessoal vivia muito da banana, mas vivia só da banana? Não, cada um no seu espaço tinha sua roça, por exemplo, do lado do Zé tinha milho, seu pai tinha um, tinha outro, só roça, mandioca, milho, batata, feijão”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Desde o tempo em que não haviam cercas para delimitar os espaços de cada família, a comunidade desenvolveu a sua autossuficiência de alimentos baseados em um sistema de roças familiares onde desenvolviam, principalmente, pequenas produções de mandioca, milho, batata, feijão, alguns pés de café, entre outros. O plantio, baseado no conhecimento da comunidade em relação às fases da lua e épocas do ano, era momento de estreitamento das relações sociais a partir de mutirões e apoio mútuo.

“O pessoal aqui tinha roças brancas que a gente chama, que são de subsistência. Havia alguma troca? Havia, os vizinhos aqui, o pessoal todo, mesmo sem ter cerca, isso era respeitado, cerca foi acontecer agora de um certo tempo pra cá. Então o sistema de agricultura aqui era baseado em que? Época, lua e o modo de plantar, era isso. O pessoal olhava se a lua estava boa para plantar, sistema de mutirão, de repente um ajudava o outro e o pessoal ia tocando a vida nas roças. Fora as fruteiras”.

“E, continuando aqui na roça, aqui tinha banana, milho, café...Feijão, mas era só para nosso uso, no caso. Naquele tempo a gente fazia café em casa. Tirava e fazia. E era pouquinho, três pés, dava para passar o ano todo cuidando dos pés, a minha mãe tirava um balaio de café e botava no quintal e ia secando”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Esse sistema de troca, que poderia ser coletiva ou pessoal, era referido pelos moradores como trocar dias e eram utilizadas em momentos que necessitavam de maior mão de obra para as tarefas nas roças e outras atividades, como construções de casas, por exemplo.

“Nós chamávamos de trocar dias, a gente fazia muito isso. Por exemplo, eu ia hoje para você, trabalhava na sua roça, mas amanhã você vinha e trabalhava na minha. Tinha também embarrar a casa, isso ocupava muita gente para ajudar. Quando você fazia uma casa de estuque, sozinho não conseguia, aí juntava os amigos para embarrear. Mas para roça vinha mais limpar banana, era só mesmo limpar banana. Para cortar banana você tinha que pagar mesmo, pagar o dia da pessoa para ela vir trabalhar. Aí, outra pessoa que não tinha banana, se compensasse, ela vinha, mas você tinha que pagar mesmo”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Cachoeira da Porteira da Cava

CRIAÇÃO	CAÇA
Galinha caipira	Paca
Pato	Tatu
Marreco	Cotia
Peru	Macuco
Porco	Porco do mato

PLANTA	ÉPOCA DO PLANTIO
Mandioca	Entre os meses de agosto e setembro
Aipim	Entre os meses de agosto e setembro
Milho	Entre os meses de julho e setembro
Feijão	Entre os meses de fevereiro e março
Batata doce	No período quente do ano
Inhame	Nos meses de janeiro e fevereiro
Cana de açúcar	Entre os meses de maio e setembro
Banana	Qualquer período do ano
Café	Período chuvoso

No entorno das casas, nos terreiros, mantinham as árvores frutíferas e também as pequenas criações de animais, como galinha, pato, marreco, peru, porcos (por interferência da Vigilância Sanitária, poucas são as famílias que criam porcos), entre outros. Todos esses animais tinham como finalidade o consumo do núcleo familiar ou, quando matavam porco, por exemplo, o consumo coletivo repartido entre os vizinhos. Ainda hoje, em Santa Rita do Bracuí, os quilombolas mantêm essas criações.

“Tenho uns patos aí, umas galinhas aí, mas já tive muito pato, hoje estou querendo desistir porque você não tem condições de plantar para você poder suprir a necessidade do animal, não tem condições. Antigamente, o pessoal criava muito porco para casa. Criava com o que? Com milho, inhame, coisa de comida que o vizinho juntava, sobrou um feijãozinho ali, juntava e tal, fazia a lavagem que chama, coitado, o bicho comia aquilo porque era obrigado”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

O que não podia faltar na produção agrícola era a mandioca, em especial a mandioca brava, utilizada para o preparo de farinha. Existiam casas de farinha, nas quais as famílias produziam o necessário para seu consumo e, uma parte, para ser comercializada em Angra dos Reis. Com o passar dos anos, porém, houve a perda de importantes variações de plantas longamente cultivadas na região, em especial a muda dessa mandioca brava, o que fez com que os quilombolas de Santa Rita do Bracuí plantam apenas a mandioca doce hoje em dia.

“As mandiocas mais antigas nós perdemos todas. Tinha uma mandioca brava aqui muito boa que a gente fazia farinha. Para farinha, quanto mais brava melhor. Hoje a gente perdeu essa qualidade, porque chegou a Usina e a Verolme e foram trabalhando para fora e foram perdendo a rama dessa mandioca brava. Mas também perderam a planta boa do café, da cana.... Eu ouvi dizer que em Ilha Grande a gente consegue encontrar ainda essa planta da mandioca brava. Em Paraty também parece que encontra”.

Valmir Almeida Vitorino, 60 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“A gente arrancava a mandioca na roça. Usava o que eles chamavam de mandioca brava, mas aí depois foi acabando a mandioca brava e a gente fazia com a doce mesmo. A gente raspava, levava pro rio que tinha as cachoeiras, raspava ali e lavava, depois ia pra roda, era tudo manual, tinha que ter homem, sempre tinha homem lá rodando. A avó virava a noite torrando farinha, a gente coava a massa todinha, isso a gente fazia desde pequeno, a minha mãe sempre junto com ela fazendo”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



A partir dos anos 1940, foi introduzida na comunidade uma nova fonte de renda com as grandes plantações de banana, principalmente banana prata, produções que eram mantidas nas encostas do Quilombo Santa Rita do Bracuí. Esses locais eram os mais adequados para esse tipo de plantio, ainda que, algumas famílias, mantivessem suas plantações em partes mais planas, próximas do rio Bracuí.

Esses produtores eram chamados de bananeiros e a mão de obra era familiar. Em alguns casos contratavam os camaradas que recebiam por dia de serviço. Para a comercialização, antes da BR-101, utilizavam canoas para o transporte, além de carro de boi e burro. Essas canoas desciam o rio Bracuí com as bananas e o atrevassador, aquele responsável pela comercialização, estava a espera para abastecer os barcos e levar para outros municípios da região e até mesmo para a capital, Rio de Janeiro.

“ Nós aqui plantávamos feijão, cana, milho e banana, que era para a venda. A gente vendia no barco também. A gente levava daqui, primeiro a gente pegava a banana e colocava tudo na beirada do rio, dali colocava na canoa e levava no barco para vender. O dono do barco lá comprava. De uns tempos pra cá, já passou gente lá das ilhas e vinha de canoa, comprava e levava direto, não precisava levar para o barco, comprava direto da gente aqui, sem atravessador. Comprava na própria roça”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Esse tipo de plantio manteve-se forte no quilombo até o início dos anos 1980, porém, devido às dificuldades na comercialização, a produção passou a ser menor. Hoje, as famílias quilombolas mantêm algumas bananeiras próximas às casas, principalmente para o consumo familiar. Alguns ainda vendem em feiras de produtos agrícolas, como as que ocorrem na escola municipal do quilombo.



Valmir Almeida Vitorino

Outros produtos, como a extração de madeira para lenha e laranjas, também eram comercializados por algumas famílias, principalmente aquelas que tinham canoas e podiam transportar as lenhas e outras mercadorias para o centro de Angra dos Reis.

“ A laranja levava na cidade, para o centro da cidade, saía do Bonfim de manhã e ia para o mercado vender, mas rapidinho também chegava. Chegava e eles invadiam, lenha então, o tanto que você levasse era o tanto que vendia. Então a gente levava a canoa lotada de lenha e rapidinho sumia”.

“ Para a lenha é qualquer madeira, agora boa mesmo para tirar lenha era o cobi, porque era molinho pra lascar, rapidinho você tinha um monte de lenha. Agora, as outras são mais duras, é mais difícil”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Atualmente, segundo os quilombolas, o trabalho na roça não tem sido mais tão intenso quanto no passado devido a alguns fatores. A dificuldade de escoamento da produção para os locais de comercialização é o principal deles e muito devido à falta de investimentos públicos, uma vez que as famílias não possuem carros adequados para o transporte das mercadorias. Outro fator importante é a saída dos mais jovens para outras atividades consideradas urbanas, como pedreiro, técnico de internet ou mesmo para a usina. Tais atividades não são necessariamente mais rentáveis, porém oferecem um ganho mensal, ao contrário do trabalho no roçado. Dessa forma, segundo os griots, a manutenção das roças se reveste de um sentido de resistência das famílias quilombolas frente às contantes ameaças ao território e ao modo de vida tradicional.

Um exemplo, é a produção de jussara que, ano após anos, ganha mais força no quilombo, principalmente entre os mais jovens. Mas não só, a oportunidade que muitos jovens vêm tendo com a Educação no Campo, permite a permanência destes na agricultura, alinhando o saber tradicional com o saber oriundo da universidade.

**PESCA
AGRICULTURA E
EXTRATIVISMO**

PESCA

“ Pois é, essa questão de ser quilombola não me impediu de misturar as duas raças, as duas etnias, porque meu avô por parte de mãe era pescador profissional, ele tinha até um dedinho torto, assim, coisa que fez com negócio de pesca de cavala, aleijou um pouco o dedo dele. Ele era pescador muito conhecido em Angra. Eles moravam num lugar chamado Retiro, onde é a UFF hoje. Meu avô por parte de mãe, morava naqueles lados de lá, nascido lá. Meu avô era pescador, pai da minha mãe, meu pai era daqui, do Bracuí, então prevaleceu mais meu lado mais quilombola”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Além das roças, as famílias quilombolas de Santa Rita do Bracuí também construíram uma cultura de pesca por conta da proximidade com o mar e do rio Bracuí que corta a comunidade.

“ Aqui dentro do quilombo a maioria do pessoal pegava, pescava para subsistência, porém tinham aqueles que pescavam uma quantidade que sobrava, então escalava o peixe, secava o peixe, aqui tinham pessoas que tinham bodega, venda de antigamente, barzinho, antigamente era bodega mesmo. Eles pegavam e, dentre outras coisas, botavam peixe seco ali que pescou, comprou de alguém que pescou, que secou, escalou o peixe. A sobra do peixe o pessoal vendia”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Antigamente pescava para comer, tinha tainha demais, tinha muita até. Isso aqui era escuridão pura, agora não, agora é tudo claro, mas, antigamente, a gente pegava a canoa de noite, o rio era fundo. Daí a gente saía quietinho e quando chegava perto da jangada, já ascendia a luz e ia pro outro lado da canoa, a gente pegava muita tainha. Elas pulavam, se assustavam com a luz e pulavam na canoa. Essa luz a gente cortava o bambu e fazia holofote ou enchia de querosene. Botava uma rolha de pano em cima e, a seguir, jogava pro outro lado da jangada e tapava a cara por causa da cacetada, do jeito que ela pulava, batia. O melhor era a lua, quanto mais escuro melhor para matar. Hoje em dia não, você acende a luz, você vê a tainha passeando, mas ela não pula, ela não se assusta mais, se acostumou com a claridade”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

As canoas, tão importantes para a pesca no mar e no rio, eram feitas de cedro e produzidas no próprio quilombo, como as feitas pelo pai de José Maria, sr. José Domingos dos Santos:

“ Meu pai fazia canoa. Eles iam pro mato, passava até mês no mato tirando canoa. Tirando canoa, tirava a canoa e depois descia e depois tinha que ir junto com boi para poder puxar até jogar no rio para trazer. É trabalhoso. Eles usavam o cedro. A maior canoa que tirou aqui foi o Francisco [Estácio Azevedo], eles passaram, acho que para botar aqui pra baixo, acho que foi um mês puxando no mato. Também, só chegou aqui e vendeu a canoa.”

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

A mariscagem também sempre foi praticada no quilombo, principalmente próximo à comunidade Praia do Recife, com a qual mantêm relações de parentesco. A *pega* do marisco, “ameixa” ou “redonda” exigia dos quilombolas não apenas conhecimento do mar e da região, como também malícia, já que mencionar seu nome podia fazer o animal se esconder. Com o passar dos anos, os mariscos foram diminuindo na região, principalmente pela intensa especulação imobiliária no entorno dos mangues. Esses efeitos são sentidos por todos, como nos conta João Luiz Ramos:

“ Marisco sim, marisco eu peguei muito na Praia do Recife, sempre na Praia do Recife, aqui pro lado onde é o condomínio hoje. Peguei muito marisco, não é só marisco, tem um marisco que a gente chama de ameixa que dá no mar, ameixa às vezes é fruta, mas esse não é, nós temos a ameixa do mar também, tem umas ostras, a ameixa também é chamada de redonda”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Caixa de pesca de seu João Ramos

“ Mas quando vai pegar ameixa, a gente não fala que vai pegar ameixa não, é igual imbé no mar, a gente sai dizendo que vai pegar redonda. Se a gente chegar lá, a gente acredita, isso é uma coisa nossa, a gente acredita que se sair daqui e falar que vai pegar ameixa, não pega nada não. Parece que elas escutam e se escondem, correm de lá”.



João Ramos

“ A ameixa você pega uma cavadeira, cavuca, sentiu ela, você deixa a cavadeira e vai lá e acaba apanhando umas três, quatro na mesma posição, às vezes até mais, as pequenas você descarta, porque ela vai crescer e vai criar e as grandes você fica. Então, o que acontece, pescamos muito ali, no Recife eu fui pegar ameixa, seria no açude, pega na lua nova também, o siriguaçu é diferente da ameixa, o siriguaçu é bravo demais, muito bravo mesmo e grandão. Aí eu pescava siriguaçu e pescava esse outro siri ali, mas mariscava, pegava muito marisco”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Então tinha ameixa, tinha ostra, sapateira que está agarrada na árvore do mangue e o caranguejo, na época a gente pegava caranguejo. É tão interessante, quando chegar o mês de outubro nós temos um pássaro chamado João Gambelô que é aquele que também o nome mais conhecido é Urutal. Urutal é aquele que esconde o filhote no toco e não está nem aí para você, ele está só lá em cima esperando por você, mas não dá nem para aparecer. Aquele pássaro quando chega a segunda semana de outubro, mais ou menos, pode passar um pouco, mas antes ele não canta não, muito difícil, ele começa a cantar no mato, mas ele não canta de uma maneira assim que todo mundo vai escutar e vai saber o que é não, se você ouvir o Gambelô no mato, o João Gambelô no mato que é o mesmo Urutau, você vai pensar que estão batendo em uma criança, porque ele dá um grito estridente, um 'ai ai ai' bem estridente, bem compassado, parece que é uma pessoa batendo em alguém.

Aí o que acontece, o interessante disso é que ele começa na segunda quinzena de outubro, pessoal aqui quando chegava o dia dois de novembro, eles falavam “vamos acender vela pros parentes que já foram”. Eles já desciam com o saco e já sabiam que o caranguejo estava andando, porque quem anunciava mais ou menos que o caranguejo estava andando nessa época era esse pássaro aí. Quando esse pássaro canta na floresta é sinal que o caranguejo está perto de andar. Consequentemente a isso, vem as formigas saúvas de asa que vão até final de dezembro virando para janeiro. E o caranguejo também, o caranguejo vem desde novembro, esse ano antecipou, final de outubro já estava andando, e ele vai até dezembro, às vezes em janeiro dá uma última andada. O caranguejo tem essa especialidade. Tem também uns caranguejos, uma espécie grande, ele não fica dentro da água não, ele faz um buraco lá em cima no topo da margem do mangue, onde é areia, é muito conhecido esse caranguejo, pessoal prende, dá comida, é o guaiamum. E esse Guaiamum a gente, muitas pessoas usam para comer não, porque ele é mais porco, tudo quanto é troço ele come, o caranguejo não, o caranguejo vive na lama, não come porcaria não”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

As mudanças impostas pela entrada de grandes empreendimentos na região afetam o modo de vida tradicional e também o meio ambiente. O que ocorre nos mangues próximos à Praia do Recife, segundo a percepção dos quilombolas que conhecem muito bem o local, tem relação direta com a especulação imobiliária, principalmente com os condomínios que se instalaram ao redor das duas comunidades e também à falta de saneamento básico, que não é oferecido pela prefeitura:

“ Acabou com a lama original do mangue. Você entrava lá e tinha aquela lamazinha mole, você afundava até o tornozelo, mas andava direito ali, você ia para o outro lado, você atolava mais, aquela lama, aquela coisa, aquilo acabou, está acabando a Praia do Recife, está morrendo a Praia do Recife. Mas por causa de quê? Você olha em frente e o que você vê lá? Você vê o quê? Máquina virando o que? Terra, barro vermelho é o veneno do baixio do mangue e não é de hoje que aquilo ali acontece, ainda tem uns peixes por ali afora, cardume de Paraty e tal, essas coisas, arraia. Você tinha que andar naquele mangue com cuidado, naquele baixio ali com muito cuidado com o pé para você não pisar em arraia. Você não vê nenhuma hoje. Antigamente a gente andava ali no baixio arrastando o pé para não pisar em arraia, para não ser ferrado, essas coisas, hoje não, acabou a terra, o solo original do mangue, você anda no Recife hoje e fica um pouco sujo de lama ainda, mas não é aquela lama, hoje você tem uma lama grossa, pesada, que gruda igual cimento. Aquela lama que é de origem, você pisa nela e ela sai, fica um pouquinho, mas ela sai, é arenosa, não tem aquilo ali mais”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Marisco	Cavala
Redonda	Corvina
Ameixa	Lula
Macaquinho	Parati
Bicuda	Tainha
Pescada	Sardinha
Espada	Siri
Bagre	Camarão

As práticas tradicionais estão relacionadas diretamente com o manejo ambiental, o respeito nos períodos de defeso e o cuidado em não capturar os peixes ainda filhote fazendo parte do saber que foi transmitido pelos antepassados para a manutenção do modo de vida. Entretanto, com os constantes ataques sofridos no território marinho, como a pesca industrial além da poluição descrita, a disponibilidade de pesca tem sido cada vez menor, como percebido pelos pescadores do quilombo. João Luis, que até hoje pesca, assim como outros, nos conta os tipos de peixes que não conseguem mais encontrar:

“ Eu citei a espada, a espada já é um, a pescada amarela, a pescadinha, a pescada branca, antigamente a gente pegava cardume, ano passado a gente conseguiu achar um cardume de pescada branca, aquela pescada escura, aquela que dá grandona, a pescada amarela é a mais rara, é tão rara que tem mais de cinco anos que eu não vejo uma”.

“ Maria Mole, tudo isso é peixe que sumiu, que está sumindo. O carapau, o olho de cão ainda tem bastante, a gente consegue pegar ainda um punhado bom às vezes quando ele bate, corvina, mas a corvina também está acabando, porque os caras vem e arrastam, colocam a rede de pegar as corvineiras e pega tudo, pega pequeno, pega grande, eu pego corvina vermelho com seiscentas grammas, eu tiro do anzol, às vezes coloca o bucho pra fora, assim, porque é muito profundo, ela bota aquele buchinho pra fora, o coisa de ar dela, bota pra fora, eu vou lá e dou um pique no anzol devagar, esvazio o ar dela e boto na água de novo. Eu que vou ali de vez em quando pescar. Então, os peixes que estão sumindo mais são esses, a espada, o pessoal acha a espada, mas só espada pequena”.

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

CULINÁRIA E ARTESANATO

Em Santa Rita do Bracuí, muitos são os artesanatos que seus moradores fazem. Com manejo sustentável, utilizam os bens naturais para transformarem em arte e são utilizados no dia a dia.

“ Taboa aqui era lá naquela área lá onde era a Mercantil. Aquilo ali era tudo taboa, era muita taboa. No primeiro mapa falado que a gente fez quando começou a associação, nossa, a gente fez aquilo tudo, desenhamos tudo. Pegava aquela baixada ali e lá embaixo também tinha”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Mangue da Praia do Recife



Flávia Adriano da Silva

ARTESANATO NO QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ

TIPO	DESCRIÇÃO
Tipiti	Cesto de taquara que ajuda a prensar a massa da mandioca para fazer farinha
Peneira	Feita com taquara
Sambura	Cesto com alça para carregar coisas. É feito de cipó imbé ou taquara
Cóvo	Armadilha para pegar peixe. Feito de bambu e cipó imbé
Jacá	Cesto para colocar crianças, feito de taquara
Pá	Feito de palha para abanar farinha
Fibra de bananeira	Para confecção de bolsas e cestas
Pilão	Para salgar os alimentos. Feito com madeira vacuruvi.
Gamela	Seu Zé Adriano fazia
Canoa de pesca	Utilizavam uma ferramenta chamada enxó. Seu Zé Adriano fazia
Esteira	Feita de taboa
Colher de pau	Feita por Paulo
Cuia de cabaça	Feito com cabaça

O mesmo cuidado devotado na extração para a realização do artesanato, os quilombolas também têm em todas as etapas de feitura dos alimentos. O saber tradicional que envolve a comida é muito valorizado em Santa Rita do Bracuí, que sempre preparam diversos pratos, como a feijoada, o frango com palmito e os doces de frutas:

“ Eu faço doce de laranja, faço melado, faço as coisas... Eu aprendi com a minha mãe, aprendi tudo com a minha mãe, cresci e vi minha vó e minha mãe fazendo. Faço doce de limão, doce de laranja da terra, doce de cajá, doce de mamão”.

Neide Azevedo da Silva, 52 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Para fazer a carmonia é gengibre, farinha e melado. Esse nome vem lá de trás. Aprendi com a minha sogra mesmo. A farinha eu mesma faço, tenho ali minha roda. Tem depois que colocar no forno e não pode desandar. E se chegar gente também desanda tudo”.

Celina Adriano da Silva, 78 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

CULINÁRIA NO QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ

Feijoada	Couro de sapo
Frango com palmito	Doce de mamão
Carmonia	Doce de limão
Paçoca de banana	Farinha
Doce de laranja da terra	Peixe seco
Quentão	Cambito (raia seca)
Peixe com banana	Gambá
Bolinho de chuva	



A PRÁTICA DO CUIDADO

“Seu Joãozinho fazia garrafada. Quando eu chego lá tinha uma mulher vestida de saia. Depois que eu fui saber que o Joãozinho era o nome da entidade que essa mulher recebia. O nome da mulher era Maria Carlota. Mas o povo só falava Joãozinho. Ela recebia só essa entidade que falava para ela os remédios, as garrafadas. Também tinha Antônio Almeida que fazia remédio, ele era farmacêutico mesmo, ele fazia os remédios. Naquela época, quem sabia fazer essas coisas era tipo médico, faziam de tudo, até cirurgia se precisasse eles faziam”.

Marilda de Souza Francisca, 59 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

A prática do cuidado sempre esteve presente no modo de vida tradicional do Quilombo Santa Rita do Bracuí. Este saber é valorizado pela comunidade, que já organizou um livro contendo as ervas, os chás e seus principais usos:

“Sandra está escrevendo um livro sobre a culinária local, comida da roça, plantas e chás, banhos (...) Outro dia na escola fizemos uma festa só com comida da terra”

Marilda: julho de 2008).⁷

⁷ Trecho de entrevista realizada por Hebe Mattos, Marta Abreu, Miriam Alves de Souza e Patrícia Brandão Couto, para elaboração do “Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-Cultural do Quilombo Santa Rita do Bracuí”, 2009. Disponível em: [https://kn.org.br/atlasquilombola/uploads/arquivo/Relatorio\(3\).pdf](https://kn.org.br/atlasquilombola/uploads/arquivo/Relatorio(3).pdf). Acesso em 10 de jul. de 2022.

Essas ervas muitas vezes são encontradas na natureza e, até hoje, quando necessitam de alguma, saem no entorno de casa para encontrar a mais adequada para o tipo de enfermidade. Mas também, em alguns casos, as famílias mantêm pequenas hortas nos terreiros onde plantam principalmente os chás mais difíceis de serem encontrados:



“Para te falar a verdade, tem tanto remédio aí que Nossa Senhora. No mato é o que tem, só que a gente não conhece, tem muito mato que a gente não conhece. O menino ali, meu neto, vou fazer um remédio aí, para tirar essas dores, eu estou sentindo umas dores no corpo, “ah, então me ensina o remédio que a senhora vai fazer, porque eu também vou fazer pra mim”. Tem que ir no morro, nessa beira de estrada aí, tinha muito, hoje eles falam canela de velho, tem que cozinhar a folha junto com a folha da pitanga, bota no litro, cozinha, bota no litro, coloca na geladeira e vai bebendo de vez em quando, beber um gole dizem que é bom para tirar as dores do corpo”.

“Eu estou com uma panela ali, porque eu estou gripada, sabe, aí já resolvi fazer um chá ali, um negócio ali. Ali eu botei saião, erva de São João e erva de passarinho. É bom pro pulmão, para não criar problema por dentro, é bom para colocar o catarro pra fora”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“Tinha muita erva para fazer chá, mas não que a gente plantasse, era da própria natureza que plantava, mas dizer que a gente plantava, não. Que eu conheço era arnica, o macaé, o cara quando estava com febre, amargava, mas tomava. Macaé é bom para diarreia. Tinha o capim limão que era a erva santa, erva cidreira, esse a gente sempre teve. Capim limão é bom pra fazer chá para beber mesmo, no lugar do café. Erva cidreira, mas dizem que é calmante também. Pra uma gripe forte, fazia o chá desse cordão de frade”.

João Luiz Ramos, 65 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Uma dessas ervas medicinais que recebem o cultivo é o açafão, que muitos plantam e utilizam no combate de pressão alta, da diabetes, como anti-inflamatório, além de ser um poderoso antioxidante. João Luiz explica como é realizado o plantio:

“O açafão você planta ele, aí você coloca, é quase igual ao gengibre, então você planta ele, coloca um pedacinho e vai embora. Embaixo, ele vai unindo as raízes, vai fazendo um consórcio de raízes e aquilo vai expandindo. Tem açafão que com um pé de açafão você colhe seis, oito quilos em um pé de açafão. Tem umas particularidades? Tem! Também tem que conhecer um pouco, toda planta tem suas particularidades, não só as plantas. O açafão é o seguinte: ele pega e dá um folhão grandão parecido com folha de Karité só que ela é um pouco mais larga, comprida do mesmo jeito, um pouco mais larga e tem as ranhuras. Ele cresceu e içou, içou que eu digo é vir com força, preferencialmente tem que plantar em terra que é meio mole, seca, mas mole, um pouco de adubo da terra natural, aí ele vem e as folhas ficam viçosas, você não pode colher naquele período, porque a raiz, o produto que você vai colher, ele está mandando força para a folha para poder desenvolver, quando está na época de amadurecer, ele vai recolhendo aqueles nutrientes todos da folha, por isso que ela seca. Então ele amadurece, coloca todos os nutrientes naquilo ali, é muito medicinal”.

João Luiz Ramos, 65 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”

ERVAS MEDICINAIS NO QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ

ERVA	USOS
Boldo	Fígado - ideal utilizar as folhas amassadas e adicionar água gelada
	Dor de cabeça
	Ressaca
Abacaxi	Xarope utilizado para combater a acidez no estômago
Cambará roxo	Pulmão
Gervão	Pneumonia, também utilizado para limpar a casa (repelente)
Alfavaca	Tosse
Saião	Tosse
Anis estrelado	Indigestão
Erva doce	Gases
Broto da goiabeira	Diarreia
Arnica branca	Dor muscular
Canela de velho	Inflamação
Açafrão	Diabetes
	Pressão alta
Pitanga	Utilizado para vários tratamentos
Arnica	Utilizado para vários tratamentos
Macaé	Utilizado para vários tratamentos
Capim limão	Utilizado para vários tratamentos
Erva santa	Utilizado para vários tratamentos. Para efeitos medicinais, não se deve recolher em árvores com espinhos
Erva de passarinho	Utilizado para vários tratamentos
Erva de São João	Utilizado para vários tratamentos
Cordão do frade	Utilizado para vários tratamentos

Para as enfermidades mais graves, que exigiam maiores cuidados médicos, os quilombolas necessitavam ir até o centro de Angra dos Reis. Para isso, como não havia transporte terrestre, iam de canoa, em uma viagem que durava até uma noite inteira. Nesse percurso, muitas vezes paravam na Igreja Senhor do Bonfim, local em que descansavam e, ao raiar do dia, seguiam para finalmente serem consultados:

“ Quando ia de canoa levar, a gente ia de noite, por exemplo, uma hora, aí chegava na Igreja do Bonfim e dormia lá para de manhã ao amanhecer e ir para a cidade. Lá perto da igreja era o único lugar que tinha para pernoitar era ali”

“ Ia remando, no remo mesmo, de mão e de voga, que é dos dois lados. Aí chegava e quando dava um ventinho bom a gente soltava a vela e parava de remar, só deixando o vento levar”.

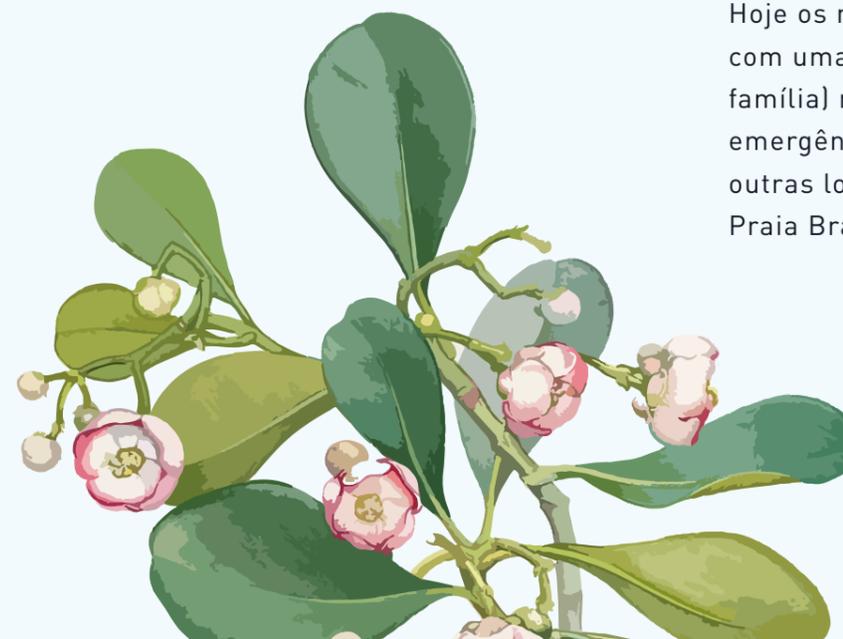
José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Outra prática muito comum no passado era a de parteira, em que as mulheres, em geral as mais velhas da comunidade, realizavam os partos nas casas das gestantes. Dona Joana Azevedo dos Santos e Dona Antônia foram as mais conhecidas no Quilombo e são lembradas até hoje. Elas também eram benzedeadas e faziam rezas quando necessário:

“ A minha mãe na comunidade tinha uma importância muito grande, ela, por exemplo, fazia muito parto, ela era parteira. Tinha antes uma dona, era da dona Antônia, depois que a dona Antônia foi morar em outro lugar, minha mãe ficou no lugar. Era da família do André Pinheiro, esse André Pinheiro era cunhado da minha mãe, ele ficou viúvo e casou com essa dona Antônia que eu não sei nem de onde ela veio. Podia ser a hora que fosse, se você saísse e ia na casa dela buscar ela se uma moça passasse mal, a hora que fosse ela não tinha isso de dizer não, com chuva, com vento, ela vinha. A dona Antônia se você se machucava, destroncava o pé, ela benzia, fazia o benzimento e funcionava”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

Hoje os moradores do quilombo contam com uma unidade de saúde (saúde da família) mantida pela prefeitura. Para emergências ou cirurgias, recorrem a outras localidades do município, como Praia Brava ou Japuíba.



FESTEJOS E CELEBRAÇÕES

“ Ó gente, presta atenção na história que eu vou contar: deitei minha cabeça na cabeceira do rio, mas o pé tá lá no mar, ae, ae, ae. ”

Jongo de autoria de Dona Marilda

• BANDEIRA DO DIVINO E LADAINHA EM LATIM

Os quilombolas atualmente são, em parte, católicos, e também alguns evangélicos e de religião de matriz afro.

As celebrações e os festejos religiosos são relembrados pelos quilombolas com grande saudosismo, pois alguns já não são mais praticados no presente, como a Bandeira do Divino. Outros ainda são celebrados, destacam a novena e a ladainha em latim entoada por Dona Celina.

“ Ladainha a Celina reza muito bem. Lá em cima era ladainha, aqui era a Vera Lúcia minha irmã e o finado Bendito Teodoro ”.

Deodata, 69 anos, Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Começando pelo São José, a Bandeira do Divino. Era uma bandeira bonitona, toda enfeitada, parecia uma moça, eles traziam a bandeira quando iam fazer as visitas nas casas, era muito bom, aquela folia, vou te contar. Tinha viola, violão veio mais com o tempo. Antes era viola, viola e sanfona, eram os dois instrumentos que acompanhava e o pandeiro, tinha a garrafinha também. Eles batiam na porta da gente com a bandeira do divino, a gente cantava, fazia aqueles versos e aquela música bonita, vou te contar, eu, muitas das vezes, chorei ”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

• FOLIA DE REIS

“ A bandeira do Divino era diferente dos Reis, eram dois eventos diferentes. Tinham os Reis, o grupo do pessoal que cantava Reis e tinha o grupo do pessoal que levava a bandeira do Divino nas casas ”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”, 84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Roda de jongo ocorrida no dia 13 de maio de 2023



Dona Celina Adriano da Silva

“ A folia de reis tem que ser profissional, tem que ser pessoas engajadas que tem sabedoria das coisas, de fundo, porque hoje é tudo moderno, as coisas são modernas, são diferentes, já não chama muito a atenção. O que está mais influenciando hoje em dia, de coisa mais antiga é o jongo”.

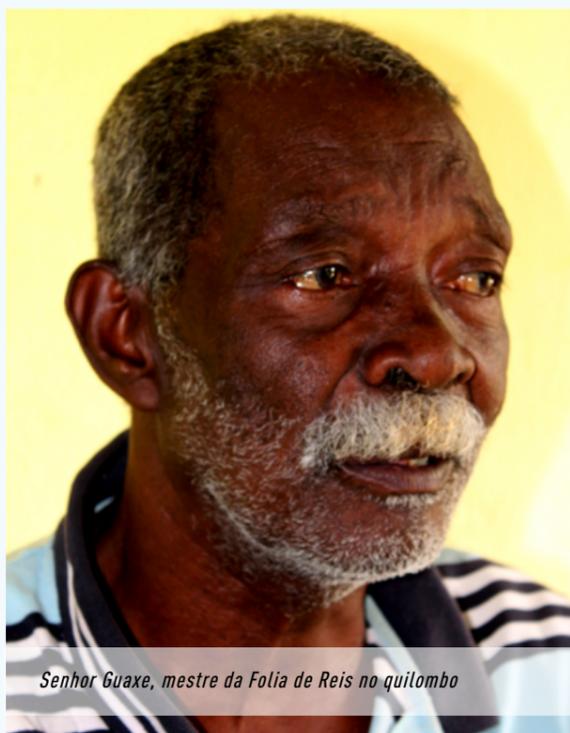
Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”,
84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Eu acompanhava, meu pai participava, tocava viola e a minha irmã cantava, a Vera, canta tripla.”

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Tinha data, até hoje no calendário lá da igreja a gente vê, pode definir as datas, dos Reis era só final de ano, mês de dezembro, ia até dia seis de janeiro que é o dia mesmo de Reis, dia do tempo antigo. E a bandeira do Divino, por exemplo, está passando o mês da bíblia, o mês de setembro e eles gostavam muito de festejar a palavra de Deus, ela era lida, alguns versículos do evangelho, sempre acompanhado do evangelho de Jesus, as orações. Então isso mexia muito com o coração da gente, a gente que já tinha uma certa história desagradável, naquela hora a gente caía em pranto de choro, chorava mesmo, a lágrima caía. Quando a gente vê aquela beleza, aquela alegria, aquelas palavras, vou te contar, muito bom, uma coisa boa que acho que hoje não volta mais. As pessoas que atuavam já morreram”.

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”,
84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Senhor Guaxe, mestre da Folia de Reis no quilombo

• BAILES

Os bailes também eram realizados na comunidade, com danças e cânticos, como o calango, muito parecido com o forró, mas com suas especificidades. Os encontros dos bailes eram organizados por algumas famílias, em geral aquelas que tinham instrumentos musicais, como a sanfona, a viola e o pandeiro.

“ As músicas do baile eram calango. Calango, cantava, por exemplo, duas pessoas cantando verso, tipo rima, né, um do lado e outro do outro, ficava a noite toda dançando. Era bom. Eu gostava de dançar com a dona Emília que era mãe da Marilda, gostava de dançar com a Julieta, só com as mulheres velhas, não gostava de dançar com menina nova, eu só gostava de dançar com mulher velha, não sei por causa de que, adorava dançar com elas”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

• JONGO

De todas as manifestações culturais, o Jongo sempre foi o mais importante para toda a comunidade. Desde os tempos dos antepassados, por volta do século XIX, era praticado por todos, momento em que, como sempre dizem, passam o recado. É uma forma de narrar suas histórias em música e dança.

Até hoje o Jongo tem papel importante. O Grupo de Jongo de Santa Rita do Bracuí, que conta com a participação dos griots e dos mais jovens, realiza rodas não só em Santa Rita do Bracuí, mas também em outras comunidades e em encontros jongueiros.

“ Era a mesma coisa de hoje, batia o tambor, fazia aquela roda, todo mundo se organizava, porque tinha que ter organização em tudo. Eles tinham uns pontos. Naquele tempo tinha muita gente que fazia mesmo, eles tiravam deles mesmos os pontos de jongo. Então, entrava um para dançar ali e era um só e ele ali sambava e os outros tocando a bateria e sambando, eles dançando em cima da música fazendo os gracejos do jeito que cada um tinha o seu jeito. Depois ele ia lá e botava a mão no tambor e ele também fazia o verso dele. Mas, antes dele sair do meio, deixava um verso dele e chamava outro para dançar no lugar dele, então, aquele que entrava, o segundo que entrava, já ia dançar em cima da música do que ele deixava ali, cada um fazia uma música. Eu dançava quando era mais nova, hoje não, era muito bom”

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”,
84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Altar da capela Nossa Senhora do Bracuí

“ Eles programavam o evento, era mais no mês de junho, julho, meio de ano que eles gostavam mais de fazer a festa.”

Tereza Azevedo de Cirilo “Dona Terezinha”,
84 anos Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ O jongo, todo mundo aqui participava, cantava, dançava, brincava, todo mundo, difícil alguém dos antigos que não saiba, eu que não sei dançar. Na época de festa, era só na época de festa que tinha, fazia fogueira, aí tinha o jongo depois, tinha a roda. [...] A nossa festa da igreja aqui eram três dias de festa. Tinha dança de jongo, tinha forró, a gente não falava forró, falava baile, agora que é forró, mas era baile.”

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ De primeiro, eles botavam o ponto, diziam que um lançava o outro, acho que por isso não deixavam as crianças dançarem. Isso era dos escravos, como o senhor não deixava eles fazerem nada, eles davam o ponto pro senhor não entender. Quando eles queriam fugir, papai dizia que eles davam dicas um para o outro.

“A onça pisou no meu rastro, o meu corpo tremeu...”. Era a dica para avisar que já ia fugir, que a onça pisou no rastro. No canto eles se ligavam um com outro”.

“ Aqui fazia a fogueira na sexta feira, era sexta, sábado e domingo, começava o jongo, abria a festa com jongo, depois da procissão, depois da ladainha era o jongo e ia a noite toda”.

José Maria dos Santos, 69 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Eu faço ponto a hora que eu quero. Uma vez eu fiz um assim: “Papai eu quero comer jaca, mas a jaca não posso tirar, é muito pesada e vai cair e vai me matar”. Eu tiro o ponto e as crianças vão cantando. Prefeito e vereador, acho que nunca existiu, senão eu tinha um ponta pra mim atravessar o rio. Eu estava pedindo pra fazer uma ponte aqui, mas até hoje não fizeram”.

Celina Adriano da Silva, 78 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Quem puxa a roda é o Emerson, o Mec. A Jussara toca, o Xexéu toca e canta. Tem uma galera que toca, tem uma galera que canta, tem uma galera que só anima”.

Fabiana Ramos, 37 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022



Roda de jongo realizada no dia 13 de maio de 2023

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

Em 2005 a comunidade criou a Associação dos Remanescentes de Quilombo Santa Rita do Bracuí - ARQUISABRA. Atualmente, uma das lutas travadas é a construção da sede, próxima a Igreja de Santa Rita.

A manutenção do território tradicional e os recursos naturais são as principais lutas enfrentadas pelos quilombolas da comunidade.

CONFLITOS	DESCRIÇÃO
Território (especulação imobiliária e grilagem de terra)	Ocupação do território tradicional com condomínios, hotéis, pousadas esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental Impedimento de acesso às cachoeiras Poluição no rio Bracuí e seus afluentes Assoreamento dos rios Falta de saneamento básico Caça ilegal
Território e recursos naturais	Criminalização da pesca tradicional Introdução de espécies de peixes exóticas Pesca industrial Presença de grandes navios Grandes empreendimentos, principalmente a Usina Eletronuclear, Hidrelétrica e as linhas de transmissão de FURNAS
Infraestrutura	Segurança pública Falta de saneamento básico Iluminação pública Plano Diretor não contempla a comunidade Manutenção nas estradas Acesso à internet

CONFLITOS

Desmatamento

DESCRIÇÃO

Invasões no território tradicional

impedimento de acesso às cachoeiras

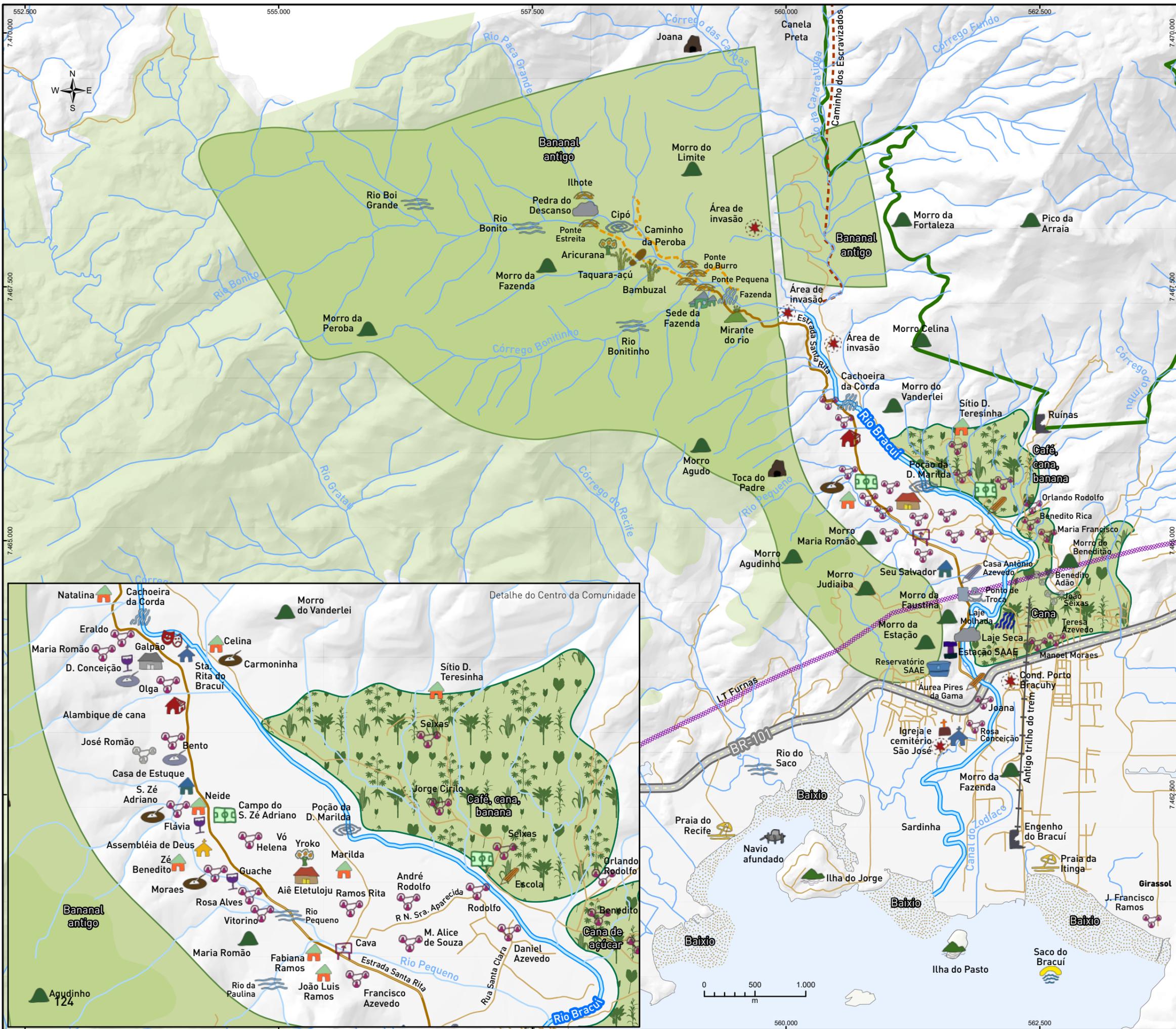
Impedimento de acesso ao território tradicional

Titulação da terra

Não reconhecimento pela Prefeitura como a comunidade sendo quilombola

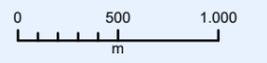
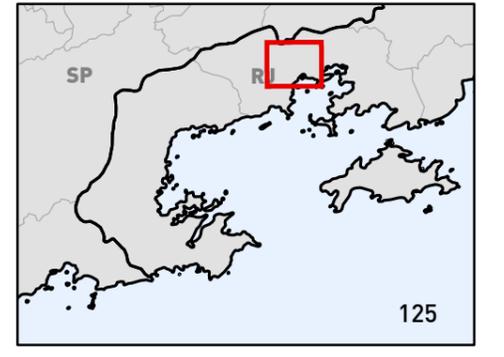


Dona Marilda e Xexê durante a Romaria da Terra, 2022



QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ

- | | |
|--------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica | Turismo e comércio local |
| Ilha | Bar |
| Saco | Mirante |
| Praia | Infraestrutura e serviços públicos |
| Rio | Igreja/Capela |
| Cachoeira | Cemitério |
| Poço | Igreja Evangélica |
| Pedra/Laje | Infraestrutura |
| Rio antigo | Ponte |
| Morro | Caixa d'água |
| Toca | Escola Quilombola |
| Bambuzal | Escola antiga |
| Árvore | Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária |
| Casa de farinha | Conflito de território |
| Casa de farinha | Sede de Fazenda |
| Núcleo familiar quilombola | Linha de quilombola antigo |
| Núcleo familiar quilombola antigo | Transmissão FURNAS |
| Casa de quilombola | Outros elementos |
| Casa de quilombola antiga | Acesso |
| Centro comunitário | Início de trilha |
| Galpão comunitário | Trilha |
| Antiga Arquisabra | Trilha antiga |
| Futura Escola Quilombola | Rio Bracuí |
| Festas tradicionais | Outros rios |
| Campo de futebol | Rodovia |
| Ruína | Estrada Santa Rita |
| Porto antigo | Outras Estradas; Ruas |
| Porteira | Ferrovia antiga |
| Navio afundado | PARNA da Serra da Bocaina |
| Bananal antigo | Terra Indígena Sapukai (Guarani do Bracuí) |
| Roça antiga | |
| Baixio | |





PRAIA DO RECIFE

Alguns moradores da Praia do Recife. Em pé, da esquerda para a direita: Leandro, Arlete, Francine, Joice, Renato e Deni. Sentados, da esquerda para a direita: Priscila, Pietro, Jô e Mônica.



TEMPOS E ESPAÇOS

• LOCALIZAÇÃO

A comunidade Praia do Recife, localizada no Distrito de Cunhambebe, Angra dos Reis (RJ), tem seu território tradicional delimitado pelo mar, por dois rios, Rio do Saco e Rio do Pedro, além do mangue que contorna todo o seu território. Tradicionalmente caiçara, a área de uso abrange a parte costeira e as ilhas próximas, como a Ilha do Jorge, hoje sob forte influência de especulação imobiliária.

Distante cerca de 5 Km, encontra-se o Quilombo Santa Rita do Bracuí, comunidade com a qual mantém relações de parentesco e compartilham o uso comum de parte do território tradicional. Essas mesmas relações também ocorrem com a comunidade do Frade.

As mudanças ocorridas ao longo de décadas na região têm afetado diretamente o modo de vida tradicional da comunidade. A mariscagem, cultura importante de subsistência e fonte de renda, está interrompida desde 2020 devido ao desaparecimento dos mariscos.

• OCUPAÇÃO CAIÇARA E SUA HISTÓRIA

A história da comunidade pode ser contada a partir de uma família: Alves Cipriano. Essa família é considerada a primeira a chegar ao local que sempre foi conhecido como Praia do Recife. Este nome continua sendo um grande mistério para todos de lá, pois nunca conseguiram saber ao certo o porquê a localidade é assim denominada.

“ Não sei porque tem esse nome aqui, desde que me entendo por gente já era Praia do Recife”

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

Os primeiros Alves Cipriano que chegaram foram o casal Aristo Cipriano e Jordélia Alves Cipriano. Após o casamento dos dois, Sr. Aristo recebeu uma proposta para cuidar da área em que hoje é a comunidade, próxima à Fazenda do Grataú. Aristo Cipriano nasceu no Frade e era filho de Benedito Cipriano e Dona Maria. Já Jordélia Alves Cipriano, nasceu no Quilombo Santa Rita do Bracuí, filha de Alacrino Alves e Julieta da Conceição. O casal teve 17 filhos, sendo os que estão vivos: Denir, Airton, Aldemir, Adelson, Marcos, Darléia, Marli, Marlene e Arlete.

“ Quando conheceu a mãe no Bracuí, uma pessoa deixou ele tomando conta da casa que tinha aqui. Eles plantavam banana, faziam carvão também para vender. Nós fomos nascidos assim, fomos criados no mar, pegando marisco”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

“ Da minha mãe, o pai era Alacrino. Minha mãe veio do Bracuí, eles são parentes do Seu Alfeu lá do Bracuí. Os pais da minha mãe eram Alacrino Alves e Julieta da Conceição. Ela gostava muito de um golinho, vinha com uma cestinha na cabeça cheia de banana. Ela é mãe do Alfeu lá do Bracuí”

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

Como forma de sobrevivência, a família Alves Cipriano mantinha a pescaria e as roças fundamentalmente para a subsistência. Alguns anos depois, Aristo abriu um pequeno armazém, em que vendia mantimentos e bebidas e as pessoas que por ali passavam compravam. Ainda como forma de geração de renda, também vendiam marisco em outras localidades, como no Frade:

“ Meu pai tinha armazém, onde era a casa do Renato, vendia cachaça, açúcar, arroz... Essas coisas todas ele vendia. Ele vendia para todos que passavam aqui”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

Bem em frente à Praia do Recife está localizada a Ilha do Jorge, de onde retiravam o abastecimento de água doce da comunidade.

“ Na Ilha do Jorge, antes do condomínio tinha família, Ernesto, dona Isabel, moravam na Ilha do Jorge, eles pegavam água lá.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

Para os festejos, que eram realizados na casa de Aristo e Jordélia, organizavam bailes e festas animados por músicos do Bracuí. Também participavam ativamente da Folia de Reis, que tinha como capitão o sr. Guache, do Quilombo Santa Rita do Bracuí. Não era muito comum, mas alguns casamentos também já foram celebrados na comunidade.

“ Baile era sábado, todo sábado tinha e terminava no domingo. Não tinha pão, era boboró com café que a minha mãe fazia. Ela fazia tainha e só sobrava a espinha. Antes da vitrola era na sanfona mesmo que eles tocavam. A vitrola também usavam”.

“ Era forró mesmo, dançava muito, muito forró. No Grataú também tinha baile. Só o meu pai era daqui os outros companheiros eram de outros lugares, Frade e Bracuí. Meu pai saía às seis horas da tarde e só voltava às 6 da manhã”.

“ Casamento era feito na Igreja do Frade. O casamento que teve aqui era de Maria José, forró, muita galinha, porco. Muita lama, então dificultava. Maré enchia”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

As responsáveis pelos partos na comunidade eram do Bracuí: Benedita e Antônia. Como o deslocamento para o hospital mais próximo, que na época era no centro de Angra dos Reis, só podia ser feito por canoa, sempre recorriam a essas senhoras quando necessitavam. E esse mesmo cuidado com o nascimento, também havia em momentos de enfermidades, quando utilizavam ervas para os preparos de chás e também às rezas feitas por Dona Júlia do Grataú.

“ Eu nasci em casa mesmo, na parteira. Todo mundo nasceu em casa, só o Marquinho que nasceu no hospital. As parteiras eram Benedita e Antônia. Elas eram do Bracuí e daqui da Praia do Recife. Elas faziam os partos todos daqui”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Dona Júlia do Grataú era benzedeira, ela passava a doença para a planta. Fazia quebrante, criança aguada, que dizem que é quando a criança viu alguém comendo alguma coisa e a criança ficava aguada. Ela usava uma vassourinha para tirar a doença”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

O cemitério mais próximo da comunidade é o de São José, do Quilombo Santa Rita do Bracuí. No passado, os caixões eram feitos pela própria família e o cortejo era realizado todo a pé. Também utilizavam a Igreja de São José para os batismos das crianças.

“ Caixão era feito na própria comunidade. O enterro era no Cemitério São José mesmo. Meus pais estão enterrados lá, todos estão lá, porque é o mais próximo”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022



Dona Arlete Alves Cipriano

Essa proximidade histórica com o Quilombo Santa Rita do Bracuí não se restringe apenas aos vínculos de parentesco compartilhados ao longo de gerações, mas também a marcos do período da escravidão. Segundo a história oral dos quilombolas, era pelo cais localizado na Praia do Recife que eram desembarcados os africanos escravizados a caminho das fazendas do Breves, dentre elas, a própria Fazenda do Bracuí.

A Praia do Recife fica localizada no Km 506 da BR-101 e o seu principal acesso é a Estrada do Recife que corta o manguezal. Até hoje essa estrada não tem iluminação, o que dificulta a caminhada durante a noite, e algumas histórias de assombração que sempre são narradas pelos caiçaras se passam justamente nesta estrada. Como em uma das vezes em que avistaram um lobisomem:

“ Estava descendo e quando chegou na curva achei que fosse um bezerro. Mas depois senti aquele cheiro, gritei “Virgem Maria”, me arrepiei toda. Cheguei em casa toda tremendo e depois quando eu cheguei em casa que entendi que era um lobisomem”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

Hoje quem mora na Praia do Recife são os descendentes do casal Aristo e Jordélia. No total, são 16 casas, uma igreja evangélica - Igreja Pentecostal Povo Espírito de Deus e 3 bares que são mantidos pelos caiçaras. Algumas novas famílias chegaram no território, pois compraram dos filhos de Aristo.



“ Eu acho que não é bom vender, porque antes era só a gente mesmo, mas como depois cada um foi dividindo o terreno, então foram vendendo. Então entrou gente de fora”.

Priscila Alves Cipriano, 28 anos,
Praia do Recife, 2022

A comunidade Praia do Recife ainda hoje é pouco conhecida pelos moradores de Angra dos Reis. Muitos desconhecem que por lá tem praia e a comunidade tem condições para receber turismo mais consciente, em que preze a conservação da natureza e respeito ao modo de vida tradicional.

“ A praia é própria para banho. Quem vê acha que está sujo porque tem lama, mas é da própria praia mesmo”.

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Hoje em dia estão começando a valorizar o lugar, mas muita gente não conhece ainda. Seria bom que a gente fizesse uma placa grande indicando a praia, para as pessoas chegarem aqui”.

Priscila Alves Cipriano, 28 anos,
Praia do Recife, 2022

• LUGARES DA COMUNIDADE

TIPO	DESCRIÇÃO
Rio	Rio Pedro
	Rio do Saco
Área de uso comum	Estrada da Praia do Recife
	Manilha
	Muro de contenção
Local histórico	Cais do Cabral
	Árvore centenária
	Jaqueira
Casa	Casas de famílias caiçaras
Comércio	Bar da Rose
	Bar do Leandro
	Boteco do Recife

AS ROÇAS NA COMUNIDADE

As roças e pequenas hortas sempre foram mantidas na Praia do Recife. No passado, a produção era maior, em que utilizavam parte do território para as plantações de banana, mandioca, batata doce e hortaliças, além de árvores frutíferas.

O trabalho nas roças era exercido pelos homens, às mulheres ficavam mais encarregadas para atividades da casa e os cuidados dos filhos pequenos. Também havia a contratação de pessoas que, por diária, faziam reparos nos canteiros, a retirada de matos e também no auxílio durante as colheitas.

Parte dessa produção era para subsistência, com exceção da banana, que era comercializada. Essa comercialização se dava com a venda para atravessadores que chegavam à comunidade em canoas e levavam para Angra dos Reis, onde a oferta de mercados era maior.

A criação de pequenos animais, como galinhas, é mantida até hoje na Praia do Recife. Sempre mantiveram esses animais para o consumo familiar, dos quais consomem as carnes em ocasiões festivas, como aniversários, casamentos e outras celebrações, e os ovos são utilizados nas refeições.

Hoje, nas áreas em que antes mantinham as roças, boa parte estão ocupadas com casas caiçaras. A produção é pequena, apenas para subsistência, com pequenos canteiros em que mantêm hortaliças, principalmente temperos, que são utilizados no dia a dia.

“Tinha uma lavoura aqui, perto de casa. Tinha plantação de banana, essas coisas. Eles mexiam com peixe e também tinham lavoura, mas era só para a casa mesmo. Era aqui no quintal mesmo”

“Tinha gente que vinha ajudar aqui, trabalhava tipo por dia aqui, isso porque os filhos eram grandinhos. A gente ajudava mesmo pegando marisco. Eu mesmo ia lá no Frade para vender. Eu ajudava minha mãe para vender o marisco lá no Frade. Às vezes não era pagamento em dinheiro, eles trocavam por arroz, açúcar, essas coisas”

“Só os homens trabalhavam na roça, porque era muito filho, não tinha como a mulher trabalhar lá na roça.

“Aipim, batata doce, era um tempo difícil mas era bom. Era uma vida boa, principalmente nas comidas”.

Aldemir Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022



Amendoeira antiga da Praia do Recife



PESCA AGRICULTURA E EXTRATIVISMO

PESCA

A pesca sempre esteve entre as principais formas de sobrevivência na Praia do Recife. Do mar, retiram para o alimento das famílias e para a comercialização, principalmente os peixes maiores, que sempre foram mais valorizados pelos consumidores.

Esse comércio sempre ocorreu pela região do Bracuí e do Frade, em que vendem de “porta em porta” e, mais recentemente, com encomendas feitas por telefone. Não só o peixe in natura era comercializado. No passado, coisa que não ocorre nos dias de hoje, o peixe também poderia ser vendido seco, processo que realizavam no próprio terreiro de casa.

“Peixe seco, escalava o parati pelas costas, botava na salmoura, colocava no sol e deixava uns três dias e estava bom. Mas tinha que tomar cuidado com a mosca, mas tinha um abanador para espantar as moscas”.

“Pesca de arrastão, rede de arrasto, colocava aquele cabo ali na praia, trazia parati, carapeba. Vinha bastante peixe. Hoje é mais tarrafa, antes era arrastão”.

Aldemir Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“Meus irmãos pescam de rede, mergulho, arpão. Os peixes são vendidos direto para as famílias. Dependendo do peixe vende pelos condomínios aqui”.

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

Além dos peixes, o bioma da região da Praia do Recife, com a presença de grandes manguezais, sempre permitiu a pega de caranguejo assim como a cata de siri:

“Pegar siri com a maré seca, parecia isopor de tão branco. Os cardumes de peixe tinham muito, era mais fácil pescar”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“Pega os caranguejos na época que anda, final de ano, novembro e dezembro. Mas tem gente que pega, mas a gente não. Vinha muita gente de fora pegar caranguejeiros, eu lembro desse pessoal todo sujo na beira de estrada”.

Aldemir Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022



A principal fonte de renda na comunidade, pelo menos nos últimos 40 anos, vinha sendo a mariscagem. Nos baixios da Praia do Recife, as famílias saíam de canoa e voltavam com baldes de mariscos para serem comercializados nos pequenos comércios da região. Sempre mantiveram essa prática, principalmente nos tempos em que a família de Dona Arlete não tinha mais o armazém em que vendiam mantimentos.

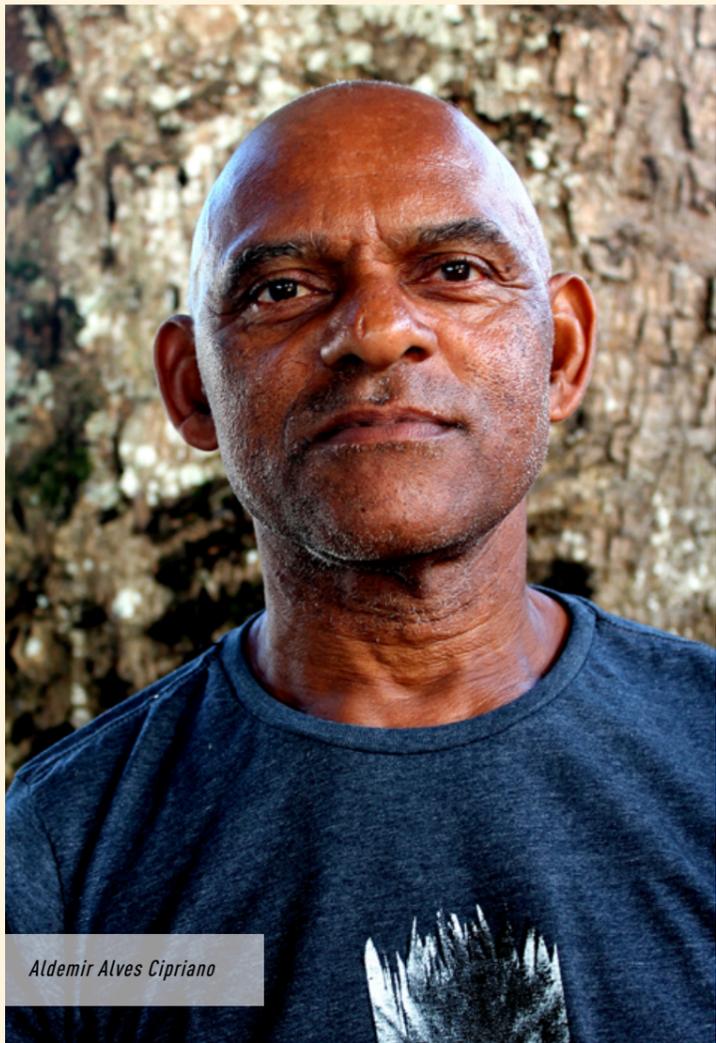
A própria história da comunidade é contada sempre, tanto pelos moradores como por pessoas de outras comunidades, a partir da quantidade e da qualidade de mariscos que encontravam na Praia do Recife. Famílias do Frade, Bracuí e outras localidades sempre tiveram a Praia do Recife como referência de local com os melhores mariscos da região.

“ A gente pegava o marisco com a mão, limpava para vender. Ai debulhava, lavava e dava uma refogada no fogo, porque não tinha luz aqui, então era para conservar. A gente ia ali pela Fazenda do Grataú para ir no Frade”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Já pesquei muito, pegava casca de marisco. Pegava para vender no bar e o pessoal sempre comprava também. É a terceira vez que sumiu. A primeira vez sumiu os grandões, mas ficaram os pequenos. A segunda também, mas dessa vez sumiu tudo”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022



“ A minha mãe depois foi ficando doente e parou de pegar marisco para vender. A gente continuou pegando marisco e siri, era uma renda, mas não era a renda assim a única que a gente tinha.

Rosilene Alves Batista, 37 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Eu pegava uma canoinha, porque é pesado, um peso, e é longe... pegava no balde porque é longe para trazer. Tinha que ir remando. Eu ia sempre com alguma filha minha, a Joice, as crianças sempre iam para não ir sozinha. Os cachorros também iam, tem um que entrava no barco, às vezes iam nadando”.

“ Esse dinheiro ajudava para inteirar num pão, num gás. Sempre tinha gente que procurava para comprar. Querendo ou não era cinquenta reais quando vendia, dois pratos que eu vendia.”

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Minha mãe sustentou a gente com marisco. Ela ficava com a água até o peito pegando o marisco. Ela ferventava o marisco no fogo a lenha, deixava esfriar e colocava num saquinho para conservar”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

Durante o período de pandemia de Covid-19, o marisco desapareceu da Praia do Recife. Os relatos dos comunitários da região apontam que não foi a primeira vez que isso ocorreu, tendo já sido percebido em anos anteriores. Porém, da forma como ocorreu em 2020 foi algo inédito, em que não encontram nem os mariscos pequenos, como no passado ocorria. Foi um desaparecimento total e repentino.

Muitas interpretações são dadas ao fato, como a entrada de pessoas de fora que chegaram à região para pegar marisco devido ao aumento do desemprego a partir de 2020; falta de saneamento básico; aterramentos nos mangues; especulação imobiliária; entre outros. Essa mudança impactou diretamente o modo de vida tradicional não só da Praia do Recife como também as demais comunidades da região, em especial Bracuí e Frade:

“ Agora tem muita gente pescando, muita gente de fora, vem pescando aqui. O marisco também acabou mas vai voltar, se deus quiser. Muita gente pegando, muita embarcação para cá, com óleo. O crescimento desordenado, esgoto. Ninguém se preocupa com isso, mas afeta a pesca”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022



“ Era uma chapa de ferro que eles botavam lá e vinham arrastando aquilo, ia removendo a lama e ia jogando o marisco pra dentro do recipiente, eles enchiam um caminhão, sacos e mais sacos.”

João Luiz Ramos, 65 anos,
Quilombo Santa Rita do Bracuí, 2022

“ Há muitas obras aqui, na Ilha do Jorge. O esgoto também, tem um comércio aqui que eles jogam a água suja no rio, isso também pode ajudar a diminuir o marisco. Tem muita casa aqui mesmo, antes não tinha. Fizeram tipo uma estrada, colocaram até luz de led na iluminação.”

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Dessa primeira vez voltou a ter marisco, mas dessa última vez foi de repente, parece que eles entraram para dentro da terra. Dizem que era culpa do marisqueiro, mas não era não, porque eles pegavam, sempre pegavam. Esses marisqueiros eram de fora, uma época embargaram, mas eles pegavam muito”.

Aldemir Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Já tem dois anos, mas agora sumiu. Eu não pegava saco não, pegava aquela caixa de peixe, dessas que tem no mercado, o tabuleiro. Pegava assim. As vezes pegava duas caixas dessa por semana, porque eu trabalhava. Eu levava um corredor de arroz e enchia para pegar”.

“ Mas vai aparecer, se Deus quiser vai voltar. Mas agora está dando um pouquinho de caroço. Eu sou criada e nascida aqui, nunca vi o marisco sumir assim, sumiu de repente. Assim eu nunca tinha visto”.

“ Dessa vez agora acabou de repente, sumiu. Uma vez andei muito para encontrar cinco caroços de marisco. Andei muito e fiquei admirada. Agora eu nem vou mais para lá, pelo baixio ver”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos,
Praia do Recife, 2022

TIPOS DE PESCADOS NA PRAIA DO RECIFE

Marisco	Cavala
Redonda	Corvina
Ameixa	Lula
Macaquinho	Parati
Bicuda	Tainha
Pescada	Sardinha
Espada	Siri
Bagre	Camarão

TIPO	DESCRIÇÃO
Praia	Praia do Recife
Ilha	Mandala
	Ilha do Cabral
	Ilha do Jorge
	Cunhambebe
Mangue	Pedra do Pulo
	Mangue
Baixio	Baixio



Manguezal da Praia do Recife

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

A comunidade tem uma associação de moradores, porém esta não atende apenas a Praia do Recife, mas também uma outra comunidade, chamada Gamboa: Associação dos Moradores da Gamboa e Praia do Recife. A sede da associação fica na Gamboa, cerca de 1,5 Km de distância, e os comunitários da Praia do Recife não participam da atual diretoria.

O acesso a serviços públicos é uma das principais bandeiras de luta da comunidade, pois não contam com água potável, iluminação pública, entre outros serviços.

• ACESSO A SERVIÇOS PÚBLICOS E RENDA

ÁGUA

“ A gente não bebe água que vem da Gamboa para cá porque tem muito gosto de cloro. Eu pego da mina, no outro lado da pista, na Fazenda Grataú. Tem gente que pega em minas da estrada. Essa água que vem pra cá tem gosto de cloro porque tem uma represa e colocam cloro. Rio da Gamboa que vem essa água, só que colocam muito cloro”.

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

LUZ

“ O gerador, meia noite desligava o gerador. A gente passou um perrengue danado sem luz. Nisso os mosquitos vinham tudo, a gente corria para tomar banho na praia porque estava muito quente. Tem uns 15 anos, ou menos, que a luz chegou. Acho que foi em 2010 que a luz chegou.

Rosilene Alves Batista, 37 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Dez anos que tem luz, antes era lampião e gerador. Um amigo emprestou o gerador e ligava sete horas da noite e desligava às 10 da noite. “Liga o gerador”. Tem uns 10 anos. Vendo uma novelinha e daqui a pouco desligava o gerador. Tio Adelso gritava “vou ligar o gerador, vou desligar o gerador”. Ficava um breu danado, todo mundo corria para fazer chapinha, colocar celular para carregar.

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

• RENDA

Os impactos ambientais que vêm ocorrendo nas últimas décadas afetam diretamente a renda dos comunitários. Muitos precisam buscar outras atividades para terem melhores condições de sustento para suas famílias. Como alternativas, passam a trabalhar em pequenos comércios locais, como peixarias e mercados; e também nos condomínios da região.

A comunidade conta com três bares, em que oferecem refeições e bebidas para turistas da região, principalmente durante os fins de semana e feriados. Esses bares, em que seus donos são da própria comunidade, geram fluxo de renda, pois todos os peixes consumidos são comprados diretamente dos pescadores locais e peixarias. A única exceção hoje é com o marisco que compram em peixarias.

“ As coisas são difíceis para o trabalho. A gente começa para casa de família, creche. A gente tinha um bar também. Minha mãe sempre se virou, a gente se virava. Meu apelido é até marisquinho. Uma época a gente só vivia do marisco mesmo”.

“ O bar ainda atrai turismo, porque é um lugar tranquilo, um lugar bonito, com vista. A praia é bonita, é limpa. Isso traz renda para a gente.

Renan Alves Batista, 22 anos,
Praia do Recife, 2022

“ Eu trabalho em uma peixaria. Fiquei dois anos em uma, depois recebi uma proposta em outra e estou há 4 meses”.

“ Quando acabou o marisco foi muito ruim. Quando acabou mesmo, todo mundo já estava com alguma atividade”.

“ No bar também foi bem ruim, porque era o pastel que mais vendia era o de marisco. Podia colocar carne moída, camarão, presunto, que só vendia o de marisco”.

Rosilene Alves Batista, 37 anos, Praia do Recife, 2022

• MUDANÇAS NO TERRITÓRIO

As famílias caiçaras da Praia do Recife resistem há muitas décadas às ameaças que impactam diretamente o seu território e o seu modo de vida. Essas ameaças são oriundas de intensa especulação imobiliária, pesca industrial, descaso do poder público, entre outros.

POLUIÇÃO

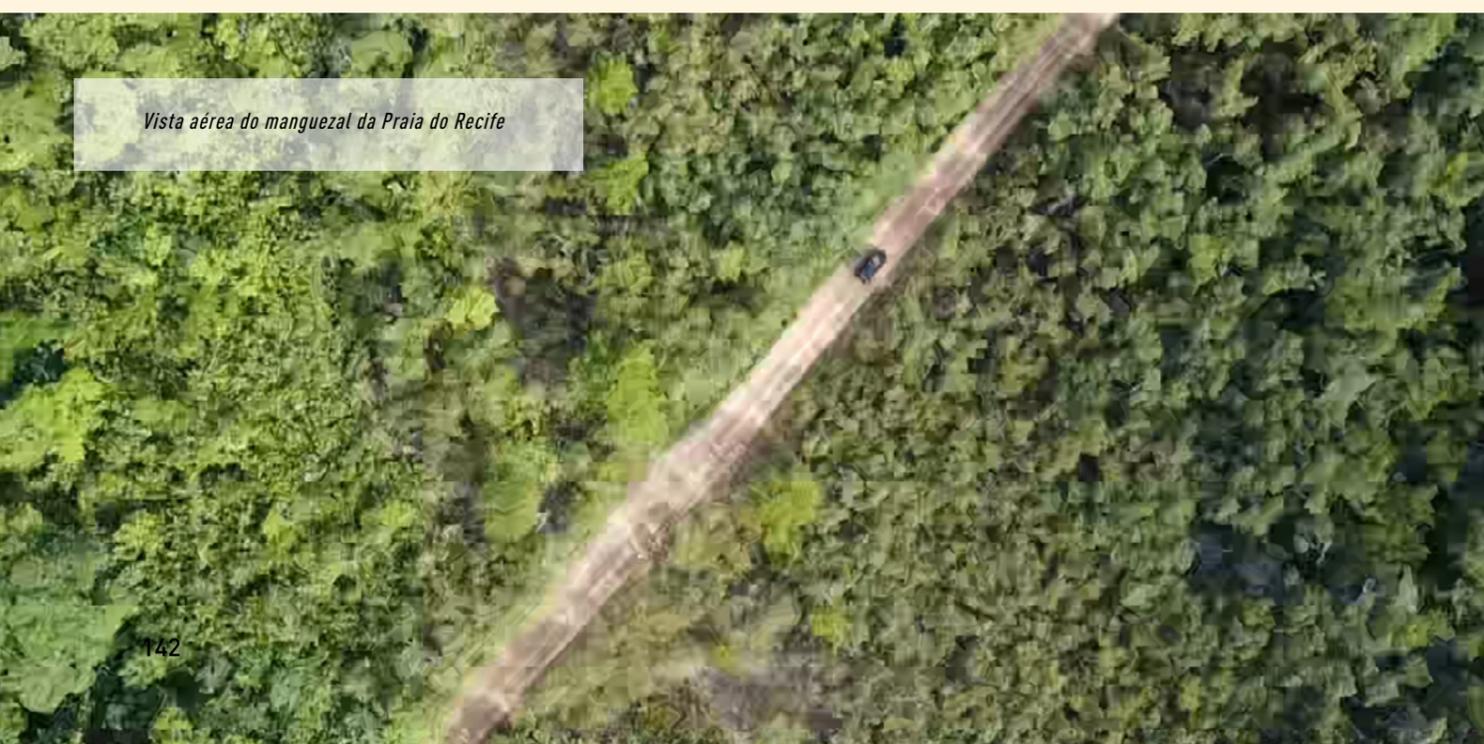
“ Lixo no mar, sempre encontro porque o pessoal joga papel, plástico. Isso já vem com a maré. É o pessoal que vem de barco e fica jogando no mar”

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022

PAISAGEM

“ Mancha de óleo de vez em quando a gente vê, uma nata que fica. O pessoal que pesca de rede nem conseguia colocar rede. Era uma espuma, ficava no baixio todo. Mas isso, quando apareceu, não tinha nem marisco mais aqui. Isso pode ser porque tem muito barco por aqui, na ilha. Mas acho que essa mancha não tem relação com o fim do marisco”.

Arlete Alves Cipriano, 58 anos, Praia do Recife, 2022



Vista aérea do manguezal da Praia do Recife

CONFLITOS

Território (especulação imobiliária e grilagem de terra)

Território e recursos naturais

Infraestrutura

DESCRIÇÃO

Ocupação do território tradicional com condomínios

esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental

Poluição nos rios

Poluição dos manguezais

Assoreamento dos rios

Assoreamento dos manguezais

Falta de saneamento básico

Criminalização da pesca tradicional

Introdução de espécies de peixes exóticas

Pesca industrial

Presença de grandes navios

Segurança pública

Falta de saneamento básico

Iluminação pública

Manutenção na estrada



COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA DO RECIFE

Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Rio
- Ilha
- Pedra
- Lajes e parcéis
- Cais
- Praia
- Árvore
- Casa de caiçara
- Captação de água antiga
- Hortas, pomares, ervas medicinais
- Baixo
- Mangue
- Pesca artesanal

Turismo e comércio local

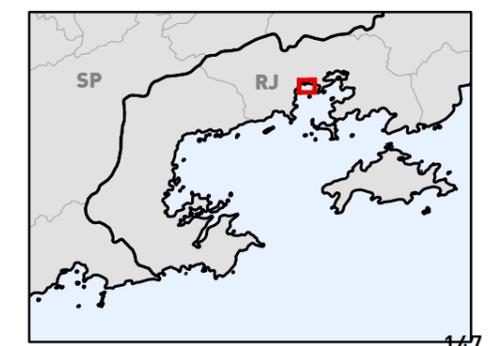
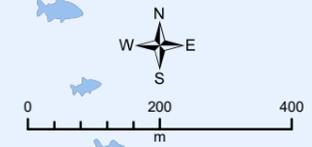
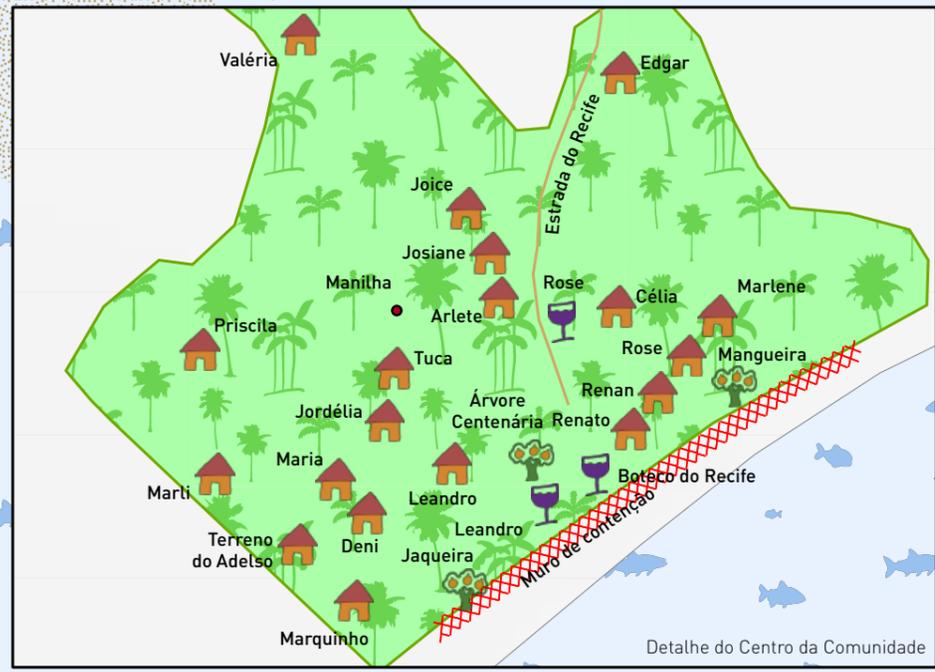
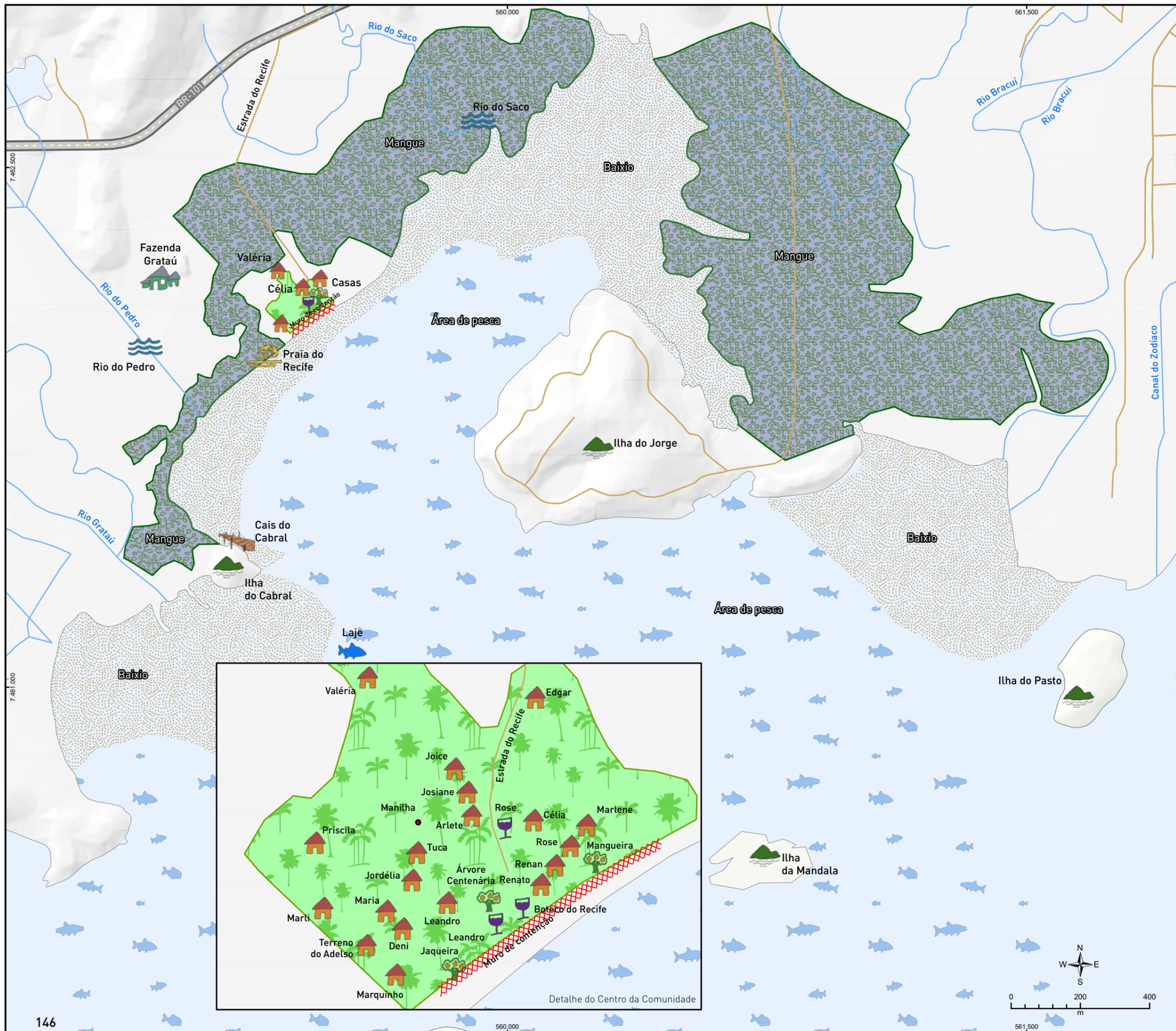
- Bar

Conflitos socioambientais e ocupação não caiçara

- Sede de Fazenda
- Muro

Outros elementos

- Rio
- Rodovia
- Outras Estradas; Ruas



FRADE

Baía de Angra dos Reis de São Paulo a Paraty

Subi na Pedra do Frade,
lá de cima eu vi Baía de Angra dos Reis de
São Paulo a Paraty (Bis)

As colinas verdejantes, dando nossa liberdade
Abraçando Angra dos Reis
Juntando a Praia do Frade
Este grande monumento
Marco a eternidade na invasão dos estrangeiros
Assassinaram os franciscanos
Que vinham catequizando nossos pioneiros
Bem-vinda foi a Rio-Santos
Trazendo gente de fora que não quiseram ir embora
Desse pedacinho do Brasil
Nossas águas cristalinas
Nossa sutil vegetação
Onde estão os manguezais
Que os peixes traziam paz?
Sumiram, e ai cresceu a poluição

Pedro Gabriel

TEMPOS E ESPAÇOS

Os versos apresentados foram escritos por Pedro Gabriel, nascido em 03 de fevereiro de 1925, onde hoje é a Vila Espanhola. Com oito meses de idade, foi junto com a sua família para o Sertãozinho do Frade, onde permaneceu por cerca de dez anos. Em 1936 uma nova mudança, desta vez para a cidade do Rio de Janeiro, onde estudou e em 1941 retornou para a comunidade. Ao se estabelecer novamente no Frade, começou a trabalhar em um escritório e, depois, passou a ganhar a vida na estiva, onde se aposentou.

Seus pais, Francisco Gabriel e Julieta da Conceição Reis, nascidos no Sertãozinho do Frade, tiveram mais seis filhos: Bené, Lourdes, Manoelino, América, Cassiano e Nadir.

Em 1962 a família construiu uma casa na Rua do Cartório, onde parte dos seus descendentes permanecem até hoje. Pedro Gabriel casou-se com Georgina Nascimento Gabriel e juntos tiveram quatro filhos: José Carlos Gabriel, Crécio Gabriel, Élio Gabriel e Edil do Nascimento Gabriel.

No ano de 1950, juntamente com Benedito Cipriano, Antenor Soares, Cipriano Raimundo, Dionísio Santos, Durval Alves, José Alves e outros moradores, escalaram a parte mais alta da Pedra do Frade. As dificuldades enfrentadas pelo grupo foram descritas por Pedro Gabriel em um de seus livros:

Realmente, subir pelo limo das pedras e dos caraguatás não poderia ser uma tarefa tão fácil, era preciso ter muito cuidado e pedia muita habilidade, porque na volta, ou seja, na descida, os que vinham na frente deixavam as pedras limpas, lisas, dificultando de maneira considerável os que vinham logo atrás. (GABRIEL, Pedro, 1996: 03)

Pedro Gabriel relatou ainda que o sonho em subir a Pedra do Frade começou desde as histórias contadas por Cipriano Raimundo e Paulo Raimundo, caçadores e os primeiros a chegarem próximos à Pedra. Esse sonho se concretizou em 1950, mas não parou por aí, pois anos depois, tornou-se “guia obrigatório” para as expedições realizadas. E assim, em 1991, organizou um grupo de jovens para aquela que seria, segundo ele, a sua melhor subida:

De todas as aventuras que fiz parte, foi em 26 de outubro de 1991 que, junto com onze jovens (seis moças e cinco rapazes) inclusive as duas netas (Kelli e Genilze), tornei a ir à Pedra do Frade, já com um material bem mais vasto, como por exemplo, fotos, anotações diversas e etc. Saímos da Praia do Frade meia noite e quarenta, do dia 26/10/1991, bastante entusiasmados e o ambiente era de total alegria, pois ali estava uma parte da nossa comunidade. Não havia pessoas de fora. Foram 19 horas de percurso, intercalados com luar, pois a lua estava cheia, a madrugada estava linda e pela manhã o sol não fez por menos, dando a todos nós um belo presente “um dia muito bonito”. Os jovens ficaram extasiados com tanta beleza, com os mais variados brilhos nas matas, com os clarões do amanhecer, com o despertar da passarada, onde parecia ter cada pássaro combinado em cantar suas diversas melodias a um só tempo. Os jovens Silvinho, Wiliam, Anderson, Magdo, Kalli, Genilze, Valéria, Vanuza, Magna, Cristiane e outros adoraram o passeio e sempre perguntam-me quando faremos novos passeios. Hoje fico rodeado de jovens curiosos, querendo saber se eles também conseguem ir até lá.

Pedro Gabriel faleceu no ano de 2006, aos 81 anos de idade. Sua esposa, d. Georgina, morreu em 2020, com 94 anos. A responsabilidade por manter a memória da família viva e preservada ficou a cargo do terceiro filho do casal, sr. Élio Gabriel, de 66 anos. Essa não é uma tarefa muito difícil, pois Pedro Gabriel escreveu diversas histórias, contos e versos do Frade. Juntamente com todos os relatos deixados por ele, outros moradores e moradoras também guardam na memória as mudanças ocorridas na comunidade.



Placa mantida pelos filhos de Pedro Gabriel

• LOCALIZAÇÃO

Frade é um território que possui grandes belezas naturais, como a Pedra do Frade, que dá nome à comunidade, mas que oficialmente é denominada como Cunhambebe. Além da Pedra do Frade, também abriga quatro cachoeiras: Carangola, do Meio, Gaxé e Morro do Coco e córregos. Essa parte da comunidade, localizada nas encostas da Serra do Mar, é conhecida como Sertãozinho do Frade.

A outra parte do Frade, que a partir da década de 1970, foi cortada pela construção da BR-101, é a Praia do Frade, em que no passado era local para os ranchos das famílias pescadoras e principal ponto de encontro de toda a comunidade. O território marinho utilizado pelos caiçaras para a pesca tradicional possui inúmeras ilhas como Piraquara de Fora, Pingo D'Água, Quitumbu, Cabral, entre outras. Além de praias e lajes que estão no entorno da Praia do Frade.

Seu território tradicional está sobreposto à área de proteção do Parque Nacional da Serra da Bocaina e a Estação Ecológica de Tamoios (ESEC Tamoios).

• A OCUPAÇÃO CAIÇARA E SUA HISTÓRIA

Naquela época havia poucos moradores no Frade. Era um povo pacato, humilde, simples e muito respeitador. No Frade, naquela época, existiam 17 casas na beira da praia, eram eles Sabino, Camilo, Juca Mariano, Deordete Travassos, João Raimundo, Cipriano Raimundo, João Nunes, Isadora Castro, Benedito Augusto, Antônio Barulina entre outros. O restante morava nas encostas devido às lavouras. Na época da praia não dava para ter lavoura porque ali era um grande pomar. Também existiam os moradores que moravam na própria Fazenda do Frade, que naquela época tinha o nome de "canto da roça", onde moravam o senhor Paulo Sodré da Nóbrega, Benedito Leite, Benedito Pinheiro, Ersílio Castilho. Esses moradores viviam praticamente da lavoura, caça, pesca e criação de animais (porcos, galinhas e etc.). Eram poucos os moradores do Frade para festejar, os moradores do Grataú, da Piraquara, Recife e alguns do Bracuy para poder povoar a festa"
GABRIEL, Pedro. s/d: 04



Élio Gabriel

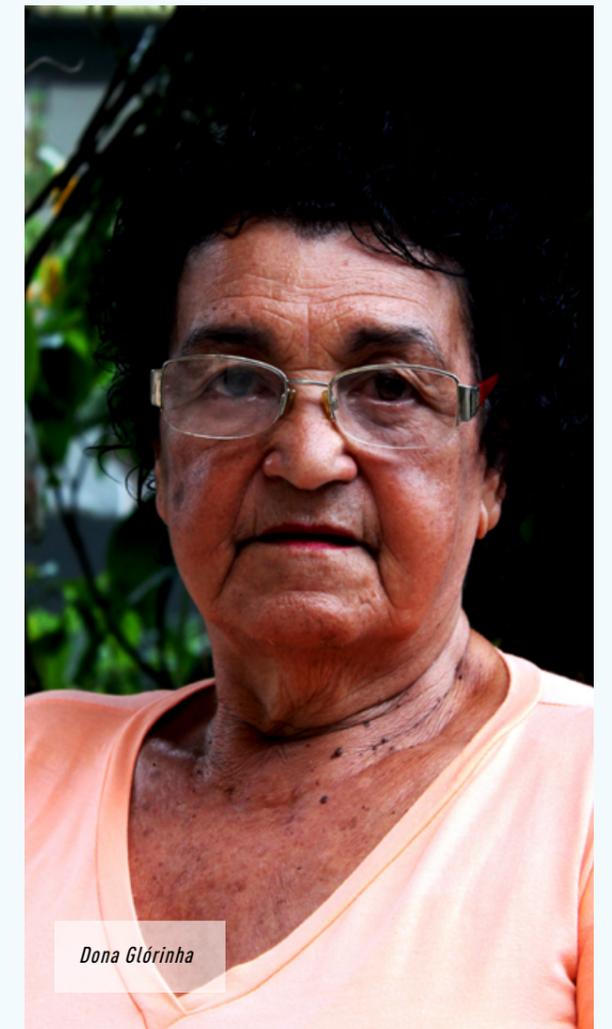
Esse período descrito por Pedro Gabriel em seu livro intitulado "O Frade ontem e hoje", remonta da década de 1940 até final dos anos 1960, em que a comunidade ainda não havia passado por uma série de transformações que resultaram em um novo reordenamento territorial e social.

A comunidade, antes conhecida como Cunhambebe, depois passa a ser chamada com o nome Frade em homenagem à Pedra do Frade que, segundo os caiçaras, lembra a imagem de um frade sentado. Pedro Gabriel pontua em um de seus livros o que se pode avistar de cima da pedra:

A Pedra do Frade em si não tem muito a ver com a beleza e a paisagem que se vê lá de cima. Pela sua altitude, a pedra torna-se um monumento colossal e nós, perto dela, não passamos de anões. Nesta paisagem avistamos a baía de Angra dos Reis até Paraty, assim como a Serra da Bocaina, no Estado de São Paulo. É um cenário fantástico e inesquecível. (GABRIEL, Pedro, 2006: 05)

O Frade vem de uma tradição em que as famílias caiçaras mantinham as roças e as pescarias como principais formas de sobrevivência. Esse modo de vida refletia até mesmo a forma em que o território da comunidade era utilizado: às famílias que mantinham a pescaria estavam concentradas próximas à Praia do Frade, já àquelas que tinham o roçado, se localizavam no Sertãozinho do Frade ou como mencionado por Pedro Gabriel, "nas encostas".

A mão de obra para essas duas principais atividades era familiar, em que os filhos ajudavam os pais no dia a dia, mas também sempre era possível a realização de mutirões para a construção de casas, reparos nas canoas ou em algum serviço mais pesado na roça.



Dona Glórinha

“[...] Antigamente o quintal era todo limpo, areado, se você perdesse um brinco você achava. Todo mundo queria ter o quintal mais limpo que o outro. As árvores tinham muita fruta, mas se caísse uma laranja você achava. Porque minha mãe fazia a gente limpar tudo. As casas aqui eram de estuque, chão batido. Antigamente não tinha banheiro, só depois que meu pai foi trabalhar na Verolme que a gente conseguiu ter banheiro dentro de casa”.

Maria da Glória dos Santos "Glórinha", 70 anos, Frade, 2022

O mar, além de ser utilizado para sobrevivência com as pescas, era a principal forma de acesso para outras comunidades e para o centro de Angra dos Reis, servindo também para escoamento da produção agrícola, como a banana, cana de açúcar e lenha que eram levados para outros locais. No início, esse transporte era feito por canoa a remo e a vela. Com o passar dos anos, surgiu a barca a motor, do senhor Antônio Travassos, cujo nome era Mercedes. Em seguida, o sr. Arquimedes também adquiriu uma barca, que batizou de Guarani. Com essas embarcações, transportavam mantimentos e pessoas.

Nos arredores do Frade existiam duas grandes fazendas: Fazenda do Frade e Fazenda Grataú, esta última ainda existente, com sua sede mantida pelos atuais proprietários.

A Fazenda Grataú, que foi local de trabalho e moradia de algumas famílias caiçaras da comunidade, como Manoel Espalhado, Benedito Cipriano, Emílio, Lourenço, entre outros, tinha como principal produção a de banana para exportação.

Já a Fazenda do Frade era utilizada para a criação de gado, em especial leiteiro, e cavalos. Assim como no Grataú, algumas famílias também trabalhavam e residiam na propriedade:

Esses moradores, após as transformações ocorridas na fazenda, principalmente pela construção de um hotel, necessitaram migrar para outras partes da comunidade.

“ A fazenda era de criação de gado, cavalo... não era grande quantidade, mas a área de preservação era grande. Tinha gente que ia para lá cuidar do gado, fazer plantação de capim. Nessa época tinha o comércio leiteiro e os empregados vinham vender para a gente. O pessoal pobre era muito difícil ter gado, era pouca gente que tinha. Porque o pessoal antigamente, os mais pobres, quando tinha cavalo ou boi, criava mais amarrado, não deixava solto, então acabava não tendo alimentação suficiente”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

• LUGARES DA COMUNIDADE

A casa da Vila Espanhola pertencia ao avô de Sr. Pedro Gabriel, o Sr. Sabino José Camilo. Em frente à casa existente era uma lagoa. Que existia porque o Rio do Frade passava junto a Vila Espanhola e foi desviado. A rua dos Pinheiros na margem esquerda tinha um caminho, que hoje originou a rua dos Pinheiros era um manguezal que começava próximo a vila espanhola e ia até o rio.

Com o desvio do rio, formou-se essa lagoa próxima a vila espanhola que era alimentada pelo mar e quando a maré subia trazia água e peixes.

Onde existe hoje o hangar dos barcos era onde o Rio entrava para formar a lagoa em frente a vila espanhola. Onde o rio esgotava-se no mar chamava-se “beira-rio”.

Naquele tempo existiam dois rios: Cachoeira do Espelho. Por que esse nome? Porque da nossa baía se via uma água clara que corria pela laje e refletia a luz do sol como um espelho. Esse rio hoje corta o campo de golf, a nascente dele era do lado direito da pedra do Frade e vinha pegando os afluentes, quando chegava próximo ao Frade chamava-se cachoeira da Vargem Grande e quando chegava na vargem onde hoje é o Hotel do Frade o rio chamava-se Graxa.

Hoje quase não se vê mais essa água, em 1994, o sr. Pedro esteve fazendo uma filmagem e passou junto a este lajeado que nunca ninguém havia passado e constatou que a água já havia secado uns 30%, hoje ele calcula que esta água já deve ter secado uns 50% do volume de água.

O segundo rio nascia no lado esquerdo da pedra do Frade na mata da bica e vinha descendo e pegava os afluentes, quando chegava na Carangola chamava-se “Joaquinzinho”.

Naquela época não existia nomes de ruas, mas havia alguns lugares no Frade com os seguintes nomes:

Espinheiro: ficava próximo ao DPO, tinha muito espinho (coco de natal) esses espinhos caíam no rio e ninguém conseguia atravessar, aí o pessoal construiu uma ponte de patí (uma palmeira) para atravessar o rio, e por causa dos espinhos que se nomeou a rua dos pinheiros.

Carangola: parte de cima da Fazenda do Frade onde moravam os senhores Benedito Augusto, Antônio Moura e Lúcio, cujo pai era José Lúcio” (GABRIEL, Pedro. s/d: 13-4)



TIPO	DESCRIÇÃO
Cachoeiras	Cachoeira Carangola
	Cachoeira do Meio
	Cachoeira do Gaxé
Morro	Morro do Coco
Rio	Rio da Boneteira
Lagoa	Lagoa
Núcleos familiares	Mariano
	Lica
	Travassos
	Brás
	Cipriano
	Rocha
	Castilho
	Gabriel
	Julieta
	José Macedo
	Júlia
	Manoel Hipólito
	Vila Espanhola

Casas das antigas parteiras	Rita
	Dona Clarice
Locais históricos	Chafariz
	Beco do Juquinha
	Igreja São Sebastião
	Clube do e Campo de futebol do Frade
Área de roça	Porretinho
Educação	Escola Estadual Antônio Dias Lima
Comércio	Venda de Seu Manoel Castilho
Rancho	Rancho do Chavinho
Cais	Cais
Porto	Porto do Cipriano

ROÇA

“ Porque você não tinha dinheiro para comprar, então tinha que plantar para sobreviver.”

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

O Frade, até a década de 1970, tinha como principal meio de sobrevivência, em paralelo com a pescaria, a produção agrícola. Essa produção era dividida em duas partes: para a alimentação familiar e para a comercialização.

“ Tinha plantação de milho, o milho era mais para alimentar as galinhas, os porcos e comer também, porque a espiga cozida é muito gostosa. E também fazia o fubá, ralando a espiga de milho. Mas esse é o fubá da roça, não o industrial não”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

“ Tinha plantação de feijão também, porque na realidade, o pessoal daqui, naquela época, não tinha o dinheiro assim, então tinha que plantar o feijão, plantar o milho, plantar o arroz... Porque você não tinha dinheiro para comprar, então tinha que plantar para sobreviver. Meu tio Macedo, que morava no Sertãozinho, criou 18 filhos com a plantação da roça. Mas naquela época os filhos ajudavam na plantação, diferente de hoje. Na época você tinha que comer o que tinha dentro de casa”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

A comercialização estava voltada para a produção de banana, cana de açúcar e do manejo agroextrativista da madeira para lenha.

“ Lavoura eu tive com meu pai, ajudava sempre meu pai. Meu pai tinha um bananal. Tinha um barco que vinha pegar aqui. O bananal era um emprego do papai que, o que faltava da roça, tinha o dinheiro da banana para comprar o que não colhia da roça. Querosene, sal, essas coisas”.

Cinésio Travassos, 82 anos, Frade, 2022

“ Plantação de banana, o povo vivia da colheita de banana e a gente levava a banana para a cidade. Tinha cana de açúcar, era para fazer caldo de cana, quando tinha festa junina para fazer o quentão. Levavam para Angra também a cana. O que levava muito para Angra também era a lenha, eles vendiam. As pessoas cortavam a lenha, faziam aqueles pedaços, botavam na embarcação e levavam”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Os plantios de mandioca e aipim também eram fortes entre as famílias caiçaras do Frade. Dessa produção, uma parte era utilizada para o preparo de farinha de mandioca. Essa farinha, que enriquecia a alimentação e também a renda, era feita em casas de farinha, como as dos srs. José Esteves do Nascimento, Benedito Cipriano, Manoel Hipólito e Durval. Nessas casas, também produziam o beiju e outros alimentos provenientes das ramas.

“ Para casa, uma das coisas prioritárias aqui era a mandioca. Aqui tinha, mais ou menos, quatro casas de farinha. Uma era do meu avô José Esteves do Nascimento, ali no Sertãozinho, Benedito Cipriano também tinha, ele é avô dos garotos da Praia do Recife, Manoel Hipólito, e o Seu Durval. Todos eles eram aqui na parte de baixo do Frade”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022



Produção da roça mantida por Dona Glórinha

“ A plantação da mandioca possui duas qualidades: aipim e mandioca. O aipim que faz farinha, porque eles dizem que a mandioca é venenosa para fazer a farinha. E realmente, se você pegar a mandioca para colocar na prensa para fazer a farinha, existe um recipiente chamado tapiti, é onde você joga o que você moeu e tem uma prensa, que vai prensando tudo que você moeu e solta uma água... Agora, aquela água mata da mandioca. E faz o beiju para você comer. Se você tomar um copo de água da mandioca você morre, sabe por quê? Porque ele trava a parte sanguínea, ele não deixa você respirar. Já morreram vários porcos que o meu avô tinha, porque ficava asfixiado por conta do caldo da mandioca. Ele prende a respiração. Mas o beiju é feito com esse caldo da mandioca, só que não faz mal”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Também havia o consumo de frutas, cultivadas dentro do sistema agroextrativista. Essas árvores frutíferas estavam presentes em todo o território da comunidade, inclusive nos quintais. O sr. Élio nos conta que muitas dessas árvores hoje não são mais vistas pela região, como é o caso da cambucá, que no passado era muito consumida:

“ Aqui existia a fruta cambucá, a gente não plantava, mas tinha. Cambucá era uma fruta do tamanho de uma goiaba, bem amarelado, altamente gostoso, mas hoje está em extinção. Aqui tinha muita pelo Hotel do Frade, pelo Condomínio, em Praia Brava também tem”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

As caças eram realizadas pelas matas na região do Sertãozinho e também próximo à Pedra do Frade, hoje não faz parte do modo de vida tradicional da comunidade.

“ Paranazinho, atrás da pedra, caçava muito, ali pela Pedra do Frade também caçava. Naquela época a gente vivia da caça, não era pecado não! Era um meio de você se alimentar. Eu estou contando uma realidade daquela época. Hoje não, hoje não tem necessidade disso, de caçar, mas naquela época era alimentação. Porque se criava carne bovina, era muito difícil. Criava galinha, às vezes porco... Era difícil ter aqui no Frade a carne bovina naquela época. A carne dos animais é uma alimentação da cultura da roça. Naquela época era muita paca, tatu, cotia, macuco. Macuco é um frango e carne boa, é um frango do mato. A carne do macuco é uma carne mais roxeada e a carne do jacu é igual a carne de frango caipira, é o mesmo modelo. Inclusive, com a devastação dos palmitos, que é a alimentação deles, que eles comem aqueles carocinhos, você pode ver que pela Praia Brava e pela estrada, você vê muito jacu, porque acabou os palmitos, que é a alimentação deles e eles estão descendo para procurar essas árvores”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Uma prática bem comum, que marca a história das famílias caiçaras do Frade, é o sistema de trocas. Como no passado não havia circulação de dinheiro e as relações pessoais eram mais próximas do que atualmente, os vizinhos, sempre que possível, trocavam e compartilhavam outros produtos entre si.

“ Aqui é o seguinte, lugar pequeno, então quando alguém ia matar um porco todo mundo sabia e ficava falando. E cada um comprava um pedacinho para levar para casa... Quando se matava um porco, todo mundo sabia. E eles vendiam... Nessa época já tinha uma circulaçãozinha maior de dinheiro”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Atualmente a prática agrícola na comunidade, mantida pelas famílias caiçaras, está centrada em pequenos canteiros, localizados próximos às casas, em que cultivam hortaliças, legumes, ervas medicinais e árvores frutíferas para o consumo. As grandes áreas de roças que existiam antes, hoje não podem mais ser utilizadas devido ao intenso processo de especulação imobiliária ocorrido e a construções desordenadas de casas. Somado a isso, a legislação ambiental vigente não permite plantios nas encostas do Frade.



Pomar de Dona Rita





Aresmar Sodré com suas inúmeras variedades de plantas mantidas em seu quintal.

**PESCA
AGRICULTURA E
EXTRATIVISMO**

PESCA

“Antigamente o mar era mais agitado, só saía para pescar aquele que fosse profissional. Eu aprendi a navegar com o meu pai, que não se intimidava fácil. A gente arriscava muito a vida”.

Antônio Travassos em entrevista concedida a Pedro Gabriel, sem data

O território marinho, espaço que as famílias caiçaras sempre ocuparam e fizeram uso, é composto por ilhas, lajes, rochedos e praias. Ao compor todos os locais utilizados por eles ao longo dos anos, foram identificados 34 pontos de extrema importância para a pesca tradicional.

TIPO

Ilhas

DESCRIÇÃO

- Piraquara de Fora
- Pingo D'Água
- Piraquara de Dentro
- Quitumbo
- Cabral
- Tucum de Dentro
- Cunhambebe
- Catitas
- Itanhangá
- Paquetá
- Pinto
- Palmeiras
- Cunhambebe Mirim
- Jorge
- Pasto
- Maná
- Comprida
- Sandri
- Samambaia
- Comprida
- Tucum de Fora
- Pau a Pino
- Brandão
- Gipóia
- Redonda
- Josefa
- Sabacu
- Seu Ricardo

TIPO	DESCRIÇÃO
Praias	Praia do Frade
	Praia do Recife
	Bracuí
	Praia da Itinga
Mangue	Mangue
Rio	Rio Bracuí

A prática da pesca no Frade passou por uma série de mudanças: os locais utilizados eram centrados próximos à Praia do Frade, onde realizavam a pesca de linha, com canoas a remo e a vela. Com as proibições impostas pela criação da ESEC Tamoios e também devido à alta concentração de poluição, foram obrigados a buscar outros pontos para a manutenção desta atividade.

A falta de peixes também passou a ser um agravante para as famílias caiçaras. No passado, o pescado era utilizado para a subsistência e a quantidade limitada de acordo com o consumo de cada família:

“ Aqui nós pegávamos bicuda, pescado, espada, bagre. Tinha muito peixe, naquela época você saía ali e num instante você pegava. Só que a gente matava peixe pro almoço, matava as vezes mais um pouco, a gente colocava sal para o outro dia. Naquele tempo não tinha luz, não tinha geladeira, tinha que botar sal para comer no outro dia. Então não podia matar muito, então tinha peixe sempre. Hoje não, todo mundo quer matar, se puder matar tudo de uma vez”.

Cinésio Travassos, 82 anos, Frade, 2022



Seu Cinésio

TIPOS DE PESCADOS NO FRADE

Marisco

Vôngole

Macaquinho

Bicuda

Pescada

Espada

Bagre

Lula

Cavala

Corvina

Parati

Tainha

Sardinha

Siri

Camarão

Também havia pescadores que comercializavam o peixe em Angra dos Reis. Para isso, se deslocavam pelo mar em canoas a remo ou a vela. A viagem durava cerca de cinco horas, quando iam a remo, mas a vela era um pouco mais rápida, três horas. Em um depoimento dado a Pedro Gabriel, Antônio Travassos narra como essa travessia era realizada por eles:

“ Nós saíamos daqui, lá pelas duas horas da madrugada e chegávamos mais ou menos às 8 horas da manhã, trazendo uns 600 quilos de peixe. Então, eles eram levados para Angra por alguns dos pescadores, enquanto outros voltavam para o mar. Por volta das duas horas da tarde, quando, após a entrega do pescado, os pescadores chegavam em casa, já havia uma nova remessa para ser levada e era necessário fazê-la, senão os peixes estragavam”.

Antônio Travassos. Entrevista concedida a Pedro Gabriel, s/d

Além da pesca de linha, passaram a utilizar a rede feita pelos próprios pescadores. Essa rede, com material de algodão, era tingida e utilizavam boias de cortiças e pequenos sacos de areia preparados com tecidos e costurados por suas esposas. Para manutenção, era necessário colocá-la ao sol para secar por completo após cada utilização. Com essas redes, realizavam também a pesca puxada de praia e terno de rede em que duas canoas ou mais saem amarradas com a rede e vão formando o cerco para capturar os peixes. Esse terno de rede era mantido pelo sr. Zeca Silvestre. O cerco, outro método de pesca, também era mantido por ele, na Piraquara:

“ Antigamente a gente saía daqui do Frade, ia na Piraquara, porque lá tinha o cerco do seu Zeca Silvestre, a gente ia a pé e pegava aquelas bolsas de peixes, porque ele distribuía para todo mundo esses peixes. Como aqui chovia muito, não podia pescar, mas lá tinha o cerco. Então a gente sabia o dia que ia levantar o cerco e como eles não tinham para quem vender e era muito peixe, eles distribuía para todo mundo. Hoje, os poucos que pescam não dão mais peixe não”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

O sistema de partilha, assim como na agricultura, era mantido na pesca. Como nos conta dona Glórinha, a partilha de peixes era comum entre as famílias caiçaras, que distribuía entre parentes e vizinhos o excedente. Também trocavam o pescado em mercadorias, como acontecia com um mascate que vinha de Bananal (SP), que sempre levava peras para o Frade e, em troca, os pescadores retribuía com sardinha salgada:

“ O Francisco Davi, ele vinha de São Paulo, Bananal, ele pelo mato e trazia um burro carregando umas peras, mas eram umas peras duras, maiores. Ele trazia as peras para o Frade e levava sardinha seca. Ele trocava as peras pelas sardinhas secas”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

As mudanças de estações do ano pautavam a vida das famílias caiçaras. As atividades do dia a dia eram organizadas de acordo com cada época e evento que podiam receber denominações específicas, como o Sudoeste, a enchente da goiaba e o mês da fumaça. Nesses momentos, todos sabiam o que poderia ser realizado, como a pescaria e o estoque de alimentos:



Rancho de Seu Zeca Zanota



“ Antigamente sabia a época da chuva, do vento... ‘Essa semana vamos fazer a farinha, pescar...’. Porque quando dava uma semana de sudoeste, ninguém pescava, ninguém pegava lenha... Já tinha tudo que armazenar para uma semana, quinze dias de chuva, muita chuva. Tinha tudo certinho, tinha a enchente da Goiaba sempre em março. Era enchente da goiaba porque em março dá muita goiaba. Tinha aquele balaio de peixe para comer, lenha armazenada, farinha fazia antes e vinha a chuva, muita enchente. Agosto era mês da fumaça, porque chovia muito fino aqui, aquela neblina, quase uma fumaça. Em janeiro, toda tarde era chuva e trovoadas à tarde. Todo dia tinha isso”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”,
70 anos, Frade, 2022

“ Antigamente a gente sabia a época da cavala, época da tainha. A tainha era cerco, era um cerco de madeira que eles faziam para cercar, lá na Praia da Grataú. Quando a maré secava, a gente ia lá a pé para ver a tangujada. A tangujada era esse cerco de madeira. Chegava lá, a tainha estava naquele cerco, que a maré secava, era a coisa mais linda desse mundo. Eu não esqueço disso, mas isso meus filhos não viram, meus netos não vão ver mais... Époça de tainha é maio e junho. Cavala é mês frio também. Xerelete é mais em época quente”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”,
70 anos, Frade, 2022

A relação entre as famílias caiçaras também estava fortemente marcada com a natureza. A degradação do mar e do mangue são percebidas com a extinção de algumas práticas do modo de vida tradicional em razão das diversas agressões que a comunidade vem sofrendo ao longo dos anos. Alguns exemplos são a ida à Praia do Recife para pegar marisco durante a Semana Santa, a partilha do que se pescava entre os vizinhos e também a alimentação que sempre teve como base peixes e frutos do mar:

“ Essa mudança já vem o que? Uns vinte anos ou mais. O marisco era um, o nome dele não é marisco, a gente fala marisco, mas o nome dele é vôngole. Esse miudinho que a gente pesca. Naquele tempo a gente pegava mais era na Semana Santa, na Quaresma, porque a gente não podia comer carne. Aí toda quarta feira e sexta a gente comia marisco, fazia peixe. Pescava, saía com meu pai para pescar.”

Cinésio Travassos, 82 anos, Frade, 2022



Embarcação caiçara na Praia do Frade



Além das degradações sofridas no ecossistema, como a poluição das águas por conta da entrada massiva da especulação imobiliária e o aterramento dos manguezais, a chegada de novas técnicas de pesca também tem impactado o modo de vida tradicional.

“ Apareceu muita rede. O que existe de rede hoje não é brincadeira. Quando aparece a de cavala, a pegadeira de cavala, se aparece uma rede que mata cavala hoje, amanhã vai lá e tem cinco, seis, oito barcos. Quando soube que pegou, vai todo mundo que tem rede, todo mundo vai matar. Quer dizer, acaba tudo. Aí passa dois dias e pronto, você não encontra mais, acabou. Começou a entrar a rede, foi fracassando o peixe de linha”.

“ Agora, o que eu acho que está acabando mais com a pescaria de linha aqui é arrastão de camarão. O arrastão de camarão está entrando aqui na Baía da Ribeira, porque aqui é criação. Lugar baixo é lugar de cria, lugar de mangue. O arrastão começa arrastar e se pega um quilo de camarão, pega seis, oito quilos de peixe miúdos até, pescadinha, corvinazinha, vem tudo morto na rede. Se você ver um arrastão trabalhando durante o dia, você vê um monte de pássaro atrás que fica pegando os peixes que ficam em cima d'água. Os pássaros vêm comendo. Para tirar um quilo, às vezes, um quilo e meio de camarão. O arrastão é a pior coisa que existe na pescaria”.

Cinésio Travassos, 82 anos, Frade, 2022

Hoje, a presença de grandes navios, principalmente aqueles que ficam ancorados no horizonte da Praia do Frade à espera de acessarem o TEBIG, também são considerados ameaças para a manutenção da prática da pesca. Os efeitos são sentidos de diversas formas, como a fuga de espécies atraídas pelas luzes desses navios, impedimento de espécies de irem próximas à Praia do Frade, riscos de acidentes com as embarcações dos pescadores e, o que mais afeta a todos, poluição.

Atualmente no Frade poucos são os caiçaras que conseguem sobreviver somente da pesca. A comunidade enfrenta um dos maiores desafios para a manutenção de uma prática social: a transmissão do saber. Para que ocorra essa transmissão, é necessário ter, além dos meios para isso, a preservação do meio ambiente e o acesso a espaços que hoje são vetados.

Os mais velhos, aqueles que viveram o período em que as pescarias estavam presentes no cotidiano da comunidade, tentam passar toda sabedoria que possuem aos mais jovens, tarefa que se mostra muito difícil diante de tantos os impactos e discriminações sofridos ao longo dos anos.



Marquinho Tavares

DA MATA E DO MAR VÊM OS ALIMENTOS

“ Aqui ninguém passava fome, porque tinha roça, fruta tinha até estragar, tinha laranja, mamão, jaca...”

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

Como no passado era possível a manutenção de roças, todo o consumo alimentar estava centrado na produção agrícola. Essas roças, mantidas pelas famílias, em geral no Sertãozinho do Frade, eram o suficiente para abastecer os moradores e, quando havia excedentes, compartilhar com os vizinhos.

Dentre os produtos mais comuns no Frade, a farinha de mandioca e o feijão são mencionados com recorrência, principalmente com os diversos usos que deles eram possíveis, como no preparo de carmonia, definida pelos moradores como uma cocada de farinha de mandioca, o beiju e o cuzinho de forno:



“ Fazia a carmonia. É uma cocada de farinha... Farinha da terra com caldo de melado. Farinha aqui não se faz mais. O meu avô quando veio da Ilha, trouxe o forno. Ele plantava ali no Costão do meu pai e fazia farinha. Todos os filhos tiravam a mandioca, com seu saquinho de mandioca. A mulherada raspava, tinha uma roda e prensava, ralava... Acordava quatro horas da manhã para fazer farinha”.

Norma Sueli Travassos, 53 anos, Frade, 2022

“ Fazia o beiju, com o que sobrava nas gamelas, ficava aquele pozinho lá embaixo, pegava o polvilho e fazia os beijus. Fazia o beiju de folha que ficava mais umidozinho e fazia uma coisa que era muito feia que era o cuzinho de forno, que era uma rodinha tipo tapioca”.

Norma Sueli Travassos, 53 anos, Frade, 2022

Para os pescados, consumiam todo tipo de peixe da região, como o xerelete, a cavala e a sardinha. Alguns desses peixes eram consumidos após o processo de secar e salgar a carne, como é o caso da sardinha.

Um tanto de pratos, preparados até hoje, também eram incrementados com farinha de mandioca e banana, que sempre foi muito cultivada no Frade. Em especial, destacam o peixe com banana verde:



“ Peixe com banana verde, pirão de banana verde com peixe. Eu gosto com cavala ou xerelete. Pode fazer com qualquer peixe também. Faz o tempero normal, bota água fervendo para cozinhar o peixe e as bananas. Pode fazer em qualquer panela, mas antigamente usava panela de barro, mas hoje usa qualquer uma. Depois disso, tira os peixes e deixa um pouco de banana e faz o pirão e coloca na cambuquinha e com um arroz branco é muito gostoso. Essa comida hoje tem nome de Azul Marinho, mas com um valor bem caprichado para comer. Mas isso, antigamente, matava a nossa fome com o que a gente tinha em casa. Meu avô ia nas pedras e pegava o peixe, depois pegava a farinha que tinha feito e a banana na roça e era tudo que a gente tinha”.

Norma Sueli Travassos, 53 anos, Frade, 2022

“ Essa sardinha seca era a sardinha laje. Você a abre como um bacalhau, salgava ela e deixa uns dois dias na salmoura e depois pendurava na cerca do varal e deixava secando. Você comia assada, desfiada... Era assim que se comia. Qualquer peixe você pode secar, mas naquela época era o mais comum, mas você pode secar robalo, pescado, pode secar qualquer peixe”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022



Fogão a lenha mantido pela Dona Rita

ALGUNS PRATOS PREPARADOS PELAS FAMÍLIAS CAIÇARAS DO FRADE

Peixe com banana

Carne seca com feijão e toucinho

Caças em geral

Criações - porco, galinha, entre outros

Marisco, ostras, sapinhoanga, sururu, manequinho, unha de velho, ameixa, siri, caranguejo, entre outros

Pescados

Farinha de mandioca

Cultivos da roça

Frutas cultivadas no quintal

Carmonia

A PRÁTICA DO CUIDADO

“ Eu não sei se era a fé, porque não tinha médico. A pessoa ia com aquela fé que tinha, porque se não curasse lá, ia curar onde?”

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

Esse saber é passado de geração em geração e, mesmo com as transformações ocorridas, não se perdeu com o tempo sendo muito valorizada tanto pelos mais velhos como pelos mais jovens. Maria da Glória dos Santos e Élio Gabriel lembram alguns chás utilizados pelos antepassados, mas que ainda continuam presentes no dia a dia:

“ Eu lembro de alguns chás que ela fazia, como gervão, camará roxo, que fazia para o pulmão. Gervão é para pneumonia. Esse fazia com ovo de pata e biotônico. Eles faziam muita garrafada. Ela mandava eu bater ovo, era muito ovo que eu batia para ela. Era só a gema, o ovo de pata é dura a gema, então misturava tudo e curava. Alfavaca grande para tosse, boldo uma beleza para estômago, dor de cabeça. Anis estrelado, quando a

barriga está inchada, empanzinada, ao invés de tomar sal de fruta, toma o anis estrelado. Erva doce também para gases... Tem muita coisa. Diarréia é bom broto de goiabeira. Saião para tosse. Uma erva miudinha que serve para tirar a dor, igual uma hortelã, aí você tira a raiz, coloca no álcool e esfrega onde tem dor, mas eu esqueci o nome dessa”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

ERVA

USOS

Boldo

Fígado - ideal utilizar as folhas amassadas e adicionar água gelada

Dor de cabeça

Ressaca

Abacaxi

Acidez no estômago

Camará roxo

Pulmão

Gervão

Pneumonia

Alfavaca

Tosse

Saião

Tosse

Anis estrelado

Indigestão

Erva doce

Gases

Broto da goiabeira

Diarréia

Arnica

Dor muscular

“ **Boldo é bom para fígado, excelente remédio. O mais correto espremer na água e tomar. Uma coisa que aconteceu comigo, a minha avó Maria tinha plantação de abacaxi e eu peguei um abacaxi para comer. Ele me intoxicou e sabe o que a minha avó fez? Ferveu a casca do abacaxi, fez um chá, me deu e fiquei bom em 10 minutos. Esse tipo de fruta não pode comer em jejum, porque tem muito ácido”.**

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

No passado, as mulheres responsáveis pelas práticas de cura eram conhecidas como rezadeiras e benzedadeiras. Dona Julia Maria da Conceição e Dona Rita eram as responsáveis pelo cuidado dos enfermos e também as detentoras do saber tradicional.

“ **Minha avó Julia era rezadeira, colocava as pessoas num quartinho e benzia as pessoas. Ela benzia com um galinho e dizem que esse galinho ia murchando quando passava nas pessoas”.**

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

“ **A Dona Júlia fazia oração, era uma oração católica. Ela era tipo uma benzedeira. Passava uma mensagem e se você tivesse fé ficava curado”.**

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Num tempo que não era possível recorrer aos hospitais para tratar algum tipo de doença, devido à distância que deveria ser percorrida pelo mar de canoa a remo até Angra dos Reis, já que não havia estradas, os médicos da roça sempre eram acionados. Desde uma tosse mal curada, também chamada de tosse comprida, até ferimentos em decorrência de algum tipo de acidente, as famílias sempre recorriam às benzedadeiras e rezadeiras da comunidade. As principais doenças existentes, no passado, e ainda lembradas pelos mais velhos, são doenças pulmonares, caxumba, varíola, sarampo e catapora.

A prática segue tão viva na memória da comunidade que algumas pessoas conseguem descrever como essas mulheres realizavam o processo de cura e os materiais utilizados, como latões de alumínio e tesouras:

“ **A Dona Sebastiana era com vassoura e arruda. Ela passava nas pessoas e ia falando umas palavras. Rezava quando quebrava o pé também. O meu tio torceu o pé e ela tinha uma coisa que colocava uma lata de cabeça para baixo e colocava a tesoura aberta e o pé em cima da lata. Aí ela ia falando umas palavras para a água ir entrando na lata. Passava óleo de alguma coisa no pé, passava folha de banana murcha também, tipo uma faixa. Ficava três dias de repouso sem fazer nada e depois voltava nela e ela tirava aquela coisa, fazia a oração e a pessoa não sentia mais nada. Tinha que ter muita fé”.**

Norma Sueli Travassos, 53 anos, Frade, 2022



Dona Herotildes Lozada

“ **As doenças que tinham aqui era catapora, coqueluche, sarampo tinha muito, eu mesmo quase morri de sarampo. Um pegou, todo mundo pegava. Caxumba tinha muito. O meu irmão mais velho pegou varíola, aquela grande assim, que estourava e escorria. Mas graças a Deus, só ele pegou porque minha mãe isolou ele e ninguém pegou”.**

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

Dona Julia Maria da Conceição, além da utilização de ervas e rezas, também utilizava homeopatia para o preparo dos chás e garrafadas que oferecia a quem necessitava. Esses “compostos” de homeopatia vinham de outra localidade, em frascos pequenos e, com ajuda de sua neta, preparava as misturas:

“ **Eu tinha uns 13 para 14 anos, eu lia os remédios para ela, porque ela não sabia ler. Esses remédios vinham de algum lugar para ela, uma caixa com uns vidrinhos. Aí ela sabia de cabeça para que servia cada remédio. Ela fazia muito chá que curava pneumonia. Ela sabia qual o remédio bom para cada coisa. Ela mandava eu pingar, numa garrafa de guaraná, dez gotas ali desse remédio. Era tipo homeopatia. A pessoa levava aquilo e curava. Eu não sei se era a fé. Porque não tinha médico, a pessoa ia com aquela fé que tinha, porque se não curasse lá, ia curar onde? Tinha um curador também, o seu Almeida, lá no Bracuí. Eu nunca fui, porque minha avó cuidava de tudo”.**

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

As consultas também eram realizadas em outras comunidades próximas, como no Bracuí. Lá, ficava a cargo de Antônio Almeida realizar as rezas e os preparos dos remédios e chás:

“ **Existia o médico da roça, eram aquelas pessoas que cultivavam para fazer o chá.**

Existia um camarada aqui e ele dava consulta. Ele morava em Bracuí, ele fazia os remédios caseiros e dava consultas. Antônio Almeida, morava no Bracuí. A mãe ia, passava para ele o que tinha, ele rezava também e passava os remédios também. Ele morava onde hoje é o Condomínio do Bracuí”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Não só de doenças as mulheres do Frade eram especialistas. Elas também realizavam partos e os primeiros cuidados com as mães e os recém-nascidos. Dona Julia Maria da Conceição e Dona Rita são as parteiras que todos recordam com muito carinho:

“ Julia Maria da Conceição, a minha avó, era rezadeira, dava remédio e fazia parto, ela era o posto de saúde daqui. Vinha gente da Piraquara até o Ariró tudo consultar com ela. A outra parteira que tinha aqui era dona Rita, tia da Ivone. Quando minha avó não podia ir, ia a tia da Ivone, a Dona Rita”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

Hoje, os moradores do Frade contam com quatro unidades de saúde (saúde da família) mantidas pela prefeitura. Para emergências ou cirurgias, recorrem a outras localidades, como no centro de Angra dos Reis ou na Praia Brava.



As doenças que eram curadas pelas rezadeiras e benzedadeiras não ficaram no passado. Nos últimos anos, Norma Travassos, agente de saúde, nota aumento nos casos de tuberculose, catapora e caxumba. Além dessas “mais conhecidas”, também tem tido aumento nos casos de câncer, principalmente entre os homens a partir dos 30 anos. Os principais tipos relatados são de garganta e pele.

“ Aqui no Frade tem muito câncer. Antigamente era muito câncer de útero e de mama, mas hoje tem câncer de tudo, principalmente câncer de pele. Mais homens com câncer de pele e de garganta. Aumentaram muito os casos. Várias pessoas estão voltando com catapora e caxumba. Antigamente tinha muita tosse comprida, que a gente fazia muita simpatia para parar. Tuberculose tem muita gente”.

Norma Sueli Travassos, 53 anos, Frade, 2022

FESTEJOS E CELEBRAÇÕES

“ Meu Deus do céu, esse mundo é um buraco Mataram o jaburu que brincava com o Tataco” [Ponto de Jongô]

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

As festas, as celebrações e as danças no Frade estão até hoje voltadas para a vida religiosa. O santo padroeiro da comunidade é São Sebastião, que dá nome à paróquia localizada próxima à Praia do Frade.

No passado, não havia igreja no local, então os moradores mantinham oratórios em suas casas, onde guardavam os santos e rezavam. A partir de uma decisão do Seu Juca Mariano, morador do Frade, a comunidade iniciou a construção de uma igreja, feita de estuque e piso de barro batido, onde hoje encontra-se o atual prédio da paróquia. Manoel Mariano, também do Frade, doou a imagem de São Sebastião e este passou a ser o padroeiro da comunidade.

Anos depois, uma nova igreja foi construída utilizando tijolos oriundos de uma olaria que existia na Fazenda do Frade e com madeiras retiradas da mata por Chiquinho Gabriel, Cipriano, José de Souza e Sabino Camilo.

No dia 20 de janeiro é comemorado o dia do padroeiro, com festa organizada pelos fiéis. Também comemoram os dias de Nossa Senhora do Bom Parto, São Pedro e Santo Antônio:

Parte do grupo que participou das atividades do Projeto Povos na comunidade. Da esquerda para a direita: Almir, Seu Cinésio, Norma, Ivony, Rita, Sueli, Dona Glórinha, Maria da Graça e Ângela.





Igreja de São Sebastião

“ São Sebastião, Nossa Senhora do Bom Parto e São Pedro. Maio Nossa Senhora do Bom Parto. São Sebastião é o padroeiro e São Pedro é junho e também faz a festa de Santo Antônio”.

Isabel Travassos, 75 anos, Frade, 2022

• FOLIA DE REIS

No Frade, também existia a Folia de Reis com duas bandeiras: a Surda e a Cantada. A folia era organizada pelos próprios moradores e tinha como objetivo arrecadar dinheiro para a Paróquia e também para os bailes que eram organizados em janeiro. Quem liderava a Folia era o sr. Benedito Cipriano.

Como distinção entre as duas bandeiras, Seu Cinésio Travassos relata que a bandeira Surda era composta por dois homens, em que um carregava a bandeira e o outro a caixa em que tocava. Já a bandeira Cantada era diferente, pois além da caixa, também tinha viola e pandeiro. Todas as famílias que recebiam as bandeiras retribuía com algum tipo de oferta, seja ela em dinheiro ou então em animais vivos que seriam preparados durante o baile.

• CARNAVAL

“ O carnaval se fazia no quintal de cada um, fazia as barracas. Os blocos de carnaval tinham aqui, mas eles são mais recentes. Tinha o Bloco da d. Etelvina, lá de Seu Mariano, esposa dele. E tinha do sr. Benedito Pena e tinha um outro chamado José Brás. Eles faziam barracas nos quintais e o carnaval sempre foi uma festa folclórica, com pouco dinheiro, tinha marchinhas... O pessoal ia realmente brincar, com as suas alegrias. Tinha concorrência entre os blocos, aquele mais bonito o pessoal falava. Depois dos blocos nas casas, tinha o encontro na parte de baixo do Frade”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

• JONGO

Uma tradição que não conseguiu resistir às transformações do tempo é o Jongo. No passado, eram formadas as rodas de Jongo na praça da igreja, que na época chamavam de Largo da Capelinha. Pedro Gabriel, em um de seus livros, descreve como ocorria o Jongo no frade:

A noite havia a dança do jongo, dança de origem africana. O povo formava roda em volta de uma fogueira e dançavam ao som de dois tambores: o grande e o camandigue.

As cantigas eram o “ponto do jongo”, tirando (cantando) pelo jongueiro e o resto do povo respondia cantando e batendo palmas ritmadas, a dança era individual, damas tiravam os rapazes e vice-versa. (GABRIEL, Pedro, s/d: 17)



O seu filho Élio Gabriel também recorda desse período, inclusive as pessoas que organizavam as rodas: a família de Dona Cocóia e de Seu João Reis. Estes eram considerados os mestres jongueiros, responsáveis por guardar os tambores e manter a tradição viva. Todos no Frade participavam do Jongo, batendo tambor, cantando ou simplesmente assistindo.

“ A gente tinha a festa do jongo. Aqui tinha a d. Cocóia, era o apelido dela, aqui tinha também o João Reis e tinha também o Guape. Esse era o pessoal do Jongo. O Jongo é uma dança folclórica e é cantada em versos. O meu tio, José Pedro Gabriel, ele matou um pássaro aqui na frente e esse pássaro é um pássaro perdido que veio do Nordeste.

Esse pássaro veio parar aqui no Frade e o meu tio fez uma panela bem grande com a carne. Esse pessoal da d. Cocóia tinha um filho chamado Tataco. Esse Guape parou o tambor para cantar o verso dele: “Meu Deus do céu, esse mundo é um buraco, mataram o jaburu que brincava com o Tataco”. Deu correria porque o pessoal ficou puto com ele. Fazia o Jongo na igreja católica, era tudo ali. O Jongo acabou porque as pessoas de idade, que faziam, foram morrendo. E as pessoas de hoje não tem mais essa cultura”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

• CASAMENTOS, BATIZADOS, VELÓRIOS E ENTERROS

Os casamentos e os batizados também são considerados no Frade como grandes celebrações e festejos. Antes da chegada da BR-101, na década de 1970, os casais eram formados entre os próprios moradores da comunidade. Então era comum filhos de vizinhos, e até mesmo parentes, casarem entre si. Porém, havia casos de namorados em que um era oriundo de outra localidade. Como ocorreu com Dona Isabel e Seu Cinésio Travassos. Ele, natural do Frade, conheceu a esposa no centro de Angra dos Reis, que nasceu na Ilha Grande, na Praia de Maguariqueçaba.

Tanto os casamentos quanto os batizados ainda hoje são celebrados na Paróquia de São Sebastião. Hoje, para os batizados, as famílias organizam almoços em suas casas enquanto os casamentos são festejados em clubes particulares. Mudança dos tempos já que antes, as festas eram todas realizadas nas casas dos familiares, sempre com muita fartura, pois eram ocasiões em que matavam algum animal de criação, como porco, e serviam aos convidados.

“ Os casamentos eram fartos, com muita comida. O padre vinha de Angra fazer o casamento”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022

Os velórios ainda hoje são realizados nas casas dos familiares das pessoas falecidas.

“ Aqui também não tinha cemitério, então as pessoas que morriam aqui, iam para o Cemitério da Ribeira, depois da Enseada e levavam as pessoas que morriam na canoa a remo. Hoje tem o cemitério no Bracuí e também na Serra D’Água”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

“ Enterro era no Bracuí, ia de canoa, rio acima. Quem já é morador daqui vai para Bracuí. O enterro era muito divertido, café a noite inteira, era cada piada, história a noite inteira. Já tinha certinho o contador de história, com história de caçada, de pescaria, tamanho de peixe. Era muito divertido”.

Maria da Glória dos Santos “Glórinha”, 70 anos, Frade, 2022



Dona Isabel, Seu Cinésio e a filha do Casal, Norma



ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

A comunidade conta com quatro associações de moradores e pescadores, entre elas a Associação dos Barqueiros do Frade. A construção desta associação ocorreu, como relata Élio Gabriel, da seguinte forma:

“ Ali tinha um terreno baldio, que pertencia a família... Era um terreno particular, nessa época o prefeito era o Castilho. O Anísio entrou em contato com o Castilho e disse que não tinha onde colocar os barcos, fazer algumas arrumações... Porque a praia do Frade era uma praia muito frequentada pelo pessoal de Barra Mansa e Volta Redonda. Final de semana isso aqui era muito lotado e não tinha como puxar o barco na praia. O prefeito desapropriou e com isso construíram a associação”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

A manutenção do território tradicional e os recursos naturais são as principais lutas enfrentadas pelos caiçaras da comunidade.

• MUDANÇAS NO TERRITÓRIO

RODOVIA RIO-SANTOS

“ A questão da estrada é uma questão de urbanizar o bairro, desde o momento que fizeram a Rio-Santos, o bairro começou a crescer. As pessoas que vieram trabalhar aqui, algumas fizeram suas casas e ficaram por aqui. A estrada de chão até Angra dos Reis que tinha que passar pela Serra D'Água, nós levávamos umas 2 horas. Tinha ônibus só duas vezes por dia... Passava pela Serra D'Água, depois Ariró e depois chegava em Angra dos Reis. Com a vinda da Rio-Santos as pessoas foram descobrindo aqui o bairro e nós tínhamos aqui uma praia maravilhosa, que era um espetáculo, que você via os peixinhos ali, água clara, sem esgoto. A vinda da população foi destruindo também isso tudo”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

Canal do mangue



USINA NUCLEAR

O mesmo pode ser sentido pela instalação da Usina Nuclear (Eletrobras Eletronuclear), também construída nos anos 1970 próximo à comunidade. O Frade fica distante da Praia de Itaorna, local que foi desapropriado para a construção das usinas, cerca de 13 km. Além do estabelecimento de novas famílias, que chegaram à região para o trabalho nas obras, os caiçaras também passaram a ter que conviver com o sentimento de medo devido a possíveis acidentes que poderiam e podem ocorrer nas atividades das usinas:

“Hoje se fez a Angra I e a Angra II. Agora estão em continuidade na Angra III, ficou 17 anos parada. Ela trouxe bastante emprego, mas o pessoal ficava com medo. Uma vez, tem os alarmes aqui, eles fazem os testes e eles fizeram uma coisa errada... Angra I já estava quase pronta e a sirene tocou às 22 horas da noite. Foi uma confusão aqui no Frade, o pessoal queria sair correndo, foi um desespero isso aqui... As pessoas já tinham medo da usina e aconteceu aquilo, então foi pior”.

Élio Gabriel, 66 anos, Frade, 2022

SAÍDA PARA OUTRAS ATIVIDADES

Tanto a Usina como a construção da BR-101 foram atrativos para os moradores do Frade, em especial aos homens mais jovens, que estavam em busca de oportunidades de emprego. Mesmo antes dessas construções, alguns já se aventuravam em mudanças para a região metropolitana do Rio de Janeiro para tentarem a sorte em outras atividades.

O Estaleiro da Verolme, hoje Brasfels, também foi um dos principais empregadores que, diferente dos demais empreendimentos, era considerado como um trabalho “mais seguro” por oferecer maior estabilidade. A indústria naval foi a melhor oportunidade para muitos homens da comunidade serem fichados, ou seja, conseguirem carteira de trabalho assinada.

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

De todos os impactos citados pelos caiçaras do Frade, certamente a especulação imobiliária foi e continua sendo a mais agressiva. Com a chegada da BR-101, a comunidade passou a receber investimentos para atração de turistas e veranistas com poder aquisitivo mais elevado. Foram construídos, inicialmente, um hotel e um condomínio na então Fazenda do Frade. Com o passar das décadas, novos condomínios foram projetados e o hotel, que antes pertencia a um único dono, passou a ser de propriedade de um grupo hoteleiro.

Os impactos ocorridos prejudicaram o meio ambiente, com a destruição de mangues, rios e uma ilha - a Ilha de Seu Ricardo. Essas mudanças afetaram diretamente o modo de vida das famílias caiçaras que, muito por conta dos impedimentos à pesca devido às mudanças, necessitaram partir para outras atividades, principalmente às relacionadas ao setor turístico.

“Aqui tinha o hotel para trabalhar, o Cinésio trabalhou nesse hotel, mas antes ele trabalhou na construção da estrada e depois foi para o hotel. Ele era pintor no hotel. Depois, com a chegada das lanchas, ele começou a aprender, fazer curso, tirar carteira (carta) com a Marinha e foi trabalhar com a família que trabalha até hoje, mais de 40 anos trabalhando no mesmo lugar”.

Isabel Travassos, 75 anos, Frade, 2022



CONFLITOS	DESCRIÇÃO
Território (especulação imobiliária e grilagem de terra)	Ocupação do território tradicional com condomínios e hotéis de alto padrão
Território e recursos naturais	Turismo de massa: trabalho precarizado, esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental
	Aterramento de manguezais e parte da Praia do Frade
	Poluição na Praia do Frade
	Falta de saneamento básico
	Criminalização da pesca tradicional
	Pesca industrial
	Presença de grandes navios
Infraestrutura	Segurança pública
	Falta de saneamento básico

MAPAS FALADOS



COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA DO FRADE

Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Morro
-  Cachoeira
-  Lagoa antiga
-  Chafariz
-  Casa de caiçara
-  Casa de caiçara antiga
-  Núcleo familiar caiçara
-  Núcleo familiar caiçara antigo
-  Pesca artesanal
-  Cerco de pesca
-  Cerco de pesca antigo
-  Rancho de pesca
-  Praia
-  Campo de futebol
-  Festas populares antigas
-  Baixio
-  Baixio antigo
-  Mangue antigo
-  Roça antiga

Turismo e comércio local

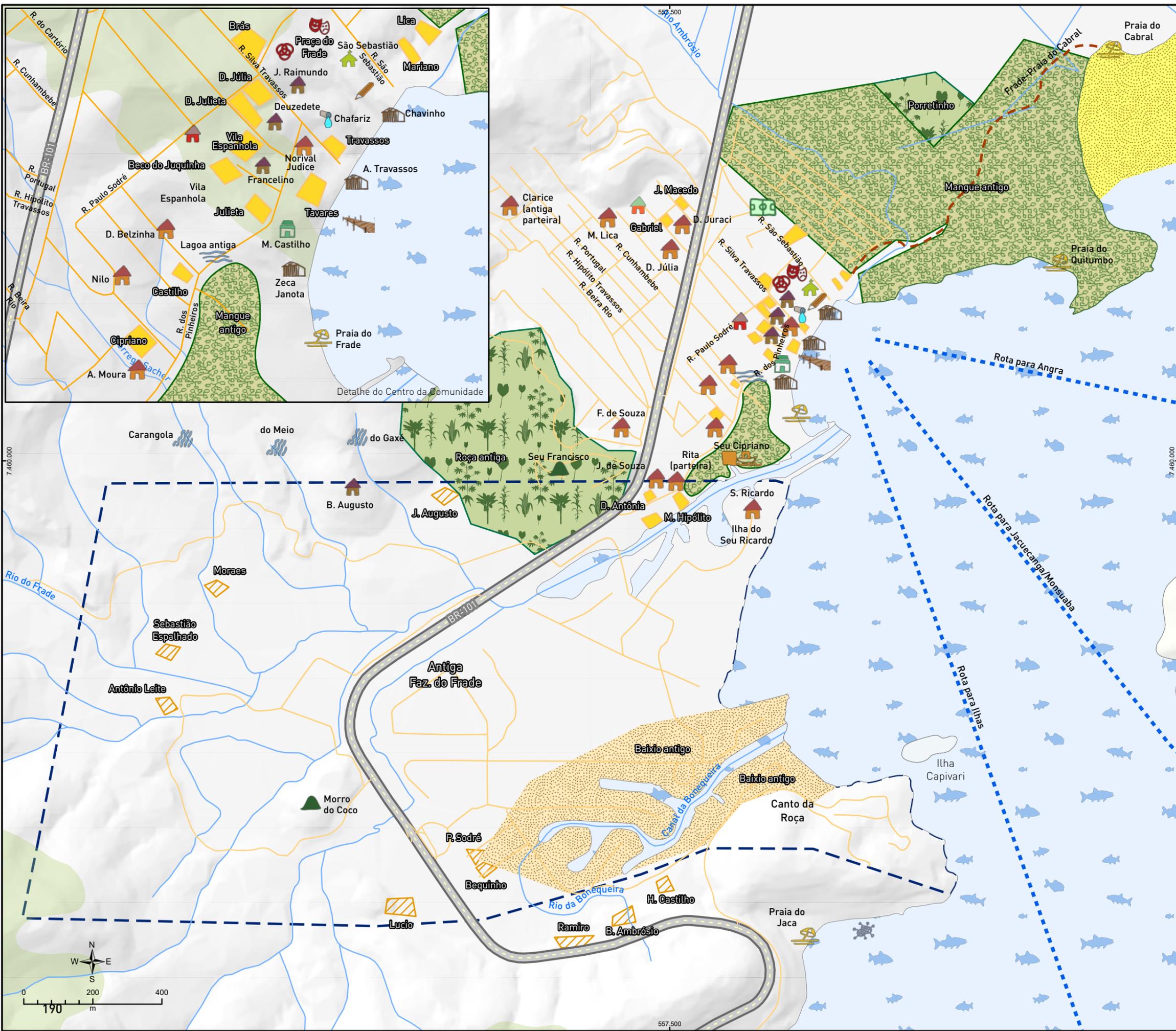
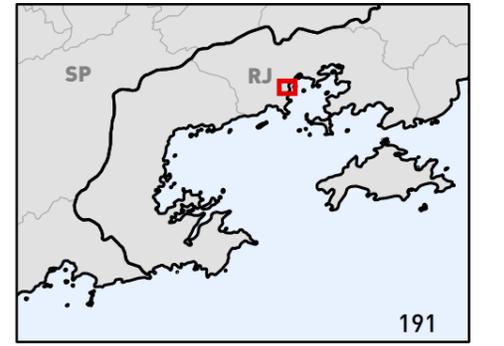
-  Comércio de caiçara

Infraestrutura e serviços públicos

-  Escola
-  Igreja Católica
-  Porto
-  Cais
-  Cartório
-  Cartório antigo
-  Praça

Outros elementos

-  Antiga Fazenda do Frade
-  Rotas marítimas
-  Rodovia
-  Outras Estradas; Ruas
-  Rio



VILA, HISTÓRICA DE MAMBUCABA

“ A Vila Histórica é mais antiga que Angra dos Reis. Aqui era o comércio que vinha por mar e terra... O ponto principal era café, cana de açúcar”

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Bumbu do Jongo Bindito Cruz

TEMPOS E ESPAÇOS

O Senhor Sebastião Nascimento, mais conhecido na comunidade como Seu Condongo, nasceu em 1944, na Vila Histórica de Mambucaba. Filho de Dona Georgina Bento da Conceição e Manoel Benedito da Conceição, tem sete irmãos: Tuca, Toca, Pimba, Toico, Jota e Pedro.

Dos tempos de infância, recorda da maneira como ele e os irmãos foram criados, sempre com muito respeito com os mais velhos:

“ Na época que eu fui criado, uma conversa que alguém conversasse, eu não ia na conversa. Hoje em dia os filhos querem ir, querem participar. A educação mudou muito, eu penso assim, por falta de um acreditar no outro, a educação mudou muito no poder, às vezes a pessoa conversa com um passarinho, daí a pouco com urubu. Olha o tamanho do urubu!”

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

O mesmo respeito que seus pais lhe passaram, também foi reforçado no período escolar, na Escola Inácio During, no centro da comunidade. Estudou até a 4ª série com os professores Élide e Raul. Sempre que podia, ajudava os professores em alguma tarefa, principalmente às relacionadas com o mar, pois desde muito cedo acompanhava seu pai nas pescarias.

O mar é uma das suas grandes paixões. Ainda jovem passou a pescar com o sr. Valter, morador da comunidade da Praia Vermelha. Da amizade de muitas décadas, guarda com carinho as experiências que compartilharam: as pescarias em alto mar, o aprendizado e os momentos de descontração no Centro de Angra dos Reis.



Seu Condongo com o bumbo do Jongo Bindito Cruz

Na Vila Histórica de Mambucaba, os festejos ficavam por conta do grupo de amigos do qual Seu Condongo fazia parte. Criaram um clube chamado “Doze Por Oito”, em que organizavam bailes, festas e carnavais. O local ficava localizado próximo à Rua da Mina e todo final de semana sempre estava lotado:

“ Eu fiz um clubinho, o Doze por Oito. Esse clube era o seguinte: eu, Orlando, Getúlio, Anselmo e o Alicino, a gente começou a tirar cavaco de uma madeira chamada canela, aí nós decidimos fazer um clube, um bar, “vamos fazer um barracão aqui?”, “vamos!”, e fizemos um barracão. Do nada fizemos um barracão e fomos. Aí fizemos aquilo lá, fizemos uma coisa bonita, tudo cercado, tudo bonitinho. Naquela época não existia piso, mas ficava tudo bonitinho, a gente olhava assim e o pau quebrava, carnaval, final de semana, aquela mulherada que tem lá pra baixo, quando demorava um pouquinho ouvia “Condongo, vai ter baile não?”

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Uma outra paixão que carrega por toda sua vida é o Jongo. Seu pai era o tocador de tambor e quem organizava as rodas era Bindito Cruz, o principal mestre jogueiro da comunidade. Mas Seu Condongo adverte que, naquela época, não tinha essa distinção de Mestre do Jongo, porque todo mundo era Mestre, todo mundo carregava uma sabedoria e fazia o Jongo com amor.

“ O Jongo é uma música que só não vai quem não quer, porque ele não tem dançarino, o Jongo tem um jongo que movimenta e qualquer jeito está dançando. Aí, o Jongo veio do Bindito Cruz, trazido do interior lá do meio do mato onde tem uma corda bem comprida que tem um material chamado Imbé”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Esse mesmo respeito e amor são mantidos até hoje por Seu Condongo. Alguns anos atrás recebeu uma justa homenagem em Barra do Piraí pela sua contribuição na defesa e manutenção do Jongo. No local da cerimônia, diante dos demais convidados, fez o discurso que recorda até hoje:

“ Me chamaram, eu peguei o troféu, levantei ele numa posição que as pessoas viam, falei “gente, eu estou levantando esse troféu aqui, mas eu não sou mestre não, mestre aqui que eu conheço são vocês. Aí eles levantaram e bateram palma. Foi assim mesmo, já pensou se eu sou um garotinho mais novo que vai lá bater ponto para os outros? Estava carregado até hoje”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Com esses mesmos preceitos, Seu Condongo mantém sua família. Casado há 58 anos com Dona Marli do Nascimento, de 73 anos, têm onze filhos: Leci, Malaquias, Valteci, Paulina, Selma, Joana, Marisa, Eliane, Eni, Gisele e Valdemir. O casal já tem dez netos e duas bisnetas.

Toda a família mora no Núcleo de Seu Condongo, localizado na Rua das Flores. Este terreno dona Marli herdou de seus pais, Júlia e Severo. Dona Júlia é nascida na comunidade e Seu Severo é da Praia de Itaorna, onde foi construída a Usina Nuclear.

Os pais de Dona Marli sempre mantiveram roças nas encostas da Vila Histórica de Mambucaba contando com a ajuda de todos os seis filhos. Cuidar sempre foi o verbo de sua família, pois sua mãe era uma das parteiras da região, inclusive tendo feito os partos dos próprios netos. Já o seu pai era rezador e profundo conhecedor de ervas e chás medicinais.

A história de Seu Condongo e de sua família se confundem com a história da comunidade. Sempre quando um novo visitante chega para conhecer melhor o passado da Vila Histórica de Mambucaba, os moradores indicam para conversar com ele, pois de tudo ele conhece. E é pelo olhar de Seu Condongo que tentamos nas próximas páginas contar a história da comunidade.

LOCALIZAÇÃO

A Vila Histórica de Mambucaba está localizada no Distrito de Mambucaba, município de Angra dos Reis. Próximo à comunidade está a Praia Vermelha, com a qual compartilham histórias do passado e do presente. No seu entorno, estão o Rio Mambucaba, a Praia da Goiaba e os morros conhecidos como Morro da Chácara e Morro da Serena. O território marinho, como principal referência, tem-se a Ilha do Algodão e a Ilha do Sandri. Sua praia, a Praia da Vila Histórica de Mambucaba, tem cerca de 1 Km de extensão e é um dos grandes atrativos turísticos da comunidade.

O seu território tradicional está sobreposto à área de proteção do Parque Nacional da Serra da Bocaina e à unidade de conservação federal Estação Ecológica de Tamoios (ESEC Tamoios).

OCUPAÇÃO CAIÇARA E SUA HISTÓRIA

A comunidade Vila Histórica de Mambucaba passou por forte influência dos períodos econômicos do país. No passado, era ponto de comercialização de escravizados. Dessa época, os moradores lembram de algumas histórias, como a contada pelo Seu Condongo:

“ O pessoal contava dos escravos que quando eles programavam que o chefão ia matar um dos escravos, ele dava festa, ele fazia aquela festa para ninguém ver eles gritando, fazia aquela zoada danada e pá daqui, pá dali, depois buscava lá e matava, ninguém sabia que tinha morrido”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Dona Marli

Os casarões, alguns ainda de pé e hoje utilizados para o comércio ou moradia de famílias, eram locais onde funcionavam o consulado francês e os comércios que atraíam pessoas de toda a região. Parte desse passado já foi modificado, como o local onde foi construída a primeira igreja católica e o cemitério da comunidade, hoje com outras edificações.

Mais recentemente, por volta dos 1920, os moradores passaram a ter como principais fontes de subsistência a agricultura e a pesca. Essas duas atividades marcam a ocupação territorial sendo as encostas destinadas para lavouras de banana, café e criações de animais enquanto a praia era utilizada pelas famílias caiçaras para a construção dos ranchos onde guardavam todo tipo de material para as pescarias.

A junção dessas duas atividades está presente no modo de vida de seus moradores, do qual também fazem parte, até os dias de hoje, o saber tradicional para o tratamento de enfermidades e as receitas à base de mandioca, como o beiju e a farinha preparados nas casas de farinha:



O chá que eu faço vai alho, limão, folha de laranja, folha de pitanga e guaco. Aí eu faço o chá. Também coloco gengibre. Aí depois eu faço um chá, ferver tudinho, ferve o saião, espreme um saião bem na mão, bem quebrado, boto dentro, passo na peneirinha, aí eu boto açúcar e mel, boto pra ferver de novo, tiro e aí tomo. Esse é bom para gripe. Aí em dois, três dias, você está bom. Boto banha de galinha também. Coloco açúcar e mel, mais mel do que açúcar. Coloco bastante mel. Toma e acabou a gripe”.

Marli do Nascimento, 73 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Tem a carmonia com gengibre, farinha e tem mais algumas coisas. Não é doce nem salgado... Eu uso muito para garganta, que é só comer um pedacinho que dá uma aliviada”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

A prática do cuidado também era feita por rezadores e parteiras, como a mãe de Dona Marli, a Dona Júlia, que aprendeu o “ofício” com a sua avó e realizou inúmeros partos, inclusive de seus netos.

“ Ela aprendeu com a avó dela que era índia, aí começava a fazer esse parto e ela começou mocinha e aprendeu. Meus filhos eu tive quase todos com ela. Só quatro no hospital, o resto foi tudo com ela”.

Marli do Nascimento, 73 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Antigamente teve uma dona que passou mal e a gente veio trazer em Angra a remo, quando a mulher falava que ia morrer, parecia que aquela embarcação nossa espichava assim pra frente, de vez em quando a gente olhava para trás e ela largada lá, quase morrendo, e pá, pá, pá, passamos três horas aqui da praia, quando deu sete horas chegamos na praia do hospital, deu sete horas da manhã... No tempo que Mambucaba era só Mambucaba, nunca morreu ninguém por falta de socorro”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Ruínas do antigo sobrado da Vila Histórica Mambucaba





As famílias caiçaras da Vila Histórica de Mambucaba sempre foram predominantemente católicas e isso permeia toda a organização comunitária, que tem suas atividades voltadas para a igreja, como os festejos, batizados, casamentos e enterros.

Também têm as próprias histórias de assombrações, como a do Saci, que já assustou muitos moradores e também as vozes que alguns ouviam em noites claras.

“ O saci existiu mesmo, meu irmão encontrou com ele. O meu irmão, Malaquias, se atracou com ele. Saiu meia noite para pescar, aí minha irmã falou “não vai não que é muito cedo” e não sei quem é que tinha morrido e tinha enterrado naquele dia. Eu tenho medo até hoje. Aí ele foi, saiu para pescar, quando chegou lá embaixo, em frente aquele vazão lá da Berenice, que tinha um campo que era lá, quando chegou lá e viu aquele moleque pulando pra cá, pulando pra lá, disse que quando chegou perto dele começou a pular e disse que se atracou com ele. Bateu daqui, bateu dali, quebrou o braço dele aqui e ele ferrado com ele. Daqui a pouco ele deu um estouro e a areia subiu e subiu um fedor tão grande, tão grande que ele não aguentou e caiu do lado. O pessoal que foi pescar mais tarde achou ele lá caído e perguntou “o que foi isso, Malaquias?”, aí ele falou que tinha sido o... eu não posso falar o nome que eu não gosto. Aí chegou em casa contando, todo rasgado, todo mordido, o braço quebrado. Minha

mãe levou ele no padre para benzer, o padre falou “isso foi certo mesmo”, falou pra mãe que foi ele mesmo que fez, todo arranhado. Olha, foram uns oito dias, ele disse que se tivesse uma faca tinha matado ele, eu disse “não matava, não tem quem mate ele não, só Deus”, quase acabou com ele. Eu passei a acreditar no malvado”.

Marli do Nascimento, 73 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Eu namorava ela, então, quando a pessoa está namorando, ela tem uma coragem danada. Ali na Praia Vermelha tinha um rancho. Aí eu fiquei aqui na reza de noite. Deu dez e meia, onze horas e eu falei “vamos pescar”, nós íamos de dia, mas a lua estava pingando para cravar, assim que a lua cravasse, a gente já estava com a rede arrumada e vinha caçar peixe. Onze e pouca fui embora para a Praia Vermelha e o caminho para você ir para a Praia Vermelha é um caminho difícil, de noite era pior, negócio todo soturno. Você saia e daqui até a Praia Vermelha não encontrava ninguém, só aqueles grilos cri cri cri, era feio, de dia era feio, imagina a noite? Eu falei “vou embora”. Cheguei na Praia Vermelha, fui lá pro rancho, peguei a lona, coloquei na canoa, uma lona clara, joguei a lona por cima, aí escutei um arrastar de cadeira, aí eu “uai, aqui só tem esses casebres velhos”. Aí por cima dessa casa, vamos supor, muito alto, aquele grito assim “ô, nego feio”. Rapaz, quando ele acabou de falar “ô, nego feio”,

eu já saí naquela Praia Vermelha, já sai maluco da cabeça sem saber para onde ir e pega daqui, pega dali e eu subi num morro lá, bati numa casa e a pessoa de ceroula. “O que foi?”, eu “abre isso aqui, abre isso aqui depressa!”. Ele abriu, entrei no quarto dele, ele me perguntou “o que foi?” e eu falei “me chamaram de feio”, aí, “rapaz, tu é maluco, tu veio de Mambucaba pra cá uma hora dessas, você sabe que isso aqui é perigoso”. De dia uma pessoa passou e jogaram areia nele, de dia tinha um pele ferida lá, era muito feio o caminho para ir sozinho, muito feio”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



LUGARES DA COMUNIDADE

TIPO	DESCRIÇÃO
Antigos Casarões	Ruínas
	Magdalena
	Natalina
	Rosário
	Zezé
	Alfredinho
	Dalva
	Paulo Denizoto
	Ruínas do antigo sobrado

Igrejas	Igreja Nossa Senhora do Rosário
	Antiga igreja
	Assembléia de Deus
Espaços comunitários	Associação dos Moradores e Amigos da Vila Histórica de Mambucaba
	Árvore da Figueira
	Pracinha
	Cemitério de Mambucaba
	Campo de futebol
	Quadra esportiva
	Banheiro público
	Escada da Caixa D'Água
	Escadaria
	Estacionamento
	Caixa D'Água
	Paredão
	Pau do Seu Severo
	Antigo Clube 12/8
	Prédios públicos
ESF Vila Histórica de Mambucaba	
Casa de farinha	Antiga casa de farinha de D. Mercedes
Áreas de roças e pastagens	Antiga área de roça
	Área de pasto do Nilton

Morros	Morro da Chácara
	Morro da Serena
Rios	Rio Mambucaba
	Área do Rio Mambucaba
Cachoeira	Cachoeira do Engenho
Lagoa	Lagoa do Sapo
Bicas	Bica do Canto
	Bica da Figueira
Minas	Mina d'água
	Mina de Manoel Francisco
Ruas	Rua da Bica
	Rua das Flores
	Rua do Cemitério
	Rua da Figueira
	Rua Beira Rio
	Rua do Meio
	Rua Sem Saída
	Rua Godofredo das Neves
	Rua da Mina
Servidões	Servidão
	Servidão do Seu Condongo
Trilha	Trilha do mangue
	Trilha para Praia Vermelha

Comércios	Bar do Bicão
	Depósito do Gugu
	Pousada Shalon

PESCA AGRICULTURA E EXTRATIVISMO

ROÇA

“ O tempo que você planta hoje, você planta uma muda de banana hoje e você vai ter banana daqui um ano quase. Jesus Cristo estava com São Pedro caminhando, aí Jesus teve vontade de almoçar e pediu uma comida. Aí assim nasceu a banana. Aí São Pedro falou ‘não, Senhor, não pode fazer isso não, senão vai ter muito preguiçoso, vai plantar num dia e colher no outro’ ”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Na comunidade Vila Histórica de Mambucaba, inicialmente, as roças eram para a produção de alimentos necessários para a manutenção de cada núcleo familiar, como as lavouras de mandioca, batata doce, feijão e hortaliças. Naquele tempo, as roças eram mantidas mais próximas das áreas que hoje são denominadas Morro da Chácara e Morro da Serena, locais de encostas, propícios para as plantações. Na parte mais plana, chamada de vagem, era produzido o feijão. Já nos terreiros de cada casa, plantavam as hortaliças, os pés de frutas, ervas medicinais e as criações de animais.

“ Era roça, o pai da Marli que mexia com isso. Eles plantavam mandioca, rama para nascer a mandioca. Eles plantavam aquilo ali, um pedaço de roça. Era muito grande, não sei como eles davam conta daquilo, se você visse o pesado, o bruto. Eles sabiam tudo, sabiam época de plantar, época que tinha que colher. Plantavam banana, feijão, plantavam inhame, plantavam tudo. Quer dizer, antigamente, você não comia pão, era difícil comer um pão. Eles também davam para quem não tinha roça. Na “vagem” era feijão, eles plantavam feijão, na terra plana. No morro era mandioca, várias coisas ”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Figueira da praça pública da comunidade

Da produção agrícola, o mais atrativo para a comercialização era a banana. Muitas famílias mantinham as roças, em áreas que vão até o Parque Mambucaba, também chamado pelos moradores de Sertão de Mambucaba, distante cerca de 11 km do centro da Vila Histórica. Dos agricultores que produziam banana, Bindito Cruz é um dos mais mencionados. Toda a produção tinha como destino o centro de Angra dos Reis e também Mangaratiba. O transporte era feito por embarcações. Seu Condongo, que acompanhava esse processo por transportar a produção, nos conta como tudo era feito:

“la tudo em uma embarcação, só minha aqui ele levava quatrocentos, quinhentos, seiscentos cachos de banana por semana, quarta e sexta. Uma vez, eu saí daqui, uma segunda feira, e fui lá no Sertão, cortamos trezentos cachos de banana, viemos, fui parar em Itacuruçá, sem dormir, passei três dias sem dormir, sem fechar os olhos pra nada”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

A partir da década de 1970, a chegada de novos moradores, atraídos pelas ofertas de emprego na região, acabaram provocando mudanças significativas no modo de vida caiçara. As construções de novas moradias e a abertura de pequenos comércios para atender essa nova demanda provocou a diminuição dos “espaços livres” da comunidade que se viu obrigada a restringir a produção agrícola e também as criações de animais:

“ Antigamente tinha horta, hoje não. Meu pai tinha uma horta gigantesca com couve, tomate, aipim e quiabo. Ele vendia para o comércio aqui mesmo. Era na Rua das Flores, 410. Ele montou o mercado e ele fazia a horta dele ali. Também tinha criação de galinha, porco... A vizinha do lado criava muita galinha também. Seu Paulo tinha uma plantação de mandioca amarela. Ele vendia muita mandioca”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



A criação do Parque Nacional da Serra da Bocaina também impactou a manutenção de roças, diminuindo consideravelmente a disponibilidade de área para plantio e contribuindo para que a produção agrícola não fosse mais atrativa economicamente. Como nos conta Sabrina, atualmente as famílias mantêm pequenas hortas em que cultivam verduras, legumes e chás para consumo próprio.

“ Com o passar do tempo foi acabando, os novos vão embora, procuram educação longe. Ainda tem pessoas que usam esse tipo de plantação não para sobrevivência mas sim para passatempo, para desestressar. Eu mesmo tenho uma horta porque gosto de mexer na terra. Mas para venda, comercialização não tem. Tem uma única pessoa que vende ovos de galinha, seu Joaquim”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos, Vila Histórica de Mambucaba, 2022

**PESCA
AGRICULTURA E
EXTRATIVISMO**

PESCA

“ Quem me ensinou a pescar fui eu mesmo, porque eu ia com meu pai pescando, ele largava a linha e eu ia remando, aí quando ele pegava um peixe dizia “tira da água”, aí eu tirava o remo. Depois, fui ficando mais velho um pouco e pescava sozinho de lá pra cá, pronto”.

Seu Condongo, 78 anos, Vila Histórica de Mambucaba, 2022

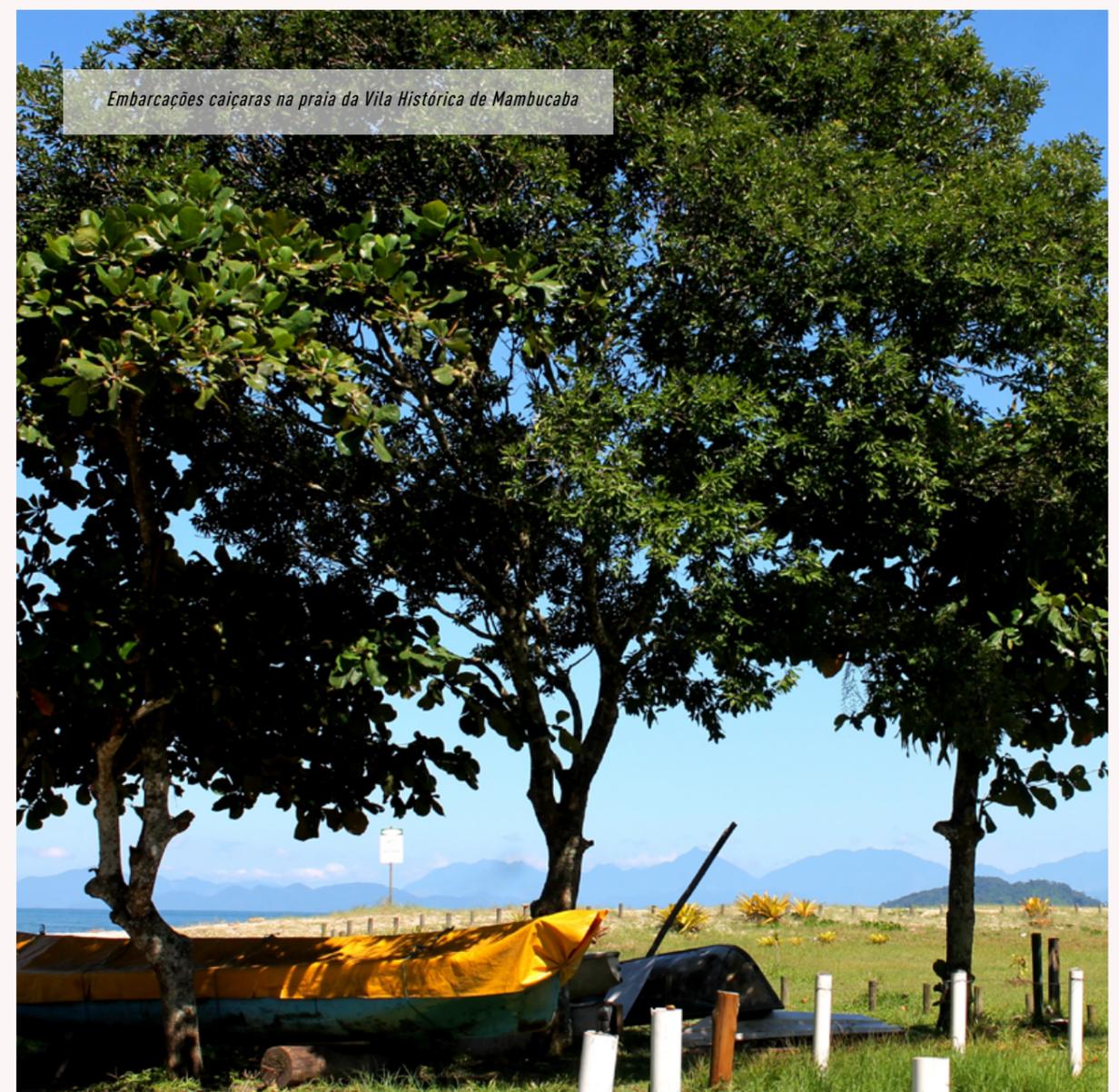
Ao longo dos anos, a prática da pesca passou por uma série de transformações na Vila Histórica de Mambucaba. Os impedimentos de acesso às áreas utilizadas para a pescaria, as mudanças nos pescados ocasionadas por interferências de navios e também a pesca industrial afetaram e afetam o modo tradicional da pesca.

TIPO	DESCRIÇÃO
Praias	Praia da Vila Histórica de Mambucaba
	Praia das Goiabas
	Praia Vermelha
	Praia da Vila
	Praia das Pedras
	Praia Brava
Lajes	Praia do Mamed
	Cabo Verde
	Samambaia
	Jurubá
	Araça
	Velha
	Lajinha



	Comprida	
	Guarda	
	Algodão	
	Samambaia de Fora	
	Saco Fundo	
	Lajinha de Fora	
	São Pedro	
	Morrinho	
	Branca	
Ilhas	Fundo	
	Nova	
	Sandri	
	Algodão	
	Jurubaiba	
	Araraquara	
	Araraquarina	
	Samambaia	
	Mingu	
	Comprida	
	Caverna	Caverna da Andorinha
	Cercos (antigos)	Cerco da Praia do Sul
		Cerco do Seu Valter

	Pedra de Fora
Pedras	Pedra
	Popa da Canoa/Pedra da Canoa
Paredão	Paredão
Mangue	Mangue
Trilha	Trilha do Mangue
Cais	Cais
Rio	Rio Mambucaba



Embarcações caiçaras na praia da Vila Histórica de Mambucaba

A prática da pesca sempre foi ensinada de pai para filhos. São técnicas que envolvem conhecimentos específicos para cada tipo de pescaria a ser realizada. Na comunidade, era comum a ida ao mar durante o período noturno, momento em que ocorria a argêntia, nome caçara para o fenômeno de bioluminescência em águas marítimas. Durante a escuridão da noite, a luminosidade do fenômeno permitia enxergar o pescado e assim tornava a tarefa mais fácil. Seu Condongo, ao relembrar dessa época, descreve como tudo era feito:

“ A pescaria aqui na Vila Histórica era através de rede. A gente pescava tainha, larga balanço. A gente pescava no mesmo barco, eram duas canoas, uma paralela com a outra, a gente saía de noite para pescar com argêntia. Argêntia é uma coisa que tem na água salgada, você pega, por exemplo, um pouco de sal e bota em uma caneca, bota uma água, nem muita água e nem muito sal, mexe e ele fica brilhando igual uma lanterna. Mas é só de noite, sal e água e mexe para você ver, ele brilha. Aí a gente ia paralelo uma com a outra. Na frente ia uma embarcação com uma pessoa ou duas, então daqui, ele comunicava com aqui e a gente ia indo, quando ele via o peixe, gritava “abre”. Aí saía uma canoa pra lá e outra pra cá e ele fazia isso, só que o peixe estava lá, naquilo que a gente saía a mil e chegava na praia. A gente ia puxando, puxando e daí a pouco os peixes vinham na praia e dava umas dez ou quinze caixas. Antigamente,

você matava peixe sem sair de casa, você matava peixe dentro de casa. A gente pegava aqueles peixes, lavava direitinho a embarcação e íamos para Angra, levávamos para Angra, íamos eu, o Malaquias, Jurandir, e o Valquir”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Nós pegávamos durante a noite, pegava sempre carapau, jurico, lá em frente à praia desta Vila Residencial, que eles falam Vila dos Operários, lá no meio da praia. Naquela direção ali a gente largava, chegava ali e largava ali de noite, naquela época não tinha luz, por isso que era bom o escuro pra gente pescar. À noite o peixe brilhava, ele acusava que ali tinha peixe, porque ele corria pra lá, corria pra cá e fazia aquele bolão, conforme ele fazia aquele bolão, já calculava logo”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

No Rio Mambucaba também pescavam à noite, principalmente durante a maré cheia, momento em que os peixes, como a tainha, subiam o rio. A quantidade de peixe era tanta, que os pescadores conseguiam ouvir quando eles pulavam para fora da água:

“ Pescava no rio, nós pescávamos à noite. No rio a gente tinha que esperar entrar bastante peixe. A tainha entrava no rio. Quando chegava de noite, a gente vinha com embarcação pela beirada da praia e sempre tinha alguns pontos que a tainha ficava a noite, aí você escutava quando ela pulava lá embaixo, a gente trocava a roupa, ficava só de sunga, tinha bastante peixe, conforme o barulho. Os caras tinham muita técnica, tinha muita técnica do Valter. Aí, descia devagarinho e cercava com a rede... você segurava a rede e ela vinha de lá, às vezes batia nas costas da gente”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

TIPOS DE PEIXES NA VILA HISTÓRICA DE MAMBUCABA

Robalo	Cavala
Anchova	Corvina
Lula	Parati
Bicuda	Tainha
Pescada	Sardinha
Espada	Siri
Bagre	Camarão
Carapau	



Encontro do Rio Mambucaba com o mar

Além da pesca de rede, também utilizavam outras técnicas, sempre adequadas para cada local em que iriam pescar e para cada tipo de pescado. Algumas dessas técnicas, como larga lance, pescaria de caniço e cerco, são explicadas por Seu Condongo e Vandinho:

“ O cerco, aqui tem a costeira, você vinha com um cabo largo pra cá e aqui tem o redondo aqui, o peixe vem e entra aqui e não sai mais. O peixe entra naquela rede ali e vem, vem, vem, quando ele acaba de completar aqui, ele vem, aqui tem uma boca aqui e quando ele chega aqui faz isso, ele sai pra fora de novo, mas não sai, volta de novo. O Valter da Praia Vermelha mexia com isso, trabalhei muito tempo com ele no cerco”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Aqui tinha pesca de rede, a larga lance. O lance era o seguinte: eram duas canoas unidas por um cabo. A gente saia largando aquele cabo. Aí, lá terminava aquele cabo, mas já tinha um lá saindo com a rede fazendo. A gente largava o lance e puxava aquela rede, muitas braças de rede, chegava a doer a mão de tanto que a gente puxava aquilo. Aí vinha, vinha, vinha, a rede tinha um calão, o calão era o que a gente botava numa ponta e na outra e a gente trabalhava assim, conforme você puxava o cabo, ele abria. Aqui também tinha essa pescaria de caniço. Caniço é um bambu que amarra uma corda, ela desce, debaixo tem um anzol, aí você joga lá, de vez em quando ele pinica e você “puff” e mata ele”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

A pescaria sempre foi para a alimentação da família, mas também havia a comercialização do pescado, quando a qualidade era propícia para levar para o mercado localizado em Angra dos Reis. A ida até o Cais de Santa Luzia era feita por canoa a remo em viagem que durava cerca de quatro horas. Lá, vendiam os peixes, compravam os mantimentos que não tinham disponíveis na comunidade e aproveitavam também para passear pelo teatro e parque de diversões:

“ Esse peixe a gente trazia pra casa, não vendia, todo mundo tinha, a gente só vendia ele quando era bastante e levava para Angra. Vamos supor que seja pescada ou anchova, você não ia querer comer aquele peixe, você ia querer levar para Angra, peixe bom, peixe de qualidade. Vendia em Angra, ali na fábrica do Antônio, era uma fábrica de sardinha”.

“ Lá tinha aqueles teatros, circos, que tinha roda gigante, a gente vendia aquilo ali, pesava aquilo ali, tomava um banho e ia para a roda gigante ver o pessoal dançar, brincar. A gente costumava descer no cais, cais Santa Luzia. Então a gente fugia com a canoa, deixava a canoa lá e ia para a festa”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Quem organizava as turmas de pescadores, tanto para pescarem no mar como também no rio, era o Seu Valter, morador da Praia Vermelha. Ele possuía a embarcação e a rede que eram utilizadas. Também tinha um grande rancho, em sua comunidade, onde guardava todos os equipamentos necessários.

A forma de pagamento pelo trabalho da turma, com cerca de dez pescadores, ocorria da seguinte forma: 1/3 de tudo que era pescado ficava para o Seu Valter, por este possuir a rede utilizada e arcar com as despesas de manutenção; e

o restante dos peixes, era dividido de forma igual para todos que participaram, inclusive o Seu Valter, que novamente entrava na divisão. Para esse peixe repartido, chamavam de quinhão. Quando o pagamento era feito em dinheiro, a lógica empregada continuava sendo a mesma do quinhão, em que, em primeiro lugar, havia a separação de 1/3 para o proprietário da rede e, depois, a repartição para todos aqueles que haviam participado da pescaria.



Trecho da praia da Vila Histórica de Mambucaba

“ Com o Valter era dez, doze pessoas trabalhando. A divisão do trabalho, vamos supor, além dele ter a rede, porque a rede era do Valter, quem desse a rede, tira um terço do total. Vamos supor, de trezentos, ele tem cem, um terço. E esses cem são só dele, desses duzentos que sobraram, ele ainda tem o dele também. Esse terço era para manutenção da rede e sobrava aquele para nós”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ A divisão do dinheiro era igual a do peixe, vamos supor que desses trezentos reais, o Valter tinha cem e, daqueles duzentos que sobraram, ele também tinha.”

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Uma outra técnica de pesca, também utilizada entre os pescadores da comunidade, é a chamada pesca submarina, que é praticada na Vila Histórica de Mambucaba há cerca de 30 anos.

“ Aqui a gente tinha o Maninho, o Banana, o Dário que foi o meu grande professor. A gente tinha muitos pescadores de mergulho. O Dário foi o que eu coleí, perturbando ele. Ele me deu o primeiro equipamento, viu que estava seguindo ele, ele ia mergulhando pela costeira e eu ia atrás dele. Querendo ver ele tirando o peixe da água. Um dia ele arrumou a roupa... Minha mãe odiava, porque é um esporte de muito risco. Eu saía quietinho e passava na casa do Dário

e lá me arrumava e saía para pescar. Com um ano eu consegui capturar o primeiro robalo, nossa região é muito rica de robalo. Eu consegui matar um robalo de cinco quilos e não tinha onde esconder. Ela viu eu chegar em casa com aquele robalo, com um sorriso e aquela alegria e ela e meu pai viram que ali não teria mais como mudar”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Embarcações de caiaças da Vila Histórica de Mambucaba

Os caiçaras da comunidade sempre reforçam o quanto as mudanças ocorridas nos últimos anos afetam a prática da pesca, seja a tradicional ou a submarina. Com a criação da ESEC Tamoios e a intensificação na fiscalização, passou a ser inviável a utilização de espaços antes comuns. A importância da preservação ambiental é consenso entre os pescadores, inclusive mantida por eles próprios, porém a forma como essa preservação é posta em prática, não levando em consideração o modo de vida dos caiçaras e criminalizando a pesca em determinadas áreas, dificulta a relação entre eles e os órgãos ambientais.

“ Eu sei a importância da preservação ambiental, mas acho que eles não têm noção da importância de uma cultura caiçara. Eu fui um dos primeiros que quando surgiu a Esec, a defender a nossa classe, porque achei um absurdo chegar na casa da pessoa e falar: ‘hoje você não pode mais entrar na sua casa!’. Porque foi isso, a Esec chegou e não ouviu os caiçaras, a cultura de cada um. Porque poderia ter feito de outra forma, algumas reuniões com acordos. Hoje já tem alguns acordos sendo fechados, como os termos de compromisso. Estamos esperando a possível vinda para Mambucaba”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Somado à intensificação da fiscalização, outro agente externo que também dificulta a realização da pescaria é a presença de grandes navios na região, que ficam ancorados depois da Ilha do Sandri. Os problemas causados por esses navios estão relacionados à fuga do pescado, em especial a lula, que, atraída pela luminosidade, deixa de ir próximo às ilhas e à praia da Vila Histórica de Mambucaba. Como as lulas estão concentradas na parte mais luminosa do mar, seus predadores também mudaram a área de concentração. Isso dificulta diretamente a pesca, pois se antes conseguiam capturar os peixes a uma curta distância, hoje precisam de maior esforço físico e financeiro para conseguirem chegar até os melhores locais.

Além da mudança de comportamento do pescado, houve na região a introdução de espécies exóticas trazidas pelos navios, como o coral-sol (*Tubastraea*), nativo dos oceanos Pacífico e Índico e predador dos corais locais.

O risco de acidentes entre as embarcações foi outro agravante mencionado pelos caiçaras. Como os peixes estão sendo atraídos pelas luzes dos navios, os pescadores só conseguem pescar no entorno. No ano de 2022, houve uma colisão entre um barco e um navio ancorado, que levou a perda de todos os equipamentos dos pescadores afetados, além dos peixes que haviam pescado.

Vista aérea da igreja da Vila Histórica de Mambucaba



“ Os navios, eles atrapalham a gente aqui por causa da lula. A lula era um forte nosso aqui, que a gente pescava a 2 km daqui, na ponta da Ilha do Sandri. A gente pegava 80, 90 kg por pescador. Mas agora, por conta dos navios terem essa iluminação e a lula ser atraída pela iluminação, ela começou a ficar lá fora. Isso mudou todo o ciclo dos peixes aqui dentro. Porque quando ela chegava aqui, ela atraía os predadores, então a gente conseguia pescar a lula e os predadores. Hoje em dia estamos locomovendo 10, 15 km no mar para poder pescar”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Um outro impacto é o coral sol. Não foi confirmado, mas pode ter sido oriundo de algum navio desse. Ele não é do Brasil e se adaptou a nossa baía e ele se alimenta de outros corais. Ele não tem predador. Um período ficamos quase um ano sem visibilidade na água aqui do mar, com muita espuma. Muita gente achava que era até da Usina. Então esses navios têm um lastramento, enche de água para não se lastrear na navegação. Então ele enche de água lá na Indonésia e aqui joga essa água. Então com isso, a possível vinda do coral sol nesses navios”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Esse ano a gente teve um acidente, não foi fatal. Um barco amarrou lá no navio e ele fez uma manobra de emergência, a gente não sabe se foi por maldade ou necessidade. Mas ele precisou se mover e a força daquele motor muito forte, fez uma maré e acabou naufragando o barco dos pescadores. Graças a Deus tinha gente pescando e pode socorrer. Tiveram umas perdas de material”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Todos esses impactos mencionados causam a diminuição do pescado e, por consequência, a necessidade dos pescadores, principalmente os mais jovens, terem que buscar outras alternativas de sobrevivência. A prática diminui a cada dia e hoje, o pouco que conseguem pescar, é destinado apenas para a alimentação familiar.

“ Hoje a pesca está difícil, hoje não tem mais peixe não. Eu saí a semana passada aqui, eu e mais três, os peixes que nós matamos eu comi sozinho com minha família. Não matamos nada, se matamos quinze peixes foi misturado. Porque, aí é o que eu falo para você, se você não souber comer hoje, amanhã está faltando, se você ver uma coisa hoje e comer tudo, amanhã você vai comer o que, se comeu tudo hoje?”

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

FESTEJOS E CELEBRAÇÕES

“ Vou cantar uma marchinha, ‘uh lalá, uh lalá, você mais você, como impedir o de fora, garota de saint tropez, a laranja da Bahia, ela tem o umbiguinho de fora, por que é que você Maria escondeu o seu até agora? Uh lalá, uh lalá’”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

No tempo em que Angra dos Reis ainda era considerada uma cidade pequena, com poucos atrativos para diversão, a Vila Histórica de Mambucaba despontava como uma comunidade festeira. E isso atraía pessoas de vários lugares próximos, como nos conta Seu Condongo:

“ Tudo vinha pra cá, Perequê, Itaorna, Praia Brava, Praia Vermelha, vinha todo mundo para a festa. O centro comunitário líder das festas era aqui no Centro Histórico”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

• FESTAS RELIGIOSAS

“ Tinha festa de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição. Quem organizava as festas era Godofredo, meu compadre que já morreu, uma turma aí. Nossa senhora, era festa que você precisava ver que coisa boa que era”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

• CARNAVAL

“ O carnaval aqui primeiro era o Godofredo, antigamente, depois do Godofredo foi indo e deu pra gente, me meti no meio, aí fizemos, aí que nasceu esse barracão. O carnaval aqui era galho de pau para fazer o estandarte, bandeira e o pau quebrava. Tinha mascarado, tinha um menino ali que fazia máscara pra gente”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Com a morte de Sr. Godofredo, Seu Condongo passou a organizar os festejos de carnaval e criou um bloco chamado “Bloco Vai Quem Quer”. Inicialmente restrito à sua família, hoje já conta com a participação de pessoas de outras comunidades de Angra dos Reis, como a Praia Vermelha, e também de outros municípios:

“ Tem carnaval, aqui é muito legal, várias bandas, pessoal de Volta Redonda vem para cá, tem as marchinhas, muito tradicional. Tem o Bloco das Piranhas que é na segunda-feira. Aqui tem o Bloco do Godofredo, que é uma homenagem a um senhor que morou aqui há muitos anos. Tem o bloco Pão com ovo, que é de um comerciante daqui que apelidaram ele de Pão com ovo. E tem o bloco do seu Condongo também... Bloco Vai Quem Quer, é muito bacana mesmo. Tem o bloco da Praia Vermelha também que vem”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Algumas famílias também realizavam bailes, como ocorria na casa de Sr. Totonho, morador da Praia de Itaorna. Esses bailes, que eram embalados por músicos e, mais tarde, por vitrolas, animavam os mais jovens que se aventuravam a caminhar por cerca de 10 km, no fim do dia, para dançarem e beberem um pouco de cerveja:

“ Ali na usina tinha era um baita de um colégio bonito, tinha lugar da gente dançar todo final de semana. Lá em Itaorna, Praia Brava e Guariba. Tinha várias casas, tinha a casa do senhor Totonho que parecia uma mansão, custaram a derrubar a casa de tanto que ela serviu, depois quebraram a casa toda”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

• FOLIA DE REIS

“ A festa de Santos Reis era com meu pai. A festa de Santos Reis era muito boa. Santos Reis era com aquela viola, aquele pandeiro de couro de cutia, aí saia nas portas cantando as músicas dos santos reis. O cara chega aqui e tem que saudar os santos todinhos. Aí vinha com a viola, chegava lá e tocava, mas o meu pai não deixava a gente ir atrás rindo não, “fiquem quietos”, se fosse quieto, direitinho, comportadinho, ele deixava”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Igreja da Vila Histórica de Mambucaba



• AS CELEBRAÇÕES E OS FESTEJOS HOJE

Muitos desses festejos e celebrações já não são mais realizados na comunidade, porém a associação de moradores organiza uma série de comemorações ao longo do ano que, atrai turistas e renda para a Vila Histórica de Mambucaba com impacto no comércio local.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, tesoureira da Associação de Moradores e Amigos da Vila Histórica de Mambucaba, nos faz um relato sobre alguns desses eventos organizados pela associação e por moradores, e também nos conta a importância de manter ativa uma das principais características da comunidade.



Bumbu do Jongo Bindito Cruz

“ A MambuArte é organizada pelos comerciantes com apoio da associação dos moradores. A Flim é organizada pelo Cagério com a associação de moradores. A MambuArte é um festival lançado em 1985, muito antigo. Era o meu pai, junto com Sérgio Pacheco. MambuArte, na época, começou como um manifesto em prol do casarão, que infelizmente caiu tudo e estamos na luta para conseguir e graças a deus estamos conseguindo que façam a restauração. Com o passar do tempo, deixou de ser um manifesto e virou uma festividade e passamos a dar preferência aos artistas locais como teatro, música, artesanato. Aqui temos muito artesanato com folha de bananeira... A gente trás esse pessoal porque é o momento que eles mostram o trabalho deles”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

• BINDITO CRUZ: O JONGO DA VILA HISTÓRICA DE MAMBUCABA

“ O jongo é uma coisa de matuto, não era letrado. O jongo, diziam os antigos, que era coisa de pobre, de gente matuto.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

A história do Jongo na comunidade se confunde com a vida de um antigo mestre jongoeiro: Benedito Cruz, ou como é chamado por todos, Bindito Cruz.

Quem nos conta a respeito do mestre Bindito Cruz é o Seu Condongo, com quem conviveu por muitos anos:

“ A história de Bindito Cruz é assim: ele era um senhor agricultor. Vivia de plantação de banana. Era um senhor negrinho, pretinho bravo... Vivia só da roça. Naquela época ele vivia só no Sertão de Mambucaba e se envolveu com plantação de banana, ele colhia banana”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Dona Marli e Seu Condongo

“ Depois foi mexer com banana, ele ficou quase milionário, não ficou mais rico porque o destino dele era ser pobre mesmo. Ele tinha muito dinheiro na época. Ele chegava aqui numa festa, ele tinha, vamos supor que isso aqui fosse um prêmio, então, o Alcino gritava assim “quem vai querer?”, aí você falava “dou dez reais”, “dou-lhe uma”, “não, dou doze”, como é chamado? Leilão! E esse dito cujo era um baixinho pequenininho, mas folgado, era abusadinho. Aí, ele botava metade da poupança dele em cima da mesa, só ele fazia aquilo, quando ele via que estava demais ele gritava”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Ele era festeiro, na época a gente brincava o jongo no mês de junho, época do frio. Ele vinha e fazia as festas na casa dele, perto da rua principal aqui da Vila Histórica de Mambucaba. Ele já morou em vários lugares por aqui. Na festa ele comprava o biroró, comprava o pão, comprava a rosca. Ele fazia questão de fazer a festa sem pedir ajuda. Ele fazia questão de dar as coisas para a gente beber e comer”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Ele mexia com Imbé. Imbé é um tipo de uma corda, só que é um cipó e vai muito alto, mais que aquela igreja ali. Ai você torcia ele, quando ele desgrudava lá de cima tinha que sair de baixo, porque o pessoal falava que era a mãe do Imbé que caia e batia no chão. Aquele pacotão de Imbé. Dali tirava a casca, torcia e torcia uns oito e dez fios juntos. Ele virava um cabo... Esse cabo servia para puxar rede. A gente largava um lance de rede com 10, 12 cabos.

Ele fazia isso e vendia para o pessoal aqui. O Bindito Cruz vendia para as pessoas que faziam rede, mas ele fazia muita peça de Imbé, muita, aí vendia oito ou dez peças pro Valter, vendia pro Nezinho que tinha aqui também. Então, com aquilo ali ele sobrevivia”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Tinha a casa dele e para baixo era o jongo. Esse jongo eu cheguei a ver, quando deu meia noite, um dos meus parentes, chegou a passar por cima da brasa de fogo da fogueira e não queimou o pé dele. Isso eu vi, do meu tempo”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ A gente começava umas oito horas da noite e ia até no outro dia. Saía dali, ia para casa, dormia e no dia seguinte tinha outro. Todo o mês de junho era o dia todo. Ele foi segurando isso ai, esse jongo...”

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Roda de Jongo Bindito Cruz

“ Ele fazia o jongo, convidava os jongueiros Julio Maria, Pedro Lima, casado com a minha tia, Severino que era pai do João, Pedro Paulo, Luiza, Sebastiana, Lodi, Rosal, Délcio... Esse pessoal era tudo jongueiro. Essa turma aí, pessoal só do jongo”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

Os instrumentos utilizados no Jongo, principalmente o tambor, eram feitos com as madeiras de barris de cachaças que os comerciantes da comunidade davam para os jongueiros. O couro era de animal e precisava ser bem esticado e deixado ao sol durante alguns dias para secar e ficar “bem lisinho”. O responsável pelo tambor, no Jongo do Seu Bindito Cruz, era o pai do Seu Condongo, Manoel Benedito da Conceição.

“ Aí vamos para a parte que eu conheci, quando eu conheci o jongo, o meu pai tocava tambor, eu peguei uma caixa para fazer o cagenguê. O cagenguê você senta numa caixinha e tem um pedacinho de pau e você fica ali, “antes de eu morrer quero ir lá na Bahia, lá tem jongo, lá tem palma todo dia”, aí vai embora. Até que venha um de lá e tira você, não que tira você, você dá uma rodada a mais e sai, porque no jongo você não pode ter tumulto dentro do jongo, tem que ter um par”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022



Seu Condongo na praia da Vila Histórica de Mambucaba

Na abertura da Roda de Jongo, sempre era entoado a louvação “Bendito Seja louvado...” e, em seguida, só após isso, de fato iniciava o Jongo. As rodas eram momentos em que os jongueiros passavam mensagens, assim como os seus ancestrais durante o período de escravidão. Muitas dessas mensagens poderiam ser respondidas, como nos fala Seu Condongo, que no dia de seu casamento recebeu uma de sua sogra, Dona Júlia, a parteira da Vila Histórica de Mambucaba

“ O que eu via aqui, antigamente: ‘O bendito louvado seja, oh bendito louvado seja...’ o Jongo não rodava enquanto não cantava firme ali. Aí você cantava, aí vinha e botava a mão em cima e falava: ‘Louvado seja Jesus Cristo, para sempre seja louvado’. Ai está aberta a roda. Essa roda, enquanto você não cantou Bendito louvado seja, não roda com ninguém. Esse é o modo da gente abrir o jongo”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ O ponto para entrar no jongo deles, tinha que saber entrar. Por exemplo, quando eu casei minha sogra botou um ponto para mim: “tu sabe que pinica dói, porque você pinicou?”. Mas eu estava batendo cagenguê, não escutei quando meu tio falou com o outro irmão dele: não faz isso não. Depois o meu tio falou comigo: eu já chamei atenção. Depois de uns 15 dias, eu falei: se não sabia sustentar minha filha, por que casou?. Hoje não, qualquer criança está parando o tambor.

Eu não sou muito favorável, porque o tambor, se você for bater nele e não tiver o corpo fechado, ele pode te machucar. Eu ouvia o Cruz falar sempre isso”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

• O JONGO HOJE

Com o falecimento de Seu Bindito Cruz, as rodas de Jongo deixaram de acontecer na Vila Histórica de Mambucaba. Após alguns anos, Seu Condongo, Seu João e sua esposa Dona Maria, resolveram se juntar para lembrar o passado e fazer “algumas rodinhas” em frente à Igreja.

Com isso, os mais jovens começaram a se interessar e, assim, foi criado o Jongo Bindito Cruz, uma justa homenagem ao mestre jongueiro. Por essa retomada, estreitaram parcerias com instituições públicas, como a Universidade Federal Fluminense e a Secretaria de Cultura de Angra dos Reis, começando a participar de editais e viajar pelo estado do Rio de Janeiro com apresentações em eventos.



Hoje, o Jongo Bindito Cruz tem 16 jongueiros, entre jovens e os mestres. Quem nos conta como foi esse movimento de organização do grupo é Joana Maria do Nascimento, filha de Seu Condongo, que, junto com mais duas irmãs, participaram de todo esse processo de retomada:

“ De reunião em reunião fomos chamando e achando as pessoas... Depois de várias reuniões, chamamos o Ângelo que trabalhava no Cefet e criamos o grupo. Depois de um tempo fizemos uma camisa para nos identificarmos e assim fomos. A princípio as reuniões eram na associação, mas depois eu falei com a Gisele que a gente podia dar mais um passo, nós começamos a ensaiar. Eu falava assim para Gisele: “estou aqui só para organizar, porque eu não sei dançar”. Era como se eu estivesse só para dar apoio. Porque a Gisele sabia dançar porque ela participava no Bracuí. Daí começamos a ensaiar em frente a Igreja, quando a Igreja não era fechada. De repente começou a surgir convites para apresentações”.

Joana Maria do Nascimento, 51 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Quando nós começamos, nós nos juntamos com os mais velhos, porque eu tinha noção do que tinha para fazer. Os mais velhos tinham que tocar em frente. Depois de tudo pronto, nós precisávamos de um nome, de uma identidade. O nome do grupo precisava ter e depois de muito pensar alguém sugeriu Bendito Cruz. Mas depois falamos: ‘mas por que Benedito se ninguém chama ele de Benedito e sim de Bindito?’. Então colocamos o nome dele bem assim: Bindito Cruz. Porque ele é conhecido dessa forma e era uma justa homenagem. A esposa dele, até onde me lembro, gostava muito de fazer um forró na casa dela e ele estava ali sempre muito prestativo, com alguma receita de algum mato, alguma coisa. Ele era bem velhinho... Gostava de uma farra”.

Joana Maria do Nascimento, 51 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

A comunidade conta com uma associação comunitária, a Associação dos Moradores e Amigos da Vila Histórica de Mambucaba. Fundada em 1987, hoje com mais de 200 associados, possui sede própria, com área para realização de eventos. A diretoria é composta por presidente, primeiro presidente, segundo presidente, primeiro tesoureiro, segundo tesoureiro e secretário. A trajetória da atual diretoria nos é contada por Sabrina Marques da Silva Oliveira, primeira tesoureira:

“ Foi fundada em 1987, por várias pessoas, entre elas Sérgio Pacheco. Essa atual chapa pegou ano passado, montamos a chapa e ganhamos. Meu papel é tesoureira e tudo mais. Quando nós montamos a chapa, cada um teria o seu papel, mas pelo bem comum da comunidade, todo mundo faria tudo. Não é porque sou tesoureira que vou ficar sentadinha lá e pronto e acabou. Quando um não pode, outro vai lá e cobre. Nós pegamos a associação com 32 associados e hoje temos 200”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira,
42 anos, comerciante

A manutenção do território tradicional, a autonomia frente ao turismo desordenado e a criminalização da pesca são as principais lutas da comunidade.

• MUDANÇAS NO TERRITÓRIO

BR 101

“ O que tem a ver com escravo a Rio-Santos jogou fora. Nós tínhamos uma pedra de amarração, ali tinha, eu vi, uma pedra de amarração, era uma pedra muito grande, era metade dessa casa ou mais e uma argola mais ou menos assim para quando as embarcações viessem pra cá, amarrassem a corda ali, é uma pedra, um casarão de pedra... Essa pedra ficava não, ela está lá, só que ela está coberta com o aterro da Rio-Santos. Se fosse hoje, talvez o IBAMA não ia deixar e a gente ia passar a ver o que são as coisas bonitas, a história, essa história aí eu vi, muito bonita pedra. A pedra está aterrada, não dá pra ver”.

Seu Condongo, 78 anos, Vila Histórica de Mambucaba



USINA NUCLEAR

“ Gerou emprego para muita gente, mas a assessoria da usina para nós era muito nada. É assim até hoje. Se a gente pede alguma coisa para a usina, nunca tem, não conseguimos ajuda para nada. Não tem retorno aqui. O emprego na Usina é informal. Quem conseguiu emprego efetivo são os mais velhos. Agora é parada que eles fazem de dois, três meses... Parada é quando fazem o resfriamento do reator. A galera é contratada nesse período. O pessoal fica esperando porque é uma grana boa, mas o risco é grande”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira, 42 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Impacto ambiental, com quem pescava na Itaorna, isso ocorreu. Foi a retirada da área de pesca para os mais antigos. O que nós também temos de impacto é o Parque Mambucaba. Antes ali era tudo mato, com mangue e foi tomado pela usina para construção da vila. E a concessão que foi usado foi a restrição de pesca, mas precisava fazer algo no Parque Mambucaba. O plano de compensação tem mais de 80.000 habitantes. A maioria veio para cá por conta da construção da Usina. Naquela época o auge da vida era chegar no Rio e São Paulo para obras. Muita gente veio para cá, muita gente para a construção da BR também. A maioria aqui é gente de fora, lá do Nordeste. Eu mesmo saí de Resende e vim para cá com a minha mãe. Ela veio para trabalhar em casa de família”.

Vanderson Moreira da Silva, 32 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

“ Para pescar foi ruim também, porque nessa parte da vila a gente pescava à noite. Porque a gente matava peixe de noite, o mar estava bom, estava calminho, “vamos correr argentia?”, “vamos!”. Aí então você se arrumava, pegava duas embarcações, três e ia embora. Você sabe que se tivesse peixe, estava seguro. Hoje em dia, você passa ali na Usina, se você não fizer assim, não vê a praia de tão claro que está. Quer dizer, você tirou aquela escuridão que a gente pescava, tudo escuro ali na praia Brava, ali também tirou tudo, a gente vivia no escuro, deu cinco horas da tarde e estava escuro e era favorável para a gente pescar”.

Seu Condongo, 78 anos,
Vila Histórica de Mambucaba, 2022

TURISMO

“ E a associação de moradores veio para melhorar, para ajudar. Aqui era um lugar que no verão a gente não conseguia ver a areia da praia, por tanta barraca de camping que tinha. E com isso vieram as consequências: muito lixo, muito roubo, casa invadida, briga. O comércio lucrava? Lucrava. Mas tinha que ter uma liderança na Vila para brigar na prefeitura para ter melhoras na Vila. Quando eu cheguei aqui não tinha nem luz, mas depois passou a ter. Com a montagem da associação passamos a ter muita coisa”.

Sabrina Marques da Silva Oliveira,
42 anos, comerciante

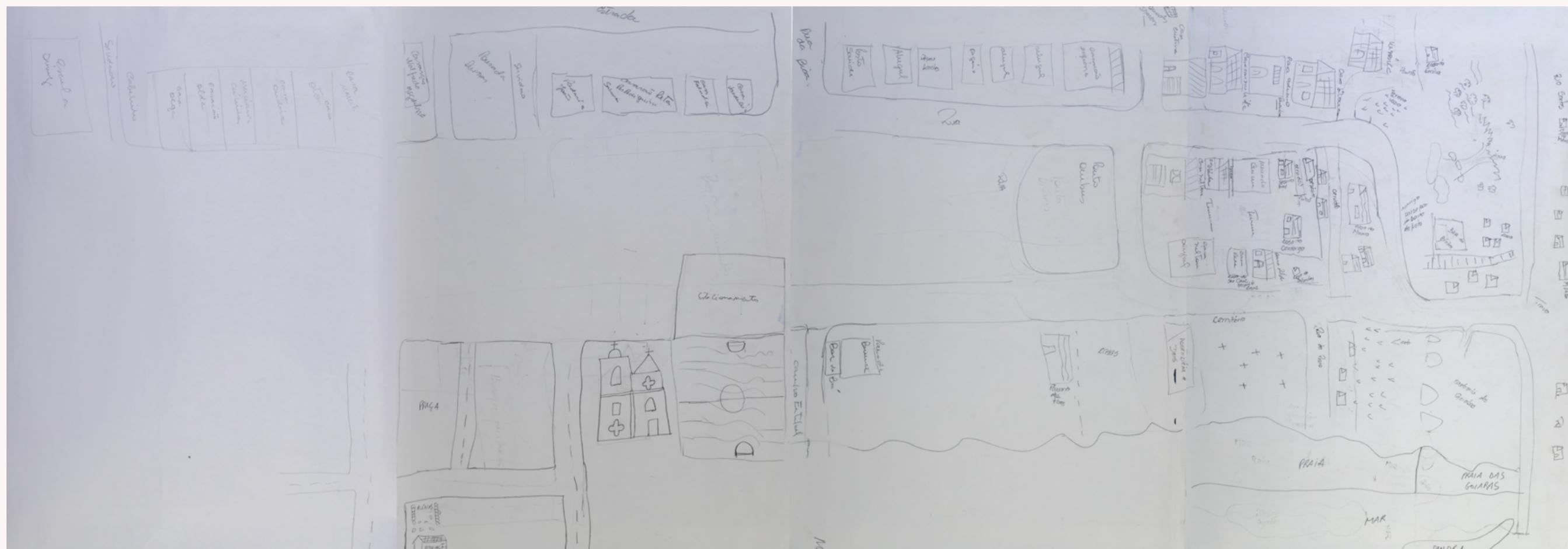


Sede da Associação dos Moradores e Amigos da Vila Histórica de Mambucaba

CONFLITOS	DESCRIÇÃO
Território	Ocupação do território tradicional com construção de casas para veraneio
Território e recursos naturais	Turismo desordenado: trabalho precarizado, esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental
	Aterramento/poluição de manguezais
	Poluição na Praia da Vila Histórica de Mambucaba
	Falta de saneamento básico
	Criminalização da pesca tradicional
	Pesca industrial
	Presença de grandes navios
Infraestrutura	Falta de saneamento básico

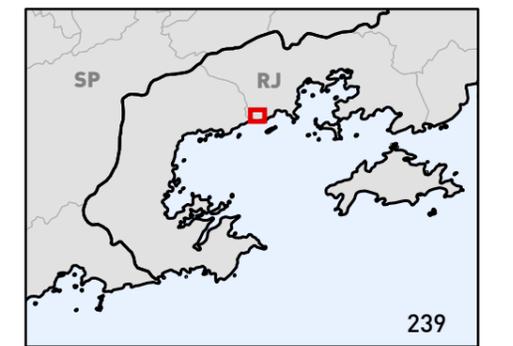


MAPAS FALADOS



COMUNIDADE CAIÇARA DA VILA HISTÓRICA DE MAMBUCABA

- | | |
|--------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica | Turismo e comércio local |
| Morro | Comércio de caiçara |
| Praia | Bar |
| Pedra | Pousada |
| Rio | Estacionamento |
| Rio antigo | Infraestrutura e serviços públicos |
| Barra de rio | Posto de saúde |
| Captação de água | Caixa de água |
| Bica | Infraestrutura |
| Cemitério | Igreja católica |
| Pesca artesanal | Igreja evangélica |
| Cais dos pescadores | Escola |
| Casa de caiçara | Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária |
| Sede da Associação | Alagamento |
| Casarão antigo | Área de risco |
| Casa de farinha antiga | Outros elementos |
| Clube antigo | Acesso |
| Jongo | Acesso; Escadaria |
| Ruína | Trilha |
| Árvore centenária | Rodovia |
| Quadra futsal | Outras Estradas; Ruas |
| Campo de futebol | Rio |
| Lagoa antiga | |
| Mangue | |
| Núcleo familiar caiçara | |
| Pastagem | |
| Pesca artesanal | |
| Roça antiga | |
| Área comunitária | |
| Pesca artesanal | |
| Rotas marítimas | |



PRAIA VERMELHA

TEMPOS E ESPAÇOS

LOCALIZAÇÃO

A comunidade Praia Vermelha, localizada ao sul de Angra dos Reis, está próxima da Vila Histórica de Mambucaba, cerca de 3 km, e do Parque Mambucaba, com distância de um pouco mais de 6 km.

O seu território é marcado pela presença de densa mata atlântica, com três rios cujos nomes são: Cachoeira do Fundão, Córrego Fundo e Cachoeira do Periquito. No entorno, dois grandes morros se destacam: Morro da Marreca e Morro do Suador, esse último tendo sido batizado assim pois, antes das modificações realizadas para a construção da BR-101, era bem mais alto, o que dificultava a subida e todos chegavam ao seu topo suados.

“ A gente morava da estrada para lá, isso antes da Rio-Santos. O caminho passava aqui neste morro, o Morro Suador, que a gente caminha. Esse morro a máquina devastou isso aqui. Esse era o caminho que todo mundo passava”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

O território marinho, utilizado para a pesca tradicional, tem como principal referência a Ilha do Sandri, local onde algumas famílias caiçaras também utilizavam, no passado, para a manutenção do modo de vida.

Ao seu território tradicional se sobrepõe a área de proteção do Parque Nacional da Serra da Bocaina e a unidade de conservação federal Estação Ecológica de Tamoios (ESEC Tamoios).

• OCUPAÇÃO CAIÇARA E SUA HISTÓRIA

Para compor a história da comunidade, quem nos conta o seu passado é Dilson de Oliveira, 62 anos, pescador e dono do Bar e Restaurante Íris. Seu Dilson é filho de Seu Walter Dias de Oliveira, hoje com 84 anos, e de Dona Marieta do Nascimento Dias, falecida há mais de 10 anos. O casal também tem mais uma filha, Dilcélia de Oliveira, com um pouco mais de 55 anos.

Toda a família tem origem caiçara e sempre residiram na Praia Vermelha e região. Seu avô paterno, João de Oliveira, faleceu aos 95 anos de idade. A esposa de João de Oliveira, Dona Maria Boaventura, nasceu na Vila Histórica de Mambucaba, mas foi morar com sua família na Ilha das Palmeiras, localizada próxima ao Bracuí. Dilson passou parte da infância na casa dos seus avós paternos e recorda-se desse período no qual as casas da família ficavam próximas à praia e eram feitas de estuque com telhado de sapê:

“ Quando eu fiquei maior, a casa do meu avô era de estuque, mas emboçada. O estuque é bambu e barreado. Você corta a juçara... se fosse hoje não podia fazer porque é proibido cortar a juçara... Lascava a juçara, amarrava com Imbé, não era prego não! E fazia aqueles quadrados com bambu. Era um artesanato. Cada um ficava de um lado com a masseira e jogava e ia passando água. Depois o meu avô mandou o pedreiro emboçar. Tinha o telhado de sapê. Pensa numa coisa gostosa! Aquilo era a maior coisa que já vi na vida. Você só escutava o barulho do mar e o pingo da chuva. Nós morávamos na areia. A cozinha do meu avô era para dez pessoas, até mais. A mesa era grande, com banco, com janela para de frente pro mar. A gente sentado na mesa olhando para o mar. O nosso ventilador era a viração. Viração é o vento fraco, uma brisa que cai toda tarde no verão. Ficava claro, claro... Aquilo que era comida, que era alimento. Não é a coisa de hoje não, essa cobrança. Era vida mesmo”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Já os pais de Dona Marieta, Eduardo Cândido de Oliveira e Teresa de Oliveira, nasceram e foram criados na região da Praia Vermelha, próximo à Vila Histórica de Mambucaba. Dilson guarda as histórias da comunidade porque sempre foi muito próximo de seus avós:

“ Eu sempre vivi no pé do meu avô, eu ficava escutando as conversas deles. Meu avô era de pouca conversa. Para ele conversar, tinha que conhecer. Ele para beber um refrigerante foi com 70 anos. O pessoal de antigamente não mandava recado”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

A construção da BR-101 se sobrepôs a um pequeno caminho de terra que era pouco utilizado. O mais utilizado entre os moradores era o Morro do Suador, que dava acesso à Vila Histórica de Mambucaba. Também tinha o Caminho do Telégrafo, mas este ficou inativo por muitos anos. Quando o trajeto não era possível por terra, recorriam à chamada Lancha de Carreira, que transportava passageiros entre Mangaratiba, Angra dos Reis, Ilha Grande e Paraty. Além dessa, contavam com a balsa e com as canoas dos próprios caiçaras:

“ Tinha um outro caminho que chamava Caminho do Telégrafo, mas por lá não passava muita gente não. Era um caminho de mata”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Lancha da Carreira que vinha de Mangaratiba até aqui pegar os passageiros. Passava em Abraão, de Abraão ia em Angra, de Angra vinha na Praia Vermelha e deixava os passageiros e depois ia para Paraty. Mas ela não passava todo dia em Abraão. Todo dia ela passava nos outros lugares. Mangaratiba e Paraty eram sempre certos, vinha de manhã e voltava à tarde. Nessa época eu já era moleque, ajudava a desembarcar gente”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Seu Walter Dias de Oliveira

“ A estrada aconteceu em 1971. Para atravessar o rio, era de balsa, de 7 horas até às 6 da tarde. Isso quando não escangalhava a balsa. Essa balsa era tocada no varejão. Varejão é um bambu grandão, que enfia na areia para poder fazer força. A balsa era igual às que você vê hoje em dia, mas a nossa era inferior. Mas era legal. Subia em cima da balsa, os caras toavam o varejão e era assim que atravessavam o carro. Quando a chuva vinha lá no Rio de Janeiro, aqui já estava molhado e não passava mais ninguém. Isso ficou uns 15 anos, mais ou menos, que não passava mais ninguém, virou um caminho cheio de mato. Um dia veio um pessoal para medir. Isso eu já tinha meus 10 anos por aí... Mediram onde ia passar a estrada e daí um período que eu não me recordo, aí veio a Camargo Correa e fez isso aí que você vê aí, a BR-101. Demorou uma faixa de um ano e meio para construir”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Fome nós nunca soubemos o que era. Sempre tinha muita comida, mas era almoço com hora marcada, não tinha isso de comer a qualquer hora não. Onze horas era o almoço. Quando eu era criança, tinha 300 galinhas no meu terreiro. Na casa da minha avó era quantidade, 6 a 8 porcos no chiqueiro. Porque comer carne de boi era só no natal. Meu avô ia lá e comprava. Não tinha miséria não”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Como modo de sobrevivência, antes da chegada de grandes empreendimentos na região, tinham como principais fontes as roças e as pescarias, que eram para a subsistência e também para a comercialização. A base da alimentação era proveniente das lavouras de milho, feijão, arroz, batata doce, da produção de farinha - que era vendida em Angra dos Reis - e de peixe:

“ Para comer uma galinha eu falava com o meu avô: ‘vô, vamos comer uma galinha’. Ele respondia: ‘pede a sua avó’. Eu ia e falava com ela, mas era só no domingo. Ovo era balaio de ovo cheio, mas não dava para ninguém não. Ovo de galinha, beiju, farinha, ova de tainha na época de inverno. Eram dez ovas de tainha... Quando a gente ia pescar e voltava, já tinha uma chaleira de café para uns doze homens, uma travessa de farinha seca e ovas de tainha. Pensa numa coisa melhor, se tiver você me conta. Melhor coisa ova de peixe com café com caldo de cana que já tinha moído no dia antes. Fome eu nunca soube o que era isso”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

O cuidado também vinha das hortas. Muitos chás eram utilizados para a cura de enfermidades, como os feitos por Dona Marieta:

“ Minha avó tinha um livro de receita homeopata. Ela fazia chás. A minha avó passava os chás, mas ela não gostava não, tinha que saber quem era”.

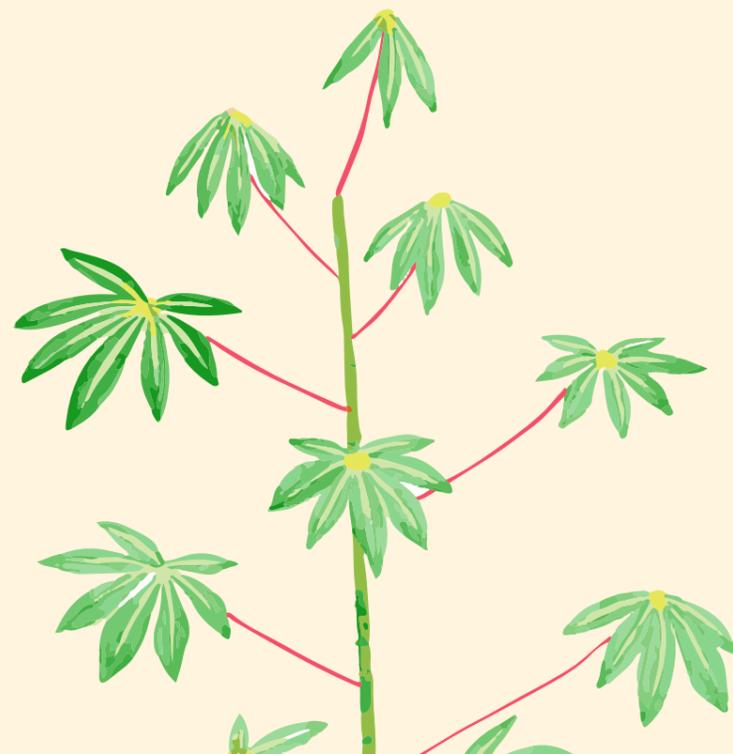
Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Seu Walter Dias de Oliveira e seu filho Dilson de Oliveira

LUGARES DA COMUNIDADE

TIPO	DESCRIÇÃO
Rancho	Rancho de Seu Valter
Comércio	Iris Bar e Restaurante
Área comunitária	Quadra de esportes
Rua	Campo de futebol Rua Marieta Nascimento
Casas	Casas de famílias caiçaras
Morro	Morro da Marreca Morro do Suador
Cachoeira	Cachoeira do Fundão Cachoeira do Periquito
Córrego	Córrego Fundo
Antiga área de roça	Roça
Condomínio	Barla Vento Quinta das Palmeiras



O PASSADO NA ROÇA

As roças na Praia Vermelha hoje não fazem mais parte do cotidiano das famílias caiçaras. Pelo intenso processo de mudança ocorrido no território e no seu entorno, como a construção de grandes empreendimentos, criminalização ambiental, especulação imobiliária e entrada de pessoas de fora, as áreas em que antes predominavam as lavouras atualmente são ocupadas por casas construídas por esses novos moradores.

Outro fator para o fim dessa prática está relacionado às mudanças da perspectiva de muitos jovens, que buscam acesso à outras atividades econômicas, além da continuidade nos estudos que lhe permitam oportunidades de trabalho em outras áreas:

“ A roça parou porque cada um foi para outra coisa. Na época a família era obrigada porque era o meio de sobreviver. Hoje os meus filhos estudaram, se formaram... mas naquela época era pescar. Mesmo tendo um comércio, o meu avô por parte de mãe continuava pescando”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Antiga área de roça da comunidade Praia Vermelha

No tempo em que os plantios faziam parte do cenário local, principalmente no Morro da Marreca, as famílias caiçaras plantavam milho, feijão, mandioca, batata doce, inhame, entre outros. Toda essa produção era utilizada para a subsistência e contava com a ajuda de camaradas, que trabalhavam por diária nas lavouras:

“ Na roça a gente plantava milho, feijão, mandioca, tudo isso... tudo que era de comer. Eu falo nós mas era a minha mãe, porque eu não era muito de roça não. Eles tinham uns camaradas que trabalhavam, tipo diária. Sempre na sexta-feira pagavam. Eles eram da região toda”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Para a comercialização, produziam farinha de mandioca. No passado, cada família tinha sua própria casa de farinha e vendia a produção no centro de Angra dos Reis. A farinha de mandioca também era a base da alimentação:

“ Aqui tinha casa de farinha que fazia farinha dia e noite para levar para Angra, de embarcação. Levava 15, 20 sacos de farinha. Um saco de farinha é 50 kg, para você fazer 50 kg de farinha você tem que tirar a mandioca, raspar, rodar no rodete. O pessoal fala moer, mas a linguagem nossa é rodar no rodete. Rodete era uma roda onde cevava a mandioca. Era das 4 horas até as seis horas da tarde. Cinco ou seis tapiti de massa, que é uma coisa redonda assim. A cada hora tinha que apertar e pegar o polvilho que saía da massa ralada’.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Só vendia a farinha. Tinha banana, mas a família não mexia muito com isso não.

A pesca que a gente vivia mesmo e a farinha. O resto a gente tinha para se alimentar. Pescaria era o dia todo; tinha uma rede que a gente pegava 2.000 kg de peixe”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Farinha não podia faltar, duas, três latas de farinha. A nossa já estava garantida.

Começava na segunda e terminava no sábado”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

A criação de animais, basicamente, era de porcos e galinhas que, assim como boa parte da produção das roças, também tinha como destino a subsistência familiar:

“ Chiqueiro de porco, galinha e balde de ovo. Dava para fulano o ovo... 300 galinhas

botando ovo. Inhame rosa, fica duro. Uma cabeça e dava para o porco. Enchia no fogo e colocava na pressão e dava para o porco. Plantava milho e debulhava. Ali era só roça de milho”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

**PESCA
AGRICULTURA E
EXTRATIVISMO**

PESCA

“ A pesca era uma terapia para mim, olha só, você não depende disso, estamos fazendo isso porque gostamos e queremos. Ganhamos um dinheiro e todo mundo feliz. Uma felicidade para o cérebro”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

A pesca artesanal sempre foi a principal atividade na Praia Vermelha. Infelizmente, com os diversos impactos que afetam diretamente esta prática, o número de pescadores diminui a cada ano. A família do Dilson é um reflexo de como essas alterações impactam o modo de vida tradicional. Desde a época de seus bisavôs, sempre tiveram como principal meio de sobrevivência a pesca, em que realizavam não só entre o núcleo familiar, mas também com camaradas de rede da região, principalmente da Vila Histórica de Mambucaba.

“ Naquela época você não tinha empregado para pescar, você tinha umas oito pessoas que trabalhavam contigo e era chamado camarada de rede. Eles não tinham outro trabalho. Esse meu avô era João Joaquim de Oliveira, morreu com 95 anos. Tem uns 12 anos que já faleceu... Nascido e criado aqui”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Parte do território marinho utilizado pelos caiçaras da Praia Vermelha.

TIPO	DESCRIÇÃO
Praia	Praia Vermelha
	Praia da Vila Histórica de Mambucaba
	Praia do Sul
	Praia do Engenho
	Praia do Coelho
Ilha	Sandri
	Algodão
	Araraquarina
	Mingu
	Araraquara
	Samambaia
	Jurubaiba
	Comprida
	Laje
Laje Nova	
Laje Velha	
Jurubá	
Laje da Samambaia	
Cabo Verde	
Rochedo	
Costão	Costão do Sandri
Caverna	Caverna da Ponta da Andorinha
Ponta	Ponta da Andorinha
	Ponta do Sandri
Cerco	Cerco da Praia do Sul
	Cerco da Praia das Pedras

Área de arrastão	Arrastão
Área de tendá	Tendá
Rancho	Antigo Rancho do Guedes
	Antigo Rancho de João Joaquim de Oliveira
	Antigo Rancho do Zezé
	Antigo Rancho do Dote
Casas na praia	Antiga casa do João Joaquim de Oliveira
	Antiga casa do Eduardo

Os caiçaras atuais descrevem quatro ranchos daquela época: o do João Joaquim de Oliveira, avô de Dilson, o do Zezé, o do Dote e o do Guedes. As canoas eram adquiridas em outros locais, não eram feitas na própria comunidade:

“Meu avô tinha um rancho cheio de ferramentas para pescaria, tinha rede de arrastão, fisgar robalo, equipamentos”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Os tipos de pesca, Dilson nos conta do arrastão, traineira, cerco e rede de cercar.

“Arrastão é uma rede que você deixa uma corda na praia, que existia antigamente que a gente chamava de cabo de Imbé, deixava na praia. Ficava o menino segurando na beira da praia. E a gente ia 500m de cabo para dentro do mar. Chegava lá e largava a rede e ia com outra corda aqui. Isso tudo era remando”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“Tinha traineira, cerco, rede de puxar, rede de cercar. Tudo tem um entrave. O entrave do arrastão tem um entrave que não pode enfiar na lama, vem cortando a lama. O meu avô fazia todas. Ele fazia de cerco também, junto com o mestre do cerco, que é a pessoa que vai indicando como deve ficar a rede. O mestre é quem dá o finalmente na rede. Eu queria que você visse essa tecnologia. O último pedacinho de cerco é o sacador, que é um triângulo que fecha. O sacador do cerco é igual a um coador de café. Você vai puxando e ele vai abrindo... Você mata umas 5 toneladas com o cerco. Um peixe prensa o outro e sufoca o outro. Às vezes não dá tempo de matar assim, porque a gente vai metendo o sarrico e tirando. É o mesmo formato do coador, só que grande”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Pescadores na Praia Vermelha



O melhor período para a pescaria era no chamado tempo quente, entre os meses de outubro e março. Em outros momentos também muito se pescava, como em agosto, mês em que a maré está mais baixa, ou como chamam, mais vazia:

“ Quando estava dando peixe que era outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, isso era chamado pelo pessoal antigo de tempo quente, eles não chamavam de verão. Esses meses, não parava no mar pensando, porque dava todo tipo de peixe que vendia. Era robalo... Era tudo no remo, 500, 600 kg de peixe tudo na embarcação. Era 3 horas remando para Angra. A gente passava ali por dentro da usina”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Quando chega o verão existiam vários tipos de pescarias, porque os peixes vêm para a terra, para as praias. A gente pescava de arrastão, cercando”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Mês de agosto, mês que a maré fica vazia de todo ano. A gente pegava goiá com balaio e samburá. A gente ia assobiando, assobiando pra ele vir. Eu tinha medo... tinha um lugar na costeira que chamava Praia de Santola, que dominava de santola, marisco grande. Mas tem que ir quieto e não falar santola, porque ela corria. A gente falava santa. Do alto a gente via aquilo vermelhinho dentro do poço. A gente pegava 15, 20, enchia o balaio e ia para a casa do meu avô. Nisso o avô já ficou cozinhando o feijão. De longe via a chaminé com o fogo subindo... perto tinha um rancho, saía da cozinha uns 10 metros. Eu chegava na frente com o balaio e falava com o meu avô... Enchia duas latas e chamava no fogo. A mãe fazia um arroz criado, com quantidade. Feijão temperado e a mãe botava dentro de uma peneira cheia de goiá e santola... A gente sentava naquele rancho e comia”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

Além da subsistência, a pesca tinha como objetivo a comercialização. Isso ocorria devido à grande variedade de peixes e o livre acesso ao território marinho. Toda a produção tinha como destino uma fábrica em Angra dos Reis, que distribuía para outras cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro:

“ Tinha oito homens fixos que pescavam com ele. Eles não tinham outra coisa para fazer. O intuito da pescaria do meu avô era matar para vender porque eles também dependiam disso. Eles vendiam em Angra, para uma fábrica de gelo”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Na fábrica de peixe, no natal dava um garrafão de peixe para cada um. Meu avô ia lá e pegava oito a dez garrafões. Quando entrava o mês de dezembro pegava muito peixe, mas não fazia o pagamento. O pagamento só era feito em 23 de dezembro, quando pagava toda aparelhagem de pesca, aí dividia. No natal fazia uma compra, era assim que ele dividia. Pescar para o natal todo mundo entrava dentro. Ele pegava as notas e ia dividindo para todo mundo. O dono da rede é por conta da rede, porque a avaria da rede era ele que pegava. Quem arrumava a rede era a gente mesmo. meu avô fazia rede. Não é todo tipo de rede que você sabe fazer”.

Dilson de Oliveira, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Canoas de Dilson de Oliveira e Dodinho

• A PESCA HOJE

As transformações ocorridas no território marinho são sentidas pelos caiçaras da Praia Vermelha. De um passado de abundância, no qual havia uma variedade de espécies de peixes, se deparam hoje com uma realidade bem diferente.

A construção da Usina Nuclear não só impediu que continuassem pescando no entorno da praia de Itaorna, mas também em vários pontos devido a criação da Esec Tamoios. Somado a isso, o crescente aumento da pesca industrial na região tem afetado de modo significativo os pescadores tradicionais.

“Essa mudança começou de 1980 pra cá. Eu ia na costeira ali, eu nem vivia de pesca, eu ia na costeira e pegava quatro, cinco garoupas, porque eu não queria mais. Garoupa de oito, nove quilos. Na época do cerco mesmo, do cerco nosso, lá atrás das pedras, a gente pegava é tonelada de peixe de pescado. Xerelete, corvina e até robalo a gente pescava era tonelada no cerco. Por que o cerco acabou? Porque diminuiu o pescado. E você para ir lá recolher o cerco dá um trabalho danado, não é menos de oito, nove pescadores para tirar um cerco, o peixe do cerco”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

TIPOS DE PEIXES NA PRAIA VERMELHA

Robalo	Cavala
Anchova	Corvina
Lula	Parati
Bicuda	Tainha
Pescada	Sardinha
Espada	Siri
Bagre	Camarão
Carapau	

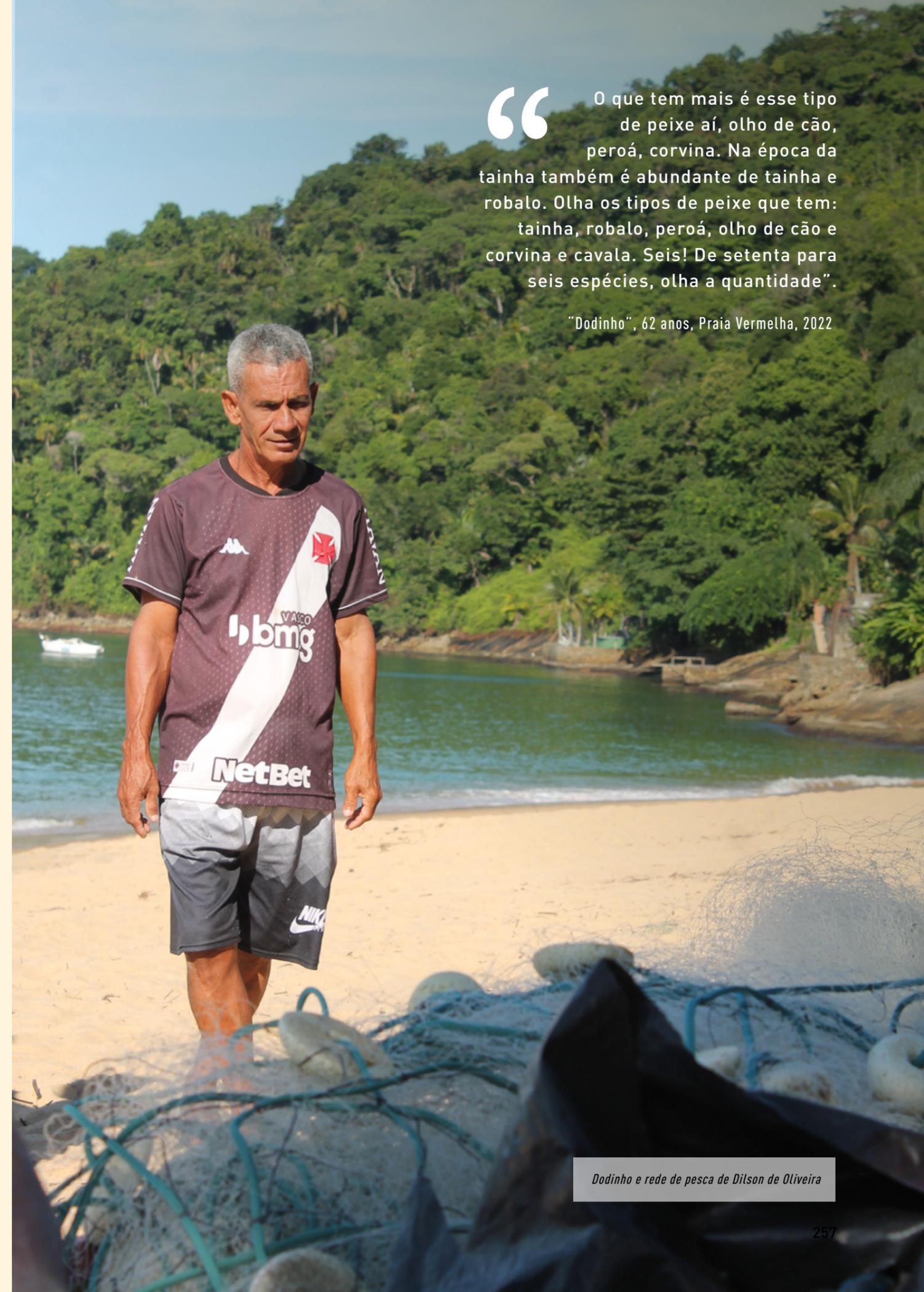
A diminuição na variedade de peixes, e também do território tradicional de pesca, impacta diretamente a economia da comunidade e do próprio município.

“A diminuição afetou o financeiro da gente, porque era peixe mais caro. O olho de boi era o peixe que era mais valioso. O peixe que a gente pesca hoje é menos valorizado. A corvina mesmo, a corvina tem em abundância, mas a gente pega lá a corvina e você vai repassar a corvina para a peixaria e é dez reais o quilo da corvina que a peixaria paga. É por isso que eu não coloco mais rede, pelo valor que eles pagam no pescado. Eu prefiro pegar meu peixe mesmo, eu limpo, vendo e tenho mais lucro eu limpando. E o meu peixe não é caro não, viu”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“O que tem mais é esse tipo de peixe aí, olho de cão, peroá, corvina. Na época da tainha também é abundante de tainha e robalo. Olha os tipos de peixe que tem: tainha, robalo, peroá, olho de cão e corvina e cavala. Seis! De setenta para seis espécies, olha a quantidade”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Dodinho e rede de pesca de Dilson de Oliveira

Como consequência de tudo o que Dodinho nos relata, se dá a saída dos mais jovens para outras atividades econômicas e, também, a desistência de muitos caiçaras em manterem a pesca. Isso ocorre principalmente devido às abordagens violentas que recebem durante as fiscalizações realizadas por funcionários do ICMBio, algumas vezes acompanhados por policiais federais.

Tudo isso cria sentimento de medo entre os caiçaras, pois não se sentem seguros quando estão no mar. Essa insegurança afeta os mais velhos como também os mais jovens e, por consequência, a transmissão do saber tradicional:

“ O que aconteceu é que hoje em dia, como vocês estão vendo fazendo este trabalho de vocês aqui, pescador aqui agora, na realidade, somos eu, Dilson e o senhor Valter, pescadores da Praia Vermelha, mas antigamente tinha uns dez pescadores da Praia Vermelha, essas mudanças aí desanimaram eles a viver da pesca. Uns foram trabalhar na Usina, outros foram varrer a rua, já está todo mundo aposentado hoje em dia porque vocês podem ver a média de idade da gente, tudo tem sessenta anos pra cima, mas antigamente tinha dez ou mais pescadores só na Praia Vermelha. Essas abordagens que eu falei para vocês desanimaram o pessoal de pescar, por causa da humilhação, eles abandonaram a pesca. Hoje em dia os meus filhos e os filhos deles não querem ser pescadores por causa dessas abordagens”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022



Vista aérea da Praia Vermelha com construções de condomínios e pousadas. Ao fundo, as instalações da Usina Nuclear



Como forma de enfrentar esses impactos vivenciados, um grupo de pescadores, liderado por Dodinho, criou a Associação dos Pescadores Artesanais da Praia Vermelha - APA-PRAVER. Hoje conta com cerca de 15 associados que têm como principal fonte de renda a pesca. Da praia Vermelha, têm 3 três associados e os demais são da Vila Histórica de Mambucaba e Parque Mambucaba:

“ Associação dos Pescadores Artesanais da Praia Vermelha, foi fundada em 2005. Nós criamos a Associação porque... o que que acontece, a Colônia de pesca, ela é uma Colônia que na época era muito, tinha muito serviço para a Colônia. Para não sobrecarregar a Colônia e nem a Secretaria de Pesca, eu fundei a Associação para fazer a documentação dos barcos dos pescadores. Porque o pescador não tem tempo de sair daqui para ir lá na Colônia ou na Secretaria de Pesca para atualizar documentação de barco, licença vencida de barco de pesca, até as carteirinhas. Aí eu resolvi fundar a Associação porque só eu com a Associação você tem poder para chegar numa Secretaria de Pesca e entregar a documentação deles, porque aí já é algo de um órgão. Aqui são quinze associados no total. Por que quinze associados no total? Porque eu trabalho com pescador mesmo que vive da pesca, aquele pescador artesanal que é nascido e criado e sobrevive da pesca”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

A comunidade conta com uma associação, Associação de Pescadores Amadores da Praia Vermelha - APAR-PRAVER, fundada em 2005, hoje com 15 associados. E também a Associação dos Moradores da Praia Vermelha - AMORPRAVER.

Como principal bandeira de luta, os caiçaras da Praia Vermelha buscam manter o modo de vida tradicional que, devido aos impedimentos de acessar território que sempre utilizaram, sofrem com o processo de criminalização.

• MUDANÇAS NO TERRITÓRIO

A criação da ESEC Tamoios e do Parque Nacional da Serra da Bocaina estabeleceram uma nova forma de utilização do território tradicional pelas famílias da comunidade. Também são motivos de rupturas no modo de vida, a construção da BR-101 (Rio-Santos), a instalação da Eletronuclear (Angra I, Angra II e mais recentemente Angra III), a indústria naval que se estabeleceu no município, a especulação imobiliária e, por fim, o turismo desordenado.

• CRIMINALIZAÇÃO DO MODO DE VIDA

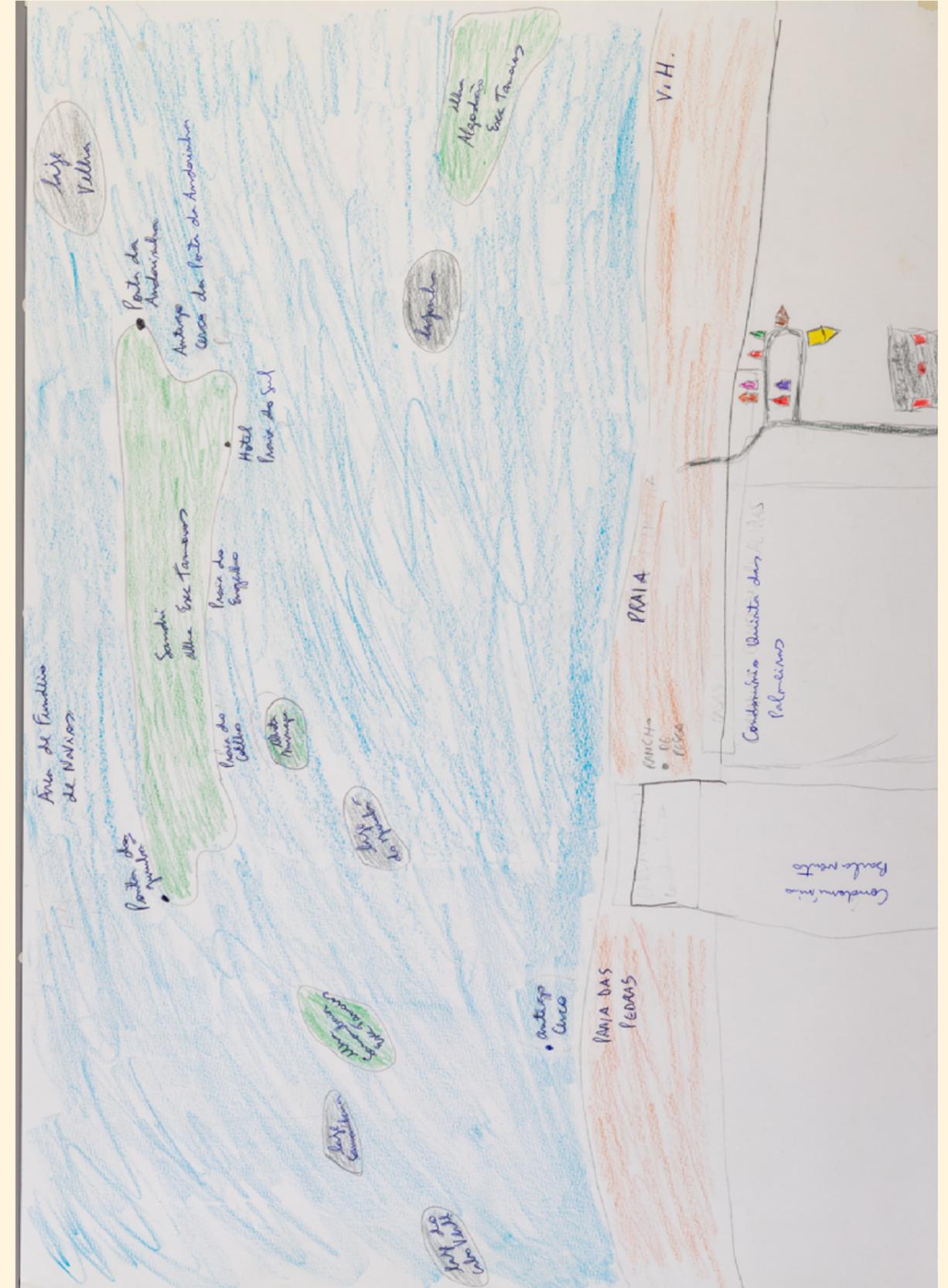
“ Nós sempre vivemos da pesca, anos e anos. A Esec veio depois de nós e proibiram nossa área de pesca. Nós ficamos reduzidos a nada nossa área de pesca, eles estão nos obrigando a pescar onde não tem peixe. E nós na pesca de linha, porque na realidade só quem pesca na área da Esec Tamoios, na área lá de cima, de cerca, são os barcos industriais, porque o pescador artesanal não coloca rede lá. Aí prejudicou a gente. É por isso que nós estamos querendo fazer o Termo de Compromisso junto a eles”.

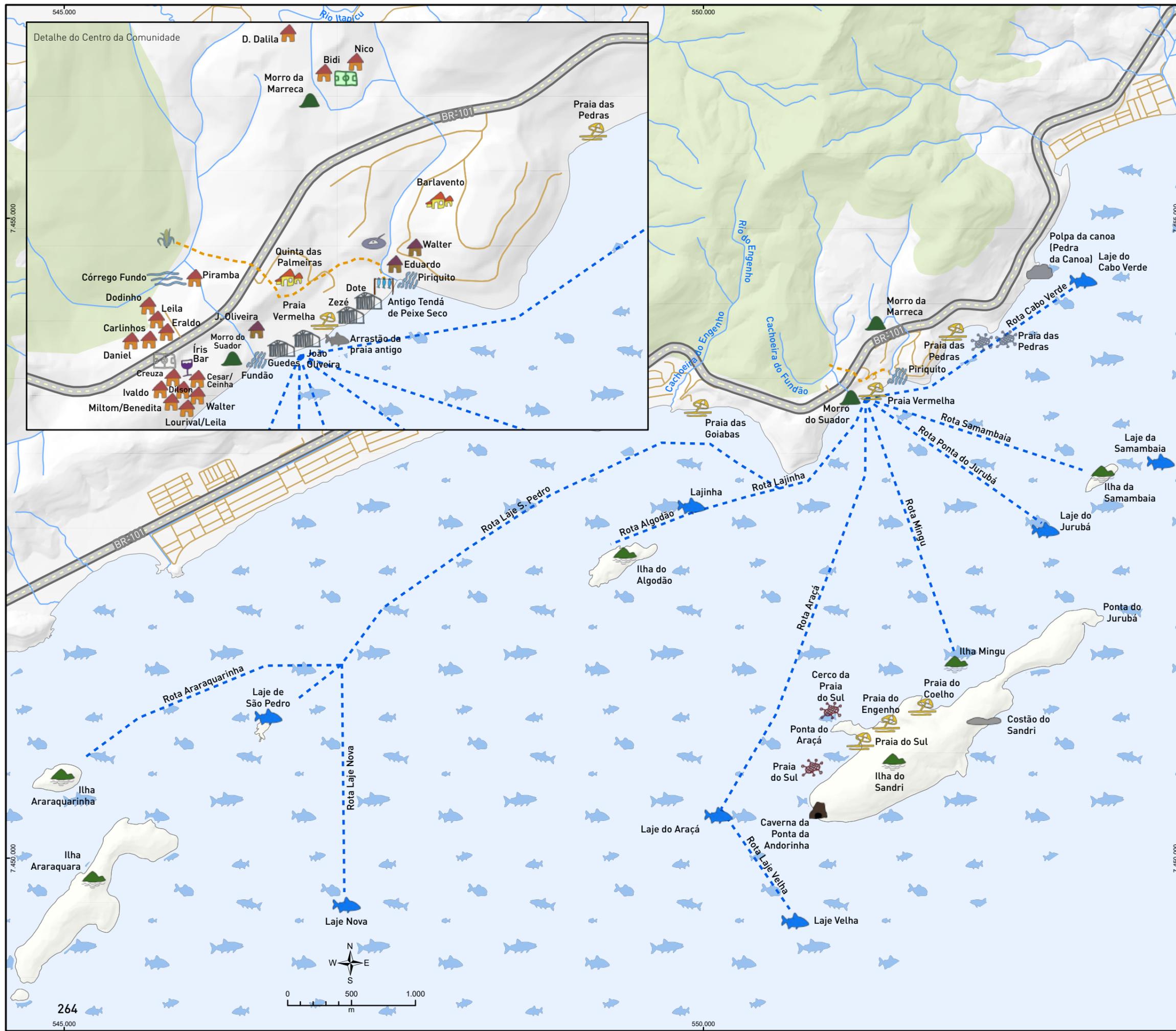
“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

“ Os peixes diminuíram devido a Usina, mas até então nunca fizeram um trabalho assim, uma pesquisa para saber, também nem querem saber. A Usina já está pronta, nem tem como, tem que pescar mais pra fora então. Só que o pescador artesanal não tem como pescar em alto mar com nossa embarcação. A minha mesma é canoa. Mesmo o Dilson tendo barco, embarcação miúda, não tem como ir muito longe, barco de oito metros. Aí diminuiu nossa área de pesca. Daqui a pouco nós estamos pescando na terra, na pedra, não tem mais lugar para pescar. Diminuíram nossa área de pesca, nós não podemos pescar em lugar nenhum mais”.

“Dodinho”, 62 anos, Praia Vermelha, 2022

TIPO	DESCRIÇÃO
Território	Ocupação do território tradicional com construção de casas para veraneio
Território e recursos naturais	Turismo desordenado: esgotamento da infraestrutura local e poluição ambiental
	Criminalização da pesca tradicional
	Pesca industrial
	Presença de grandes navios
Infraestrutura	Falta de saneamento básico
	Locais de lazer





COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA VERMELHA

Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

- Morro
- Rio
- Cachoeira
- Praia
- Pedra
- Toca
- Ilha
- Costeira
- Lajes e parcéis
- Cerco de pesca
- Cerco de pesca antigo
- Pesca artesanal antiga
- Rancho de pesca antigo
- Varal de peixe antigo
- Casa de caiçara antiga
- Casa de caiçara
- Casa de farinha antiga
- Roça antiga
- Quadra de Futsal
- Campo de futebol
- Pesca artesanal

Turismo e comércio local

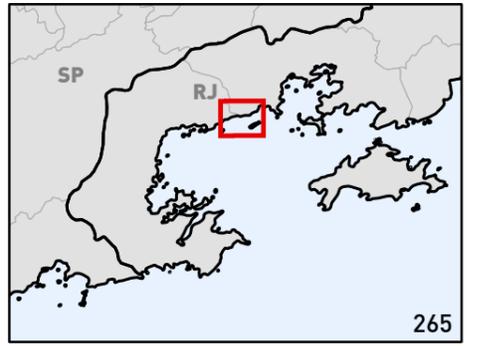
- Bar

Conflitos socioambientais e ocupação não comunitária

- Ocupação não-caiçara

Outros elementos

- Trilha
- Rotas marítimas
- Rio
- Rodovia
- Outras Estradas; Ruas
- PARNA da Serra da Bocaina



www.otss.org.br